

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL PRÓ-FILO**

RAQUEL DAIANA ZIELINSKI

A FILOSOFIA DA PRÁXIS NA FORMAÇÃO POLÍTICA NO ENSINO MÉDIO

**CAMPO GRANDE/MS
2024**

RAQUEL DAIANA ZIELINSKI

A FILOSOFIA DA PRÁXIS NA FORMAÇÃO POLÍTICA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada no curso de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos da Silva

**CAMPO GRANDE/MS
2024**

RAQUEL DAIANA ZIELINSKI

A FILOSOFIA DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO POLÍTICA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PRO-FILO), da Faculdade de Ciências Humanas (FACH), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. José Carlos da Silva

Campo Grande, MS, _____ de _____
de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos da Silva (Orientador)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo (Membro 1)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS)

Prof. Dr. Heitor Romero Marques (Membro 2)
(Universidade Católica Dom Bosco - UCDB)

AGRADECIMENTOS

In memoriam a Antônio Gramsci, por ter deixado como legado o ensinamento da importância da educação como da emancipação humana, e por todos aqueles que foram seus mestres na sua formação.

Pelos tradutores de Gramsci, que ajudaram para que seus ensinamentos chegassem ao Brasil.

A Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), por disponibilizar seu espaço e seus funcionários a formação acadêmica; e por ter tido a iniciativa de juntamente com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), oferecer o curso de pós-graduação de mestrado profissional (PROF-FILO).

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação (MEC), que desempenha um papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado).

A FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul.

A Escola Estadual Vespasiano Martins e todos os profissionais que cedeu tempo e espaço para a aplicação do projeto na prática.

A Secretaria de Educação do Mato Grosso do Sul (SED).

DEDICATÓRIA

Primeiramente Gratidão a Deus e pela minha mãe Neli Terezinha Zielinski pela vida, por ter colocado em mim a vontade e o desejo de buscar cada dia mais conhecimento, por ter colocado pessoas iluminadas que não me deixaram desanimar e nem desistir desse propósito.

Em especial a minha irmã Jaqueline Cristina Zielinski, que sempre foi meu apoio e minha base em todos os momentos, e a Professora Doutora Tatiana Calheiros Lapas Leão, amiga e profissional maravilhosa que é um exemplo de dedicação à educação e que, sem ela, não seria possível chegar até aqui.

A todos os meus professores que fizeram parte da minha trajetória, desde a minha alfabetização, até os estudos de pós-graduação, me ensinando a cada dia a importância de se ter bons mestres.

Aos colegas de turma que fizeram a caminhada mais leve ou mais pesada, mas sempre com algum aprendizado; pelos colegas de trabalho na docência, em especial aqueles que me ajudaram diretamente disponibilizando seu tempo ao meu projeto.

Gratidão aos professores da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FACH-UFMS) em especial ao meu Professor orientador Doutor José Carlos da Silva, que me orientou e me incentivou com os estudos, ao professor Doutor Ricardo Pereira Melo, pelas suas aulas e pelas orientações, sempre diretas e sucintas, a professora Doutora Marta Nunes da Costa, que me ensinou a acreditar que posso ser ainda melhor; e ao professor convidado da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) Professor. Dr. Heitor Romero Marques (UCDB), que aceitou participar da banca e foi incrível em sua contribuição nas observações e orientação.

Agradeço a todos os meus amigos e familiares que entenderam a minha ausência, e não se esqueceram de sempre me mandar mensagem de carinho e apoio, e que acreditaram na minha capacidade de vencer mais essa etapa da minha vida.

Gratidão pela oportunidade de viver experiências incríveis com o conhecimento e de poder estar e chegar até aqui.

“Passagem do saber ao compreender, ao sentir, e, vice-versa, do sentir ao compreender, ao saber. O elemento popular “sente”, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual “sabe”, mas nem sempre compreende e, menos ainda, “sente”.

Gramsci (2015, p. 221)

RESUMO

ZIELISNKI, Raquel Daiana. **A filosofia da práxis na formação política no ensino médio.** 2024. 130 f. Dissertação. (Mestrado em Filosofia – PROF-FILO) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2024.

A presente dissertação visa a produção de aulas, que poderão ser usadas para a continuação do assunto de filosofia política, tratado no 2º ano do ensino médio, sugerindo um sequenciamento didático e estratégias de abordagem que ofereçam alternativas aos professores que pretendam elucidar a partir do senso-comum o pensamento crítico filosófico, dos conceitos políticos sobre hegemonia, filosofia da práxis e democracia. Apresenta como pressuposto a problemática da filosofia política ter seu assunto tratado apenas até a concepção da teoria Marxista. A intervenção prática acontece na escola Estadual Vespasiano Martins, situada em Campo Grande - MS, com os alunos do 2º ano do ensino médio de período integral, durante o ano letivo de 2023, e consistem na apresentação do pensamento do filósofo Antônio Gramsci, sua trajetória de vida, e a explicação de conceitos chave para a emancipação do estudante, em relação a sua participação política na sociedade. Com textos para a interpretação e debates em sala, juntamente com a apresentação do filme “A Onda” como forma de sugestão para discutir os conceitos a serem estudados, com atividade de escrita e a aplicação de questionário. A forma de pesquisa escolhida é a de pesquisa-ação com a aferição qualitativa da aprendizagem, obtida pela forma de avaliação escrita.

Palavras-chave: Gramsci; Hegemonia; Filosofia da práxis; Democracia.

ABSTRACT

ZIELISNKI, Raquel Daiana. **The philosophy of praxis in political education in high school**. 2024. 130 f. Dissertation. (Master's Degree in Philosophy – PROF-FILO) from the Federal University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2024.

The present dissertation aims at the production of classes, which can be used for the continuation of the subject of political philosophy, treated in the 2nd year of high school, suggesting didactic sequencing and approach strategies that offer alternatives to teachers that intend to elucidate from common sense the philosophical critical thinking, from the political concepts of hegemony, Philosophy of praxis and democracy. It presents as a presupposition that the problematic of political philosophy has its subject dealt with only up to the conception of Marxist theory. The practical intervention takes place at the Vespasiano Martins State School, located in Campo Grande - MS, with students in the 2nd year of full-time high school, during the 2023 school year, and consists of the presentation of the thought of the philosopher Antonio Gramsci, his life trajectory, and the explanation of key concepts for the emancipation of the student, in relation to their political participation in society. With texts for interpretation and debates in class, together with the presentation of the film "A ONDA" as a form of suggestion to discuss the concepts to be studied, with writing activity and the application of a questionnaire. The form of research chosen is action research with the qualitative measurement of learning, obtained through the form of written evaluation.

Keywords: Gramsci; Hegemony; Philosophy of praxis; Democracy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 GRAMSCI E SUA HISTÓRIA DE VIDA — DO NASCIMENTO AO CÁRCERE	18
3 HEGEMONIA.....	30
3.1 A Hegemonia e os Intelectuais	36
4 FILOSOFIA DA PRÁXIS.....	44
5 DEMOCRACIA	52
6 METODOLOGIA DE PESQUISA-AÇÃO: INTEGRANDO TEORIA E PRÁTICA PARA TRANSFORMAR A REALIDADE	57
7 O CENÁRIO DA PESQUISA: PRÁXIS NA ESCOLA	68
7.1 A escola <i>lócus</i> do estudo	69
7.2 O sequenciamento didático na prática.....	71
7.3 O desenvolvimento das aulas e suas atividades práticas	74
7.4 A apresentação do filme	75
7.5 A aplicação de questionário e processo de análise	76
7.6 Da prática em sala de aula	77
7.7 Do resultado das questões	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICES	97

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - TCLE E TA.....	96
APÊNDICE B - SEQUENCIAMENTO DIDÁTICO – PRODUTO.....	102
APÊNDICE C - HEGEMONIA, PRÁXIS E DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE DO FILME "A ONDA" À LUZ DOS CONCEITOS DE GRAMSCI.....	110
APÊNDICE D - PLANEJAMENTO DAS AULAS APLICADAS.....	114
APÊNDICE E - MODELO DO QUESTIONÁRIO.....	119
APÊNDICE F – GRÁFICOS.....	122

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi elaborada a partir de uma problemática sentida no âmbito da sala de aula, sobre o que diz respeito ao sequenciamento didático em filosofia política no 2º ano do ensino médio. Observou-se a ausência da clarificação de conceitos essenciais para o entendimento do assunto de filosofia política como a hegemonia, a filosofia da práxis e a democracia, e ainda a falta de material e inserção de Antônio Gramsci, que foi um filósofo com influência política e que contribuiu para a elucidação desses conceitos. A ausência contribuiu para o preconceito sobre o assunto e o não entendimento da dinâmica que acontece na política, historicamente e atualmente no cenário social.

O objetivo é a apresentação de um material para aulas, como ferramenta de apoio aos professores de filosofia e áreas afins, para que seja possível além da elucidação dos conceitos sugeridos, haja também uma corroboração e um fortalecimento no assunto de filosofia política, com a diminuição do preconceito que é sentido quando se trata-se desse tema; com a sugestão de um sequenciamento didático, tendo como base o estudo da trajetória de vida do filósofo Gramsci, suas contribuições sociais e políticas, e principalmente a apresentação sobre os conceitos de hegemonia, filosofia da práxis e democracia.

O teórico escolhido para o estudo e a elaboração das aulas, foi Gramsci, dada a sua importância na história da política e da educação. Esse teórico contribuiu com o desenvolvimento político na Itália, acompanhou o desenvolvimento da Europa frente a inúmeros acontecimentos históricos desde a era feudal, até as teorias liberais, além de ter como base, grandes intelectuais como Lênin, Marx e Croce.

A obra e os conceitos filosóficos do italiano Gramsci têm sido objeto de interesse e debate ao longo das décadas, Gramsci (1891-1937) foi um importante pensador marxista que se destacou por suas reflexões sobre a cultura, a política, a educação e a sociedade, contribuindo com uma abordagem singular para compreender as dinâmicas do poder.

Gramsci (2015), nascido em 1891, na Sardenha, Itália, foi um teórico político e intelectual que deixou um valioso legado para a compreensão da filosofia política, e a proposta de uma educação que fosse acessível e de qualidade a todos que desejassem o conhecimento. Gramsci enfrentou as adversidades da época, incluindo o autoritarismo fascista, o que o levou a repensar o marxismo tradicional e a desenvolver uma visão original e complexa do processo de mudança social.

A filosofia política desempenha um papel fundamental na formação humana, pois oferece uma compreensão, profunda, dos princípios e ideais que moldam as sociedades,

governos e relações entre os indivíduos. Ao explorar conceitos filosóficos, como justiça, liberdade, igualdade e poder, a filosofia política nos convida a refletir sobre o mundo ao nosso redor e nos ajuda a compreender nossa própria natureza como seres políticos.

A filosofia política também nos ajuda a desenvolver habilidades críticas e argumentativas. Ao debater questões políticas, somos incentivados a analisar diferentes perspectivas e alicerçar nossas opiniões em argumentos sólidos e lógicos. Essa capacidade de avaliar criticamente as estratégias políticas e como funciona essa estrutura responsável por toda organização da sociedade é essencial para o desenvolvimento de autonomia e emancipação na participação política e a continuidade de uma sociedade democrática, em que a tomada de decisões é frequentemente baseada em debates e deliberações de nossos representantes políticos.

Outro aspecto relevante da filosofia política é sua contribuição para a formação de cidadãos mais engajados e conscientes. Ao entender os fundamentos do sistema político em que vivemos as estruturas de poder e as relações sociais, somos capacitados para participar ativamente do processo político. Isso inclui a participação em eleições, debates públicos, movimentos sociais e outras formas de engajamento cívico. A filosofia política nos ensina que a política não é apenas uma atividade para os políticos profissionais, mas é um assunto que diz respeito a todos os cidadãos, pois tem implicações diretas no que tange viver em sociedade.

Outra contribuição da filosofia política é que ela nos ajuda a desenvolver empatia e compreensão em relação aos outros. Ao explorar as diferentes visões políticas e éticas, somos desafiados a considerar as perspectivas de diferentes grupos sociais e culturas. Isso nos permite transcender nossas próprias crenças e nos tornarmos mais abertos e tolerantes em relação à diversidade de ideias e identidades. A filosofia política nos desafia a pensar criticamente sobre as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e injustiças, e a buscar alternativas para promover a dignidade e o bem-estar de todos os indivíduos.

Alguns aspectos das competências gerais da educação básica serão aqui contemplados como, por exemplo, colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; exercitar a curiosidade intelectual, valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho. Fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Além de agir individual e coletivamente com autonomia, flexibilidade,

resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A filosofia política engloba o viver em sociedade, e a consciência em se tornar um cidadão que fará parte de decisões que mudam o percurso da história. Também é uma disciplina que ajuda na aprendizagem de interpretar textos, desenvolver a escrita, quando se propõe a investigar períodos históricos e teorias, e é referência para lidarmos com os problemas que surgem em sociedade, desenvolvendo o pensamento crítico.

O Ensino Médio é uma etapa crucial na formação dos estudantes, pois é nesse período que são abordados conteúdos que os prepararão para uma atuação consciente e crítica na sociedade. A disciplina de filosofia política desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo aos estudantes compreenderem as estruturas de poder, as ideologias políticas e as diferentes concepções de justiça e sociedade.

No entanto, ao tratar do sequenciamento do assunto de filosofia política no Ensino Médio, é relevante discutir a ausência das teorias do filósofo italiano Gramsci, cujas ideias têm sido amplamente reconhecidas como fundamentais para uma compreensão mais abrangente do tema.

Gramsci (1891-1937) foi um teórico marxista e um dos principais intelectuais de sua época. Sua abordagem crítica à sociedade e à política se destaca pela concepção de "hegemonia" e pela análise da cultura e das ideologias como instrumentos de dominação e controle social. Gramsci argumentava que a classe dominante não se mantém no poder apenas por meio da coerção, mas também por meio da disseminação de valores, crenças e práticas que se tornam hegemônicas e, assim, legitimam a sua posição de mando.

Incorporar as teorias políticas desenvolvidas por Gramsci, nos livros dos Cadernos do Cárcere – aqui sendo usado como base o volume 1 e 5, com a tradução de Coutinho – ao ensino de filosofia política no Ensino Médio proporcionaria aos estudantes uma visão mais crítica e abrangente das estruturas de poder presentes na sociedade.

Ao entender a importância da cultura e das ideologias na manutenção do *status quo*, os alunos seriam capazes de analisar de forma mais profunda como as ideias e os discursos políticos são disseminados e internalizados pelas diferentes classes sociais. Além disso, as teorias gramscianas oferecem ferramentas valiosas para entender os mecanismos de resistência e luta por transformações sociais.

A noção de "contra hegemonia" de Gramsci abre espaço para discutir como movimentos sociais e grupos oprimidos podem se organizar e contestar as estruturas de poder existentes, buscando a construção de uma nova ordem mais justa e igualitária.

Analisando como essa ausência das teorias de Gramsci no ensino de filosofia política pode limitar a compreensão dos estudantes sobre as complexidades do poder e da política na sociedade contemporânea e também pode levar a uma visão superficial e simplista do funcionamento do sistema político, reduzindo o debate a apenas algumas correntes de pensamento tradicionais, pensou-se na produção de aulas que fosse capaz de suprir essa necessidade, trazendo a compreensão do fundamento das teorias de Gramsci, a sua trajetória de vida, os conceitos como a hegemonia, a filosofia da práxis e a democracia.

Essas aulas têm a pretensão de fazer com que os estudantes ampliem seu repertório teórico, desenvolvendo habilidades analíticas mais refinadas e, se tornando cidadãos mais críticos e engajados em relação aos desafios políticos de sua época. Ao valorizar a pluralidade de ideias e perspectivas, o ensino de filosofia política se fortaleceria, cumprindo sua missão de formar cidadãos ativos e conscientes em uma sociedade democrática.

Por se tratar de um mestrado profissional, esta dissertação não se restringe ao caráter teórico de uma pesquisa acadêmica; trata-se da elaboração que envolve também aspectos inerentes à intervenção prática juntamente com a teoria. Refere-se a uma dissertação que além dos aspectos históricos e filosóficos, contempla ainda a sugestão de aulas para o auxílio de demais colegas docentes, na aplicação do assunto de filosofia política para o 2º ano do ensino médio.

Nesse sentido são apresentados textos que trazem os seguintes assuntos: Vida e obra de Gramsci do Nascimento ao Cárcere, e os conceitos de Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia. No primeiro momento é possível compreender pela sua trajetória de vida e pelas influências de teóricos que o antecederam e serviram como base, para que Gramsci elaborasse a concepção dos conceitos que elenca como primordiais para o entendimento e formação política do cidadão e a preocupação com a oferta de educação para todo o povo proletário.

Alguns dos fatos históricos que ocorreram e foram acompanhados de perto por Gramsci como, por exemplo, a instauração do capitalismo na Europa, a escolha do socialismo como forma de governo na Rússia, a Ascensão do fascismo na Itália e o desenvolvimento do comunismo, serviram como base para a elaboração de conceitos que alicerçam a discussão política e a luta de Gramsci por uma sociedade mais igualitária.

Essas experiências particulares do filósofo fizeram com que ele se tornasse um representante da luta de classes e participasse de forma ativa da política em que sentiu a necessidade de fundar o Partido Comunista Italiano (PCI). Sendo fortemente influenciado pela corrente filosófica marxista, que serviram como base para seus projetos sociais.

Mas Gramsci sabendo da importância e da influência da política na educação tinha consciência que para a disponibilização de conhecimento para todo o povo, seria necessário que houvesse um interesse político e comercial por parte dos grandes industriais. Logo, a criação do PCI era essencial para seguir em frente com seus objetivos, isso significava ter um grupo de pessoas que pudessem representar a classe operária e defender os interesses dos proletários, tendo como barganha a mão de obra do povo, que os industriais dependiam para a produção de seus bens e serviços.

No contexto da educação, Gramsci (2015), defendia que a educação era uma das principais ferramentas utilizadas pelas classes dominantes para perpetuar sua hegemonia sobre a sociedade. Ele via a educação como um meio de inculcar valores, ideologias e normas que mantinham a ordem social existente e favoreciam os interesses da classe dominante. Isso ocorria tanto através do currículo escolar quanto das instituições educacionais em si, que refletiam e reproduziam as relações de poder vigentes na sociedade.

No entanto, Gramsci (2015) também acreditava que a educação poderia ser uma força transformadora para a mudança social. Ele defendia a ideia de uma educação libertadora, voltada para o desenvolvimento da consciência crítica dos indivíduos e a formação de uma nova cultura que pudesse questionar e desafiar a ordem dominante. Essa educação crítica seria capaz de despertar uma consciência de classe nas camadas subalternas da sociedade e criar uma cultura própria, que poderia desafiar a hegemonia cultural da classe dominante.

Gramsci (2015), enfatiza a importância de se formar intelectuais orgânicos, que saiam das massas populares, pois estes têm a preocupação e sentem na pele as necessidades que outros intelectuais conhecem apenas de forma teórica, e que faz toda a diferença quando se pensa em soluções políticas e sociais, para formar uma nova hegemonia política é preciso que ela surja dessas classes.

É possível observar pela biografia de Gramsci (2015), que ele não carregava o problema do “erro intelectual”, porque ele havia sentido na pele as questões que envolviam a dificuldade de acesso aos estudos, que era um representante real de intelectual orgânico. Na sua história de vida constatamos que quando jovem, teve dificuldades por depender de uma bolsa para dar continuidade a sua trajetória acadêmica e depois, como perseguido político no cárcere percebeu que era necessário não parar de produzir conhecimento, pois, assim, seria um prisioneiro apenas das grades físicas, mas seus pensamentos e ideais políticos poderiam ter continuidade.

Gramsci (2015), vai defender a importância de se formar massas de intelectuais orgânicos, formar seres pensantes dentro das classes operárias; assim, tendo uma representatividade em todos os níveis sociais. Esse princípio só é possível a partir da educação, pois o filósofo defende que além das igrejas e sindicatos, a escola é um dos ambientes onde é possível emergir uma nova concepção de filosofia política.

A questão de uma educação igualitária para todos era uma das principais teorias para se diminuir a diferença entre as classes sociais. A educação aproximaria os intelectuais dos operários braçais, se estes tivessem a mesma qualidade educacional e se trabalhassem em cargos diferentes apenas por sua aptidão ou talento, e não pela diferença salarial ou defasagem intelectual.

Como esta dissertação trata de uma pesquisa e um desenvolvimento de aulas para serem usadas pelos colegas docentes no ensino médio, apresenta-se um capítulo voltado à intervenção, um conjunto de aulas e de abordagem de textos específicos ao estudo da biografia como apresentação do teórico Gramsci, um aprofundamento do assunto sobre Hegemonia, a Filosofia da Práxis e a Democracia. Busca-se, além do estudo dos conteúdos estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica-Filosofia (DCEB-F), um sequenciamento didático que ajude a provocar os/as estudantes para a questão da sua participação na política brasileira, com o objetivo de promover reflexões sobre a sua autonomia e emancipação política.

A intervenção deve ser entendida como a continuidade de um processo de formação, sobre as teorias políticas, tendo como ponto de partida e pré-requisito para o início da aplicação do material nas aulas, a discussão de autores e teorias do modernismo como Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, e Hegel, passando enfim para as teorias Socialistas com Marx, e enfim discutindo as teorias de Gramsci.

Mas esse processo elencará não apenas as diferenciações e comparações dos ideais marxistas com os ideais gramscianos, mas trará o conhecimento autônomo de Gramsci em sua trajetória, como fundador do PCI o que ele entendia por Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia.

Cada um desses conceitos foi tratado de forma, estratégica, metodológica e programada para que o sequenciamento seja eficaz. Contudo, sabe-se que o tempo destinado à disciplina é bem escasso, já que falamos geralmente de uma aula por semana. O trabalho para o desenvolvimento dessa continuidade do assunto deverá ser direto, mas sempre aberto a debates e ao esclarecimento de dúvidas dos estudantes. Priorizando o tempo de qualidade da aplicação e respeitando o tempo de compreensão de cada um.

É importante que o docente seja neutro em demonstrar a teoria gramsciana sem envolvimento tendencioso, deixando sempre claro que a exposição do pensamento em questão é do teórico Gramsci — como se costuma fazer — para que os estudantes se sintam à vontade para questionar, ou debater sendo a favor ou contra o pensamento do filósofo.

Ressalta-se que Gramsci já trazia em seu tempo, que cada indivíduo terá uma forma de enxergar as modificações históricas segundo o meio em que vive, segundo as suas experiências vividas. E respeitar a individualidade do pensamento do jovem que está em pleno desenvolvimento também abre caminho para novos ideais e novas teorias políticas.

Para o levantamento dos resultados foram coletados dados antes e pós-intervenção, através de formulários contendo questões objetivas e dissertativas, a fim de poder avaliar o desenvolvimento qualitativo do estudante de acordo com porcentagem de aproveitamento frente à aplicação das aulas.

2 GRAMSCI E SUA HISTÓRIA DE VIDA — DO NASCIMENTO AO CÁRCERE

Ao estudar um autor podemos seguir métodos hermenêuticos diferentes e opostos, um deles se refere em concentrar os esforços nas leituras e textos que influenciaram o autor em suas teorias; outra forma é analisar o período histórico em que o autor viveu e justificar o desenvolvimento de suas teses de maneira mais ampla, observando os problemas que foram enfrentados e como o meio interferiu para que as ações e produções literárias se desenvolvessem e fizessem com que o autor chegasse a essas percepções e teorias válidas não apenas para o seu momento histórico, mas como um legado atemporal.

No primeiro caso chegaremos a um resultado tautológico, iremos descobrir como o autor foi influenciado pela cultura do seu tempo, em que temos a impressão de uma continuação ou a repetição de ideias, o que é comumente discutido entre intelectuais. No segundo caso, podemos chegar a resultados mais frutíferos compreendendo como as escolhas teóricas do autor são essencialmente entrelaçadas a tomada de consciência da realidade concreta, ou seja, o teórico vai de encontro a estudar e se relacionar com personalidades influentes que ofereçam conteúdo que já tenham de certa maneira características que sejam parecidas com seu pensamento e suas necessidades sociais.

No caso de Gramsci, uma das formas de demonstrar e compreender a originalidade do seu pensamento consiste em avaliar como o filósofo lidou com os problemas concretos que estavam acontecendo em seu período histórico. Como por exemplo, o atraso econômico e social da Itália em relação à Europa, a primeira guerra mundial, a virada de 1917 na Rússia, o fracasso do ocidente nas revoluções depois da guerra, o nascimento e a ascensão do fascismo. Fiori (1979). O que nos faz ir ao encontro do pensamento de Marx (1985, p. 25) dirá: “Não é a consciência dos homens que determina seu modo de ser, mas sim o ser social dos homens”.

O que inspira e orienta a investigação e a elaboração teórica de Gramsci (2015), ou o que sempre foi tomado como necessário é a importância da emancipação integral do homem. Seja, materialmente ou espiritualmente, a não emancipação condena os subalternos a exploração e a dominação por aqueles que acreditam ser superiores, então, além de suas contribuições filosóficas que definem a sua trajetória intelectual, devemos sempre levar em consideração que sua história e suas prioridades sempre tiveram um cunho político. Logo, fazer uma análise na qual se tenta desvincular o papel de Gramsci na política, suas ações perante as circunstâncias históricas, o Gramsci cultural, seria uma forma incorreta intelectualmente de trazer a essência de sua biografia.

Devemos então, evitar que ele seja reduzido à genealogia da qual originou seu pensamento. Porque um autor sempre será diferente das influências que o formaram, mesmo sendo esses fundamentais nessa formação. Sempre existirá uma originalidade e a necessidade de um conhecimento à priori. Gramsci é um clássico que se perpetuou pelo legado de seus escritos deixados, e porque o assunto tratado pelo filósofo é sempre atual, principalmente por discutir momentos sociais latentes como no caso das crises, que acontecem com frequência em todo o mundo.

Toda a sua trajetória é de relevância para o entendimento dos acontecimentos históricos que orientaram o pensamento e as teorias do filósofo, bem como a sua tendência a estudar os pensadores que vinham de encontro com seus valores e objetivos. Por esse motivo a leitura de sua biografia tem ênfase nesses acontecimentos e tem a pretensão de levar o leitor a imaginar as circunstâncias que serviram como base aos conceitos e teorias deixadas pelo filósofo.

Gramsci nasceu em 1891, na cidade de Ales (Cagliari, Sardenha), uma ilha periférica da Itália. A Sardenha e a Sicília tinham sido colonizadas pelo Norte, que era visto como um problema para a unificação da Itália, e essa questão ainda atormentaria Gramsci por ser meridionalista e um seguidor da filosofia de Benedetto Croce (Gramsci, 2015).

A partir da obra “A vida de Antônio Gramsci” escrita por Fiori (1979), tomamos como base as informações biográficas que seguem.

A família era composta de 7 irmãos e por alguns anos apenas sua mãe supriu o sustento de todos pela ausência do seu pai, passava por inúmeras dificuldades financeiras, que fizeram com que sua infância fosse ainda mais difícil. Quando tinha apenas 4 anos, sua babá o derruba dos braços e faz com que Gramsci tenha uma saúde fragilizada. Gramsci era corcunda, deficiência que à princípio seria devido à queda, mas depois quando ficou encarcerado, uma pesquisa revelou que ele sofria de doença de Pott, uma espécie de tuberculose óssea, adquirida em sua infância. Sua mãe — Guiseppina Marcias — recorreu a vários métodos para amenizar sua deformidade, mas sem sucesso.

Essa informação nos faz pensar nas dificuldades enfrentadas desde infância, como a deficiência, e a pobreza extrema, o que faz com que o impulso primário de uma criança como Gramsci, pensar em mudar a sua realidade de alguma maneira, e demonstrou que era capaz pelo seu empenho nos estudos e pelos desenvolvimentos de protótipos que eram pensados em melhorar a sua vida e de outras pessoas.

Entre 1897 e 1898 Gramsci começa a frequentar a escola primária. Com apenas 7 anos de idade, já se destaca pelo bom italiano e demonstra grande interesse pela leitura e pelos

estudos. Nesse período, se sobressai por suas invenções; desenvolveu um protótipo de chuveiro, alguns brinquedos para si e mais tarde aparelhos de ginástica que usava frequentemente com o intuito de diminuir sua anomalia física.

No ano de 1900, seu irmão mais velho Gennaro, aos 16 anos foi o primeiro que começa a contribuir com o sustento familiar. Em 1902, Gramsci completa a escola primária e precisa começar a trabalhar para ajudar no sustento de sua casa, em 1903, aos onze anos de idade, passa a ser funcionário de um cartório.

Assim que terminou o 5º ano ginasial, Gramsci mesmo com suas ótimas notas teve que se afastar da escola, até a saída de seu pai da prisão, uma situação que lhe causou revolta. Mesmo afastado da escola, ele continua seus estudos de Latim, para que quando voltasse não estivesse em desvantagem em relação aos demais estudantes.

Quando Gramsci tinha 13 anos, eclode acontecimentos que agravam uma crise que já duravam 15 anos na Sardenha. Nessa parte da ilha existia um atraso econômico que vinha sendo remediada pela venda ao mercado francês de vários produtos agrícolas, o que impedia a miséria total. Mas em 1889, acordos comerciais são cancelados e a crise alcança seu ápice. A Sardenha precisa de indústrias para atenuar as consequências do colapso agrícola e absorver a mão de obra excedente. Essa situação teve alguns desdobramentos como alto fluxo migratório, desemprego, subemprego e banditismo. O bloqueio das exportações faz com que a produção fosse vendida a um preço muito baixo, o corte nos incentivos para a agricultura fez com que os proprietários de terras começassem a vender suas propriedades por um preço simbólico, aos poucos grandes proprietários; que passaram a ter domínio de grande parte da produção da Sardenha, juntamente com grandes produtores de queijo e concessionários de reservas de minério.

Esse feito ficou marcado na trajetória de Gramsci que escrevera mais tarde sobre a luta de classes.

A 'luta de classes' escreveria em 1919, Antônio Gramsci, com referência aos camponeses em geral, mas com palavras que retratavam a realidade sarda daqueles anos, 'confundia-se com banditismo, com chantagem, com incêndio das mantas, com o roubo do gado, com o rapto de crianças e mulheres e com assaltos à municipalidade. Era uma forma de terrorismo primário, sem consequências eficazes e estáveis' (Fiori, 1979, p. 39 – grifos do autor).

Gramsci só pôde voltar a frequentar a escola aos quinze anos de idade, mas isso só foi possível em uma escola pública, onde segundo ele só tinha três professores, e os alunos tinham que conviver com a insalubridade e a falta de estrutura básica para estudar.

Aos 19 anos Gramsci escreve seu primeiro artigo (texto) para o jornal “*L’unione sarda*”, foram 25 linhas de uma notícia simples, mas que já demonstrava a forma bem-humorada dele retratar os fatos acontecidos. Aos 20 anos terminava o 3º ano colegial; com muitas dificuldades econômicas. Escreveu que por oito meses tinha apenas uma refeição por dia que era o almoço, e desenvolveu um estado grave de desnutrição. Nesse mesmo período Gramsci já demonstrava adesão ao marxismo, e logo após terminar os seus estudos colegiais, começou a fazer testes para concorrer uma bolsa para cursar a faculdade, pois, sabia que sua família não teria como pagar. Conseguiu a bolsa de estudos e nesta mesma ocasião conheceu Togliatti — amigo que continuará fazendo parte de sua trajetória pessoal e política — se aproximam e se reconhecem pelas suas dificuldades vividas. Gramsci por muitas vezes se recordava de alguns de seus professores da universidade e os citava nos cadernos e em alguns artigos e publicações nos jornais.

Mesmo depois de muito tempo afastado de seus conterrâneos — o povo Sardo — Gramsci sempre retomou e retornava sobre as dificuldades de seu povo evoluir na parte intelectual, econômica e política. Sem essa evolução, a Sardenha continuaria sendo um lugar onde a população seria explorada, hostilizada e esquecida. A Sardenha tinha a fragilidade de ser refém de um capitalismo mal estruturado, a cidade passava por situações de modificações nas formas de produção, na economia e no social, e ainda a população tinha que lidar com a guerra e as revoluções que a Europa enfrentava.

Em 1915, Gramsci interrompeu o curso de letras devido às dificuldades financeiras que acarretaram problemas de saúde e por não conseguir fazer todos os exames necessários para prosseguir com seus estudos. Mas no mesmo ano começa a escrever artigos para o jornal “*L’Avanti!*” já sobre o avanço do socialismo na Europa.

Depois de um longo tempo sem ter muito contato com a família, ele retrata em suas cartas, que havia vivido tempo demais para o cérebro e nada ao coração, e agora lentamente voltava a ter gosto pela vida, pelo debate político e pela atividade jornalística.

Gramsci ainda não havia decidido se abandonaria os estudos na faculdade de letras, pois, seus interesses agora, prevaleciam sobre os estudos universitários, que se voltavam às questões latentes da política e das formas de governo que se apresentavam na época. Gramsci já acreditava que o socialismo era a reposta de todos os problemas, inclusive os pessoais.

Em 1916, Gramsci escreveu vários artigos para o jornal, mas usava um codinome, pois para ele bastava às ideias em si, não gostava de nenhum tipo de idolatria, então adotou “A, G” Alfa Gama, mas seus artigos chamavam a atenção, existia uma excentricidade em relação ao tradicional estilo de esquerda, seus textos tinham partes cômicas e irônicas,

levando o conhecimento de forma aprazível sobre a política e a economia. Em seus escritos foi identificado um método que foi chamado de “maiêutico socrático” de educação das massas.

Nesse mesmo ano Gramsci já havia sublinhado — publicação feita em 1916 no Jornal “*II Grido*” — a relação necessária entre atividade cultural e revolução. Que reforçava a ideia já antes entoada por Bórdiga, “Ninguém se torna socialista através de instrução, mas sim das necessidades reais da classe a qual pertence” (Fiori, 1979, p. 129)¹.

O homem é acima de tudo espírito, isto é, criação histórica, e não natureza. Não se poderia explicar de outra forma por que, havendo existido sempre explorados e exploradores, criadores de riqueza e consumidores egoístas dela, o socialismo ainda não tenha se realizado. O fato é que só de degraus em degraus, de arranco em arranco, a humanidade adquiriu consciência do seu próprio valor [...] E esta consciência se formou não sob o grilhão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da reflexão inteligente, primeiramente de alguns e depois de toda uma classe, sobre as razões de determinados fatos sobre os meios mais adequados para transformá-los da condição de vassalagem em estandarte de rebelião e de reconstrução social. Isto significa que toda revolução foi precedida de um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural (Fiori, 1979, p. 130).

De tantas contribuições o próprio Gramsci diz ter escrito cerca de 20 livros de 400 páginas, mas na sua concepção esses artigos deveriam morrer logo acabasse o dia, sem imaginar o quanto poderiam ser importantes para a humanidade, a maneira com que ele descrevia os passos de uma nação as voltas com tantos acontecimentos de alta relevância histórica.

Em 1917, seus escritos vão dar ênfase a mulher, a importância da participação delas na construção familiar, como agente moral, como trabalhadora, sobre a mulher que sente por si, e tem consciência de suas necessidades. Nesse período Gramsci participa de uma conferência para o grupo feminino de Borgo Campidoglio (Fiori, 1979).

Posteriormente tanto à recusa do anticlericalismo sectário quanto a tese das alianças de classe serão centrais no pensamento de Gramsci. Escreve um artigo de 4 páginas com o título “*La Citta Futura*” — no jornal “*L'Ordine Nuovo*” —. Nesse artigo Gramsci demonstra por quais pensadores era fortemente influenciado, como Gaetano Salvemini, Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Armando Carlini. Algumas partes de “*La Citta Futura*”, fora censurado, nesse texto Gramsci consegue trazer toda uma concepção histórica, muito sobre a luta de

¹ É importante ressaltar que referências exatas de fonte não são explicitadas no livro ao qual se refere o trecho, de Bórdiga e Gramsci, por esse motivo não sendo possível acessar a fonte original de tais informações, aceita-se como fidedigna a obra de Fiori de 1979.

classes, pelo socialismo e pelo povo italiano. Esse texto trazia a vontade de fazer um novo jornal voltado à classe operária.

Colocamos nessa folha um título que não é apenas nosso, antes que a guerra convulsionasse o mundo com seu flagelo irresistível, eu e alguns amigos tínhamos decidido lançar uma nova revista socialista para servir de centro das novas energias morais, do novo espírito, palavra censurada, talvez revolucionário e idealista da nossa juventude... Na grande fé do nosso ânimo cheio de mocidade e de ardor pensávamos em recomeçar uma tradição bem italiana, a tradição mazziniana² revivida pelos socialistas, Mas a intenção não foi abandonada. Os companheiros que a guerra nos arrancou retornarão ao centro. E a revista sairá (Fiori, 1979, p. 135-6).

Em 1918, Gramsci passou a escrever crônicas de cunho socialista para disseminar a ideia Lenista. Depois da prisão da editora do jornal, ele passou ao posto de diretor do Jornal “*Il Grido*”, e em pouco tempo deu uma nova roupagem para o semanário. Passou a traduzir e publicar textos Bolcheviques, com noticiário e documentos, com a ajuda de um companheiro polonês Aron Wizner.

‘O pequeno semanário de propaganda do partido – recorda Piero Gobetti / jornalista e intelectual liberal italiano – tornou-se em 1918 uma revista de cultura e de pensamento. Publicou as primeiras traduções dos escritos revolucionários russos, propôs a exegese política da ação dos bolcheviques. O animador dessas pesquisas era o cérebro de Gramsci, uma vontade heroica de libertação, os motivos ideais que constituíam o mito bolchevique, ocultamente fervidos na psicologia popular, deviam agir não como o modelo de uma revolução italiana, mas como o incitamento a uma livre iniciativa operante vinda de baixo.’ (Fiori, 1979, p. 142-3 – grifos do autor).

Em 1º de maio de 1919, saía a primeira edição de “*L’Ordine Nuovo*”, Jornal Revolucionário e Marxista, e que tinha como responsável Gramsci, como “secretário de redação” e que se tornou o jornal dos conselhos de fábrica. Trazia nas suas edições a problemática da liberdade proletária e a necessidade de uma revolução operária. Já em dezembro de 1919 as reuniões com o proletariado e o engajamento político começavam a render frutos.

² O Mazzinianismo é uma corrente de pensamento que apoia as ideias políticas do patriota, político e filósofo italiano Giuseppe Mazzini, ou a convicção de que a libertação da Itália só poderia ocorrer através da constituição de um Estado republicano unido e que poderia tornar possível a redenção nacional sejam apenas as pessoas animadas por uma fé religiosa profunda. Para Mazzini, a verdadeira República é o lugar onde a liberdade e a justiça serão feitas para todo o povo. Acredita-se que o grande mérito histórico desse movimento, apoiado e animado pela grande personalidade de seu fundador, é que contribuiu decisivamente para a disseminação da ideia da nação nos estados liberais e progressistas da classe que aspirava à liberdade. A ideia de liberdade se une ao pensamento de Mazzini indissolúvelmente à ideia de “pátria”. Como o historiador Rosario Romeo diz: “... O mazzinianismo conseguiu perceber, em escala nacional, o primeiro movimento verdadeiramente democrático”. O Mazzinianismo, no entanto, não deve ser considerado um mero movimento irredentista ou nacionalista. (Andrade, 1982).

‘A fórmula ‘ditadura do proletariado’ - concluía o artigo, escrito por Gramsci em colaboração com Togliatti – deve deixar de ser apenas uma fórmula, uma ocasião para alardear fraseologia revolucionária. Quem deseja o fim, deve também desejar os meios. A ditadura do proletariado é a instauração de um novo Estado, tipicamente proletário, no qual confluem as experiências institucionais da classe oprimida, na qual a vida social da classe operária e camponesa torna-se sistema difuso e fortemente organizado. Este Estado não se improvisa.’ (Fiori, 1979, p. 151 – grifo do autor).

As eleições se aproximavam e o proletariado se organizava para finalmente ter representatividade política. Os conselhos de fábrica se organizaram, e em menos de 1 hora 120 mil operários formaram um verdadeiro exército proletário, que varreu das ruas todos os nacionalistas e militaristas. Os conselhos tinham reivindicações sobre o horário de trabalho, sobre a insalubridade nas fábricas e sobre os baixos salários. Mas também a classe operária queria o controle da produção pelos representantes dos conselhos de fábrica.

O partido comunista ganhava cada vez mais adeptos, porém, as brigas internas do partido davam conta de enfraquecer a classe, pela diferença de opiniões e pela falta de direcionamento intelectual. Gramsci discordava de alguns integrantes em vários aspectos, como por exemplo, sobre o partido revolucionário, e as eleições.

Prosseguindo na biografia de Gramsci agora, a partir da obra de Natoli (2010) “Grande guerra e renovação do socialismo nos escritos do jovem Gramsci (1914-1918)” temos que a guerra em vigor trouxe modificações sociais cada vez mais evidentes, com as restrições e as mobilizações, se retomou a luta de classes e os movimentos socialistas. Gramsci faz a leitura da Revolução Russa, como sendo uma revolução proletária, o que acabaria se tornando uma nação de regime socialista. Lenin abre caminho para uma verdadeira revolução.

Escreve Gramsci que três anos de guerra haviam tornado ‘sensível o mundo’ levado enormes multidões anteriormente inativas a se interessarem pela vida coletiva, a considerar o Partido Socialista como único caminho de salvação, mesmo que isto tivesse acontecido em ampla medida de modo mecânico, caótico, numa confusão de línguas e propostas, por meio de impulsos e forças que lhe eram estranhos (Natoli, 2010, p. 41 – grifo do autor).

Dois anos antes, em 1917, todos os acontecimentos foram repentinos e o proletariado não tinha tido tempo para se preparar a enfrentar as mudanças do mercado econômico, político e social. A revolução de outubro do mesmo ano fez o cenário mundial mudar drasticamente, o partido socialista passou a ter mais representatividade devido aos problemas enfrentados no pós-guerra, como; a distribuição de terras, a exploração da classe dos proletários nas fábricas, além de uma política voltada à classe burguesa.

Nesse mesmo ano (1917) os escritos de Gramsci, trouxeram o discurso que a revolução Russa, era uma revolução do proletariado, a influência que repercutia no movimento socialista italiano e europeu, o tema que predomina “é a defesa da legitimidade histórica da revolução, diante das acusações de “jacobinismo”³ e de “utopismo” dirigidas ao bolchevismo⁴ pelos seus detratores, inclusive no campo do socialismo reformista.” (Natoli, 2010, p. 46). Tudo que acontecia no campo político trazia mudanças significativas para o campo econômico e social, e esses fatos iam sendo retratados para se pensar, o papel da Itália no novo cenário político.

Em 1918, tornou-se latente a questão do capitalismo e as exigências que ele trazia para o mercado internacional, o desenvolvimento industrial em Turim, e as perspectivas que a classe burguesa tomava de ampliação de domínio hegemônico, para suprir e fazer parte do mercado internacional. Esses acontecimentos enfraqueciam de certo modo o movimento socialista e dava força ao movimento liberal e livre-cambista, mas dessa maneira a Itália se tornava um Estado sem autonomia econômica e o caos se instaurava em todos os setores.

Neste cenário, a reflexão de Gramsci voltava a incluir a questão do Estado. Na civilização capitalista — escreve — o conceito de política e as relações que a ela ligavam os cidadãos identificaram-se cada vez mais com o Estado em todas as suas complexas manifestações da sociedade, ‘a lei, a atividade econômica, a justiça punitiva, a distribuição de bens e das obrigações’. Nascera assim uma forma de patriotismo superior àquele precedente do tipo feudal já que ela ia além das formas do instinto e do sentimentalismo e se configurava cada vez mais como cultura, reflexão, ponderação, reconhecimento de que os interesses individuais são solidários com a vida, o desenvolvimento, a expansão do Estado (Natoli, 2010, p. 53 – grifos do autor).

É fato de que três anos de guerra fizeram com que a população italiana se visse atordoada com os inúmeros acontecimentos e mudanças políticas, nacionais e internacionais que começaram a interferir e direcionar o modo de vida da população. Essas transformações abriam espaço para se pensar em uma nova Itália, em uma nova estruturação do proletariado, contribuindo e fazendo parte das decisões políticas que o Estado precisava tomar. Os artigos e estudos elaborados por Gramsci, nesse período, foram responsáveis por essa articulação que levaria futuramente grande parte da população italiana se aliar ao Partido Comunista Italiano, visando melhorias sociais, econômicas e políticas.

³ Jacobinismo era um grupo que tinha facilidade em se corporificar, seus princípios iniciais eram de igualitarismo, fraternidade, patriotismo e a busca pela unidade da República.

⁴ Bolchevismo: sistema político social russo, comandado por Vladimir Lenin, efetivado pós-revolução de 1917, definido como comunismo. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bolchevismo/>>. Acesso: 25 nov. 2022, 16h. 35min.

Gramsci alertou sobre a importância de um proletariado, instruído intelectualmente e culturalmente. É necessária essa formação para que seja concebível uma participação ativa, na qual seja possível elaborar e colocar em prática projetos de melhorias, em que não se use a força, mas o conhecimento teórico e manifestações que sejam capazes de atingir a classe burguesa, alcançando os objetivos necessários para a melhoria de vida do proletário, já mostrando como se daria a práxis no sentido prático da política e de uma filosofia de vida que é construída com teoria, prática e consciência de classe.

[...] Na luta política moderna, não se podia contrapor uma suposta 'vanguarda ao 'povo', entendido como, 'rebanho de cegos ignorantes'. A organização econômica e política dos trabalhadores implicava indiretamente a formulação de uma 'comunhão de espíritos' de uma 'colaboração de pensamentos', de um apoio mútuo no trabalho de aperfeiçoamento individual, de 'educação recíproca e recíproco controle'. Tal operação não podia ser adiada para o futuro, era 'ela mesma liberdade', por ser 'estímulo à ação e condição da ação' [...] (Natoli, 2010, p. 61 – grifos do autor).

Já tomando como base a tradução da obra de Gramsci (2015) “Cadernos do Cárcere” realizada por Coutinho este afirma que em 1920, Gramsci se tornou mais ativo com as suas publicações nos jornais e mais atuante no meio político. Participava das atividades da “escola de cultura” ensinando lições sobre a Revolução Russa, da conferência da fração abstencionista de Bordiga, criou o círculo socialista sardo, fez uma conferência na universidade popular para operários florentinos entre outras ações. Nesse mesmo período se afastou de Togliatti e Terracini, por não aceitar ingressar na fração comunista eleitoral, e junta em torno de si um pequeno grupo que compartilha de suas mesmas ideias de “educação comunista”.

No ano seguinte fez parte da fundação do Partido Comunista Italiano (PCI), e nas eleições se candidata pela primeira vez como deputado estadual, na província de Turin, mas não é eleito. Em 1922, participou em Roma de vários congressos que discutem questões agrárias e sindicais, acaba sendo indicado para representar o partido em Moscou, depois da conferência é internado para tratar problemas de saúde. Em Moscou conhece Julia Schucht, que se tornaria sua mulher.

Em 1923, enquanto Gramsci estava em Moscou, a polícia prendeu na Itália vários membros do comitê executivo do PCI, e muitos dirigentes regionais, e uma ordem de prisão também é emitida para Gramsci. Em novembro, Gramsci é transferido para Viena, com a tarefa de manter a ligação do PCI, com outros partidos comunistas europeus. No final desse mesmo ano ele retoma com o pseudônimo de G. Masci, e passa a produzir artigos sobre a situação italiana e o fascismo.

No próximo ano Gramsci, continuou suas publicações projetou uma revista trimestral de estudos marxistas e uma nova série de “*L`ordine Nuovo*”.

1º de março. Preparado em grande parte por Gramsci, sai em Roma o primeiro número do quinzenário *L`Ordine Nuovo, Rassegna di política e de cultura operária, III série*. No cabeçalho, lê-se: ‘*L`Ordine Nuovo* se propõe a suscitar nas massas dos operários e camponeses uma vanguarda revolucionária, capaz de criar o Estado dos conselhos de operários e camponeses e de fundar as condições para o advento e a estabilidade da sociedade comunista’ O editorial de Gramsci, intitulado ‘Lider’, é dedicado a Lênin, recém falecido. No segundo número, de 15 de março, publica o artigo ‘Contra o pessimismo’. Em *La Correspondance Internationale* de 12 de março, aparece um artigo sobre ‘*Le Vatican*’ (Gramsci, 2015, p. 58-9 – grifos do autor encontrada na cronologia da vida de Gramsci segundo Carlos Nelson Coutinho, nessa tradução da obra).

Em 6 de abril de 1924, Gramsci é eleito deputado pelo distrito de Vêneto, continua sendo crítico a linha política de Bórdiga e entra no comitê executivo do partido. Em junho, Giacomo Matteotti, deputado socialista, é assassinado depois de fazer um discurso contra o governo fascista. Esse crime abriu na Itália uma intensa crise política. Gramsci propõe um apelo às massas e à greve geral política. “Lança uma campanha pela ‘Bolchevização’ dos vários partidos comunistas e confirma a tática ‘frente única’ e a palavra de ordem é ‘governo operário e camponês” (Gramsci, 2015, p. 59 – grifos do autor).

Logo após, em 1925, fez um pronunciamento na câmara dos deputados, em que diz ser contra o projeto de lei sobre associações secretas, apresentado por Mussolini e Alfredo Rocco, e em 24 de outubro do mesmo ano a polícia revista o quarto que Gramsci ocupava na residência de uma família de amigos, os Passarge.

Em janeiro de 1926, Gramsci participa do III Congresso do PCI, um encontro na qual discutem como evitar o avanço da ação repressiva do governo fascista, em que também discutiam a crise política geral, um encontro que ficou conhecido como “*Teses de Lyon*”, e o resultado constitui a afirmação do novo grupo dirigente comunista liderado por Gramsci.

Agosto nos dias 2-3, apresenta à direção do partido um informe sobre a crise econômica e sobre a posição de adotar diante das massas operárias e das camadas médias. Desfruta de alguns dias de férias com o filho Délío em Trafòi (Bolzano). Julia, grávida, volta a Moscou, onde pouco depois nasce Giuliano, o segundo filho de Gramsci, que ele jamais conheceu (Gramsci, 2015, p. 62).

Gramsci, mesmo com o cargo no parlamento continua a escrever e a orientar a população e o seu partido com reuniões secretas, sobre as atitudes tomadas pelo governo fascista de Mussolini, e sabe que isso poderia lhe acarretar problemas. O partido Comunista

Italiano, PCI, temia pela segurança de Gramsci e queria que ele se refugiasse na Suíça, mas ele não concordou. E no dia 8 de novembro, apesar de ter imunidade parlamentar, Gramsci foi preso com outros comunistas e recolhido ao cárcere, com isolamento absoluto e rigoroso.

18 de novembro. Com base na Lei de Segurança Pública, Gramsci é condenado ao confinamento por cinco anos, sob controle policial. A decisão lhe é comunicado no dia 19. Num primeiro momento, parece que seu destino seja a Somália, então colônia da Itália. Alguns dias depois, porém, é informado de que será confinado numa ilha italiana (Gramsci, 2015, p. 63).

Em 7 de Dezembro, Gramsci chega à ilha Ústica, que fica ao norte da Sicília, foi transferido com outros companheiros políticos e organiza uma escola para confinados. Mas Gramsci foi transferido para várias prisões em um curto período, até chegar a Milão na Prisão de San Vitore, foi submetido ao regime de isolamento nos primeiros tempos. Depois consegue autorização para ler alguns jornais, tem direito a 8 livros por semana e revistas, e pode escrever cartas duas vezes por semana. Logo, Gramsci comunica a sua cunhada com quem trocava cartas a necessidade de fazer algo para sempre, e pede autorização para ter na cela o necessário para escrever.

No ano seguinte começou o processo sobre sua condenação, que resultou em uma pena de 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão. Em 19 de julho, chega a Túri, e foi colocado em uma cela com mais 5 presos políticos. Pode escrever aos familiares a cada 15 dias, e seu irmão Carlo faz uma petição na qual pede para que lhe seja concedido uma cela individual e permissão para escrever, pedido esse que teve êxito em janeiro de 1929.

Seu primeiro caderno data de 8 de fevereiro do mesmo ano, e antes da sua transferência para a prisão de Civitavecchia, em novembro de 1933, ele já teria iniciado a redação dos 21 cadernos. Esse foi o ano em que Gramsci teve a sua saúde ainda mais debilitada e lutava para conseguir sair da prisão para se tratar com inúmeras petições que não foram atendidas, apenas no mês de outubro foi feita a transferência de Gramsci para uma clínica.

Nos anos seguintes são várias transferências entre clínicas, enquanto exercia o direito de liberdade condicional, era acompanhado por vigilância policial, mas podia receber amigos e a visita de sua cunhada que prestava auxílio, pois sua família tinha residência na Rússia. Em 1937, se encerra o período de liberdade condicional e Gramsci tem plena liberdade, planeja voltar à Sardenha, mas no mesmo mês em que ganha a sua liberdade, sofre um derrame cerebral, e morre dois dias depois, no início do dia 27 de abril.

A partir desse contexto, cabe destacar que uma primeira coletânea de 218 cartas da prisão foi publicada em 1947, mas não eram cartas na íntegra, mas apesar dos cortes essas cartas têm o mérito de dar um cunho moral e intelectual de Gramsci. Uma seleção dessas cartas foi publicada em 1961. Outras cartas foram colocadas á disposição por familiares, ou por outros correspondentes, foram publicadas em jornais e revistas. Depois no segundo volume da antologia foram resgatadas 2000 (duas mil páginas) de Gramsci. O volume publicado em 1964 compreende 64 cartas do período de 1912 – 1926 e 268 cartas da prisão. O levantamento completo de cartas da prisão foi publicado em 1965, são no total 428 cartas, com uma cronologia precisa, de maneira esquemática que narra as fases e os fatos mais relevantes da vida de Gramsci. A produção pode ser dividida em dois momentos; os artigos publicados nos jornais e revistas 1914-1926; os cadernos na prisão (Fiori, 1979).

As publicações de Gramsci no Brasil aparecem em um primeiro momento atrelado a Lukács de História e consciência de classe e a Sartre da Crítica da razão dialética, apresentados como autores antidogmáticos. Por serem considerados teóricos que pensavam a transformação da realidade pela cultura. Tanto Coutinho quanto Konder, que seguiam e a mesma linha de pensamento desses teóricos, chegaram a Gramsci desse modo e começaram a traduzi-lo. As obras de Gramsci foram gradativamente sendo traduzidas, mas com alguns empecilhos gerados pelo quadro político que o Brasil passava, como o golpe militar de 1964 e o AI-5. As traduções e a popularidade de Gramsci voltaram a crescer no final da década de 1970, coincidindo com o eurocomunismo na Europa. Suas obras vão influenciar a política brasileira, principalmente o Partido Comunista Brasileiro (PCB) (Said, 2006).

3 HEGEMONIA

O termo hegemonia surge na Grécia Antiga e significava a direção suprema de um exército. Hegemônico era quem tinha o comando de um destacamento, sendo assim ligada a esfera militar. Na política a hegemonia é vista como uma forma de dominação nas relações entre Estados, e de dominação no exercício do poder. O conceito surgiu quando as três cidades se destacavam pelo comércio marítimo: Esparta, Atenas e Tebas, então o rei da Macedônia decidiu invadir a Grécia, e acabou unindo-se a outros países para derrubar a hegemonia marítima que a Grécia detinha, e assim a Macedônia toma posse da hegemonia político-militar (Octaviani, 2002-5)

A complexidade de se falar em hegemonia diz respeito a vários conceitos empregados até a definição de como ela se dá. A cultura, a práxis as ideologias e as formas do exercício do poder, é que vão definir se podemos ou não chamar de hegemonia o fato que ocorre naquele momento histórico, seja por uma ação social de classes ou política, já que não existe na sociedade processos culturais desvinculados de estruturas de poder.

Mas quando falamos do termo hegemonia, com o sentido empregado por Gramsci, devemos pensar em outros aspectos que ele usa para ressignificar o termo. Não se trata apenas de dominação ou poder, para Gramsci a hegemonia é uma palavra complexa e deve ser analisada pelo contexto histórico social, político e econômico, pois, ela acontece dentro da sociedade e sofre influência de tudo que ocorre com a população no âmbito da produção, nas modificações políticas, na cultura e nas ideologias. Segundo Abbagnano (2012), o termo foi usado primeiro pelo Marxismo russo e depois adotado por Gramsci de uma maneira original.

Segundo Gramsci, a supremacia de uma classe não se manifesta apenas pela dominação e pela força, mas também pelo consentimento e pela capacidade de direção ideal entre as classes aliadas e subalternas, ‘a supremacia de um grupo social manifesta-se de dois modos, como dominação e como direção intelectual moral’. Enquanto a dominação é exercida através dos aparatos coercitivos da política, a direção é exercida por ‘aparatos hegemônicos’ da sociedade civil, como a escola, a igreja, os partidos, os sindicatos, a imprensa, o cinema etc. Entendida como capacidade de direção intelectual e moral, a hegemonia, não se configura apenas como necessária modalidade do exercício do poder (funcionalmente distinguível da modalidade da dominação), mas também com um indispensável pré-requisito estratégico das classes em ascensão, que precisam se esforçar para tornar-se dirigentes já antes de conquistarem o poder. Com essa teoria, Gramsci, em antítese com certo economicismo da tradição marxista ‘ortodoxa’ reavaliou a importância do momento ideal e superestrutural da luta de classe (Abbagnano, 2012, p. 578 – grifos do autor).

O termo hegemonia começa a aparecer por Gramsci (2015) no Caderno 11, quando escreve sobre o materialismo histórico-dialético, assinalado como a Filosofia da Práxis. A partir desses conceitos se limita o termo hegemonia pela consciência política, mas ainda com uma ligação à construção do senso comum e de ligações religiosas e populares. Nesse primeiro momento algumas discussões ainda não estão acabadas, como a relação do sistema capitalista e dos intelectuais.

No Caderno 12 Gramsci (2001), continua dissertando sobre a hegemonia, agora de forma mais clara, e com uma estrutura mais bem definida. E segue no caderno 13,(2007a) trazendo a relação conceitual de hegemonia com outras categorias. Logo, a hegemonia tem a ver com a compreensão da ação dialética da sociedade civil e sociedade política. Gramsci, buscou compreender a natureza do Estado capitalista como estava sendo implementado no seu tempo.

Por enquanto, podem-se fixar dois grandes ‘planos’ superestruturais: o que pode ser chamado de ‘sociedade civil’ (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como ‘privados’) e o da ‘sociedade política ou Estado’, planos que correspondem, respectivamente, à função de ‘hegemonia’ que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de ‘domínio direto’ ou de comando, que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas (Gramsci, 2007a, p. 21 – grifos do autor).

Há para Gramsci uma relação entre estrutura e superestrutura, elas se correlacionam em uma perspectiva dialética. O próprio Estado, sociedade política, não perde seu objetivo estrito, o caráter de classe e sua capacidade repressiva e coercitiva, mas é formado também de outras incumbências que vai lhe estruturando e ampliando a partir da reorganização do capitalismo em escala mundial.

Estamos sempre no terreno da identificação de Estado e Governo, identificação que é precisamente, uma representação da forma cooperativo-econômica, isto é, da confusão entre sociedade civil e sociedade política, uma vez que se deve notar que na noção geral de Estado entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = Sociedade Política + Sociedade Civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção) (Gramsci, 2007a, p. 244).

O Estado embora tenha a tarefa de representar os interesses de uma classe, para a manutenção do poder desse grupo social, se incorpora de necessidades da classe subalterna que precisa ser atendida de forma a não faltar à ordem, a mão de obra barata, e ainda exercer coerção, que vai ajudar a criar mecanismos de domínio estatal de classe com a instauração de suas ideologias, o que se configura para Gramsci(2007^a) o exercício da hegemonia.

O Estado é certamente concebido como organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias ‘nacionais’, isto é, o grupo dominante é coordenado concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (no âmbito da lei) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até um determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo (Gramsci, 2007a, p. 42 – grifo do autor).

A hegemonia é vista por Gramsci (2007a), em uma relação direta com as formas de ideologias, que são formuladas pelo Estado, pela influência da identidade burguesa, convicções religiosas, tudo o que gira em torno do processo civilizatório, essa é uma das razões a qual Gramsci ressalta a necessidade de uma reforma intelectual e moral.

Voltando um pouco nas relações antes da implementação do capitalismo como regime econômico, em que, se pensava que o modelo feudal se aproximava das relações que eram impostas pelo capitalismo, segundo Gruppi (1978), Marx explica que essa relação é muito distinta, pelo fato de no capitalismo quanto mais se eleva o consumo, mais se pensa em formas de se elevar a produção, o que não acontecia no regime feudal, que só se preocupava com a produção mínima para se manter um pequeno número de produtores e consumidores. Quando a população muda a sua forma de produção ela muda também a maneira em que vive, já que terá que trabalhar mais. “[...] De fato, se o capitalismo reproduzisse apenas o capital que consome, morreria; o capitalismo vive tão somente enquanto produz mais do que consome, de modo que, na realidade, existe apenas reprodução ampliada.” (Gruppi, 1978, p. 22-3).

Gramsci elabora uma análise teórica e crítica do processo de hegemonia em uma sociedade de classes, estudando e analisando o capitalismo e a expansão no território europeu, demonstrando que o avanço do capitalismo e a sua proliferação, acontece com essa relação de superestruturas e o processo hegemônico surge simultaneamente. A ditadura do proletariado tem um grande valor filosófico, para Gramsci (1978), pois, vai conter toda uma transformação em vários âmbitos da estrutura social. E por conter uma reforma intelectual e moral, também é considerada uma revolução cultural, o que muda a sociedade muda também à maneira de pensar.

É essa conexão de teoria e prática que permite a Gramsci afirmar que a teoria e a realização da hegemonia do proletariado (e com esse termo referindo-se a Lênin, indica a ditadura do proletariado) tem um grande valor

filosófico, já que a hegemonia do proletariado representa a transformação, a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização política e de uma nova orientação ideológica e cultural (Gruppi, 1978, p. 2).

A forma com que Gramsci (1978), se refere à hegemonia de Lênin, diz respeito a ditadura do proletariado e toda a mobilização social que faz com que a classe operária ganhe visibilidade e autonomia frente a classe dirigente, sendo assim, uma forma de política ativa e hegemônica “[...] A ditadura do proletariado é a forma política na qual se expressa o processo de conquista e de realização da hegemonia.” (Gruppi, 1978). Esse processo empodera a classe operária e abre um espaço no sistema capitalista de representatividade no âmbito social, logo, sendo possível afirmar que a hegemonia do proletariado acontece na sociedade civil, enquanto a ditadura é uma forma estatal assumida pela hegemonia. “O proletariado pode se tornar classe dirigente e dominante na medida em que consegue criar um sistema de aliança de classe que lhe permita mobilizar contra o capitalismo e o Estado burguês a maioria da população trabalhadora” (Gramsci, 1966, p. 13, *apud* Gruppi, 1978).

Para o marxismo, segundo Gruppi (1978), o termo hegemonia tem a haver com relações políticas entre classes e segmentos sociais, já para Lênin o termo é usado para defender a aliança do partido operário com o liberalismo, para derrotar a autocracia dos czares. O termo aparece desde 1903, e foi empregado pela primeira vez por Lênin em 1905, quando ele escreve um artigo para o jornal *Avant*, intitulado como: “A democracia operária e a democracia burguesa”. Lênin estabeleceu as bases teóricas e políticas do conceito de hegemonia. Alguns aspectos levantados por Lênin vão continuar na estrutura formulada mais tarde por Gramsci, como a importância da propaganda e do trabalho teórico, o partido na formação dos intelectuais e como direção de uma aliança política de classes. Mas “a hegemonia é um aspecto de confluência de Gramsci com Lênin”.

[...] Há aqui uma diferença de significado entre Gramsci e Lênin, porque Gramsci – quando fala de hegemonia – refere-se por vezes à capacidade dirigente, enquanto outras vezes pretende referir-se simultaneamente à direção e a dominação. Lênin ao contrário, entende por hegemonia sobretudo a função dirigente [...] (Gruppi, 1978, p. 11).

Segundo Said (2006), entender o que significa o conceito de hegemonia em Gramsci é um passo necessário para entender como funcionam as engrenagens que articulam as estratégias que formam e caracterizam a hegemonia. Esse aspecto que irá diferenciar a hegemonia gramsciana da forma com que Marx e Lênin; que entendiam que na organização social o Estado não é apenas coercitivo, mas está diretamente ligado à rede de aparelhos

privativos de hegemonia da sociedade civil, o que não era possível onde não existia uma sociedade civil desenvolvida. A partir dessa concepção, podemos entender a importância de vários aspectos que rodeiam o conceito de hegemonia gramsciana. A necessidade da instauração da democracia pela importância da influência dos partidos políticos em formar uma sociedade desenvolvida politicamente, e com seus intelectuais organicamente ligados a classe trabalhadora, de forma a ocupar postos em aparelhos privados de hegemonia, tendo uma influência maior em igrejas, escolas, organizações sociais e afins.

Existe um movimento de estudo político em Gramsci, que analisa os fatores históricos da sociedade civil, em que o autor pensa estrategicamente a melhor forma de se ter uma reforma moral e intelectual que é indispensável para o fim da dominação burguesa e a instauração de uma nova hegemonia, essa advinda do proletariado.

[...] E a democracia burguesa pode ser o espaço para ir conquistando tais postos, para ir tomando a direção hegemônica da sociedade civil e, com isto, preparando a reforma intelectual e moral que mantenha a dominação da classe trabalhadora depois da conquista do Estado. Porém, o que é fundamental para entender a estratégia gramsciana é compreender que Gramsci é comunista e que tenta pensar uma estratégia revolucionária que se concretize com o fim do Estado burguês para chegar à sociedade regulada, a sociedade comunista. A estratégia, em Gramsci, implica analisar a conjuntura de cada país, a maior ou menor coerção de cada Estado, a maior ou menor complexidade de cada sociedade civil, para chegar à definição, pelo Partido da classe de qual movimento, qual revolução é porque é ele que deve organizar e dar direção à classe (Said, 2006, p. 68-9).

Gramsci (Gramsci, 1966, p. 13, *apud* Gruppi, 1978). será contra o determinismo mecânico, fazendo uma leitura que se aproxima da ideia de Lênin de hegemonia. É evidente segundo Gruppi (1978), a importância e a validade da teoria de Marx, mas existem outras variantes na concepção gramsciana que concebe a sociedade como um todo unitária e orgânica, explicando as relações de troca, mas sem ser de uma forma redutível, ou seja, o processo econômico não é o único responsável pela maneira que se dá as relações sociais, tem parte importante no contexto histórico e social do desenvolvimento humano em sociedade, mas é apenas uma parte integrante do organismo social que faz parte da concepção de hegemonia. “[...] e toda a sociedade fosse reduzida a base econômica, não existiria mais lugar para a iniciativa política, e, portanto, para a hegemonia;” (Gruppi, 1978, p. 32).

Com base na obra “Revolução e cultura em Gramsci” de Schlesener (2019), Gramsci faz uma relação necessária para se entender a hegemonia a partir do econômico–social e o ético–político, como sendo as bases da sociedade, e são demonstradas pelo contexto histórico em que essa sociedade está inserida. Como quando aconteceu a Revolução Francesa, o

renascimento, o ressurgimento, a ascensão do fascismo etc. Isso acontece na correlação de poder e ideologias, que vão se organizando em grupos sociais, nas quais os movimentos ganham força e modificam o meio. É nesse bloco histórico que acontecem as relações de hegemonia; com a dominação que um grupo ou classe social exerce sobre outro, e com a participação que os intelectuais exercem na função de orientar as massas.

A noção de hegemonia articula-se à concepção gramsciana de Estado, que se propõe a compreender as novas características de formação e reprodução das relações de poder nas sociedades onde o capitalismo alcançou um novo estágio no seu desenvolvimento. Nestas sociedades, o poder é exercido através da sociedade política, composta pelos aparelhos administrativos–burocrático e político–militar, pelos quais a classe que detém o poder tem condições de reprimir e disciplinar os grupos sociais que se opõem a seu domínio; a sociedade civil, formada pelas instituições que elaboram e/ou divulgam as ideologias, possibilitando a formação de consenso, base de sustentação de poder (Schlesener, 2019, p. 28).

O exercício do poder ocorre pela combinação de domínio e direção, os dirigentes do grupo dominante devem manter sempre suas bases políticas sólidas e suas alianças devem ser capazes de sustentar este grupo no poder. Mas claro, que nem sempre é possível manter uma constância de dominação, e por vezes é comum haver divergências e conflitos de movimentos que querem uma nova hegemonia, mesmo porque, na política e/ou nas relações econômicas, sempre existe uma tensão de forças que quer tomar o poder; e o uso da força é comumente exercida quando se está em um momento de crise.

Aquele que se encontra no poder tem a difícil função de administrar toda uma nação com diversidades sociais de grupo, mantendo ideologias e formas de dominação eficazes e que ao mesmo tempo contemple boa parte da população gerando sempre um consenso máximo, para que a minoria não tenha força para atacar a sua hegemonia e ganhar espaço e conseqüentemente tomar o poder.

Nas relações políticas e de poder acontecem constantemente tensões que surgem por conflitos ou pelas necessidades sociais, que vão ganhando prioridade de acordo com a gravidade que o fato histórico é encarado pela sociedade. O exercício da hegemonia vai assumindo papéis diferentes, de acordo com a relação que os grupos sociais têm nas questões de forças materiais de produção, de como o Estado reage frente essas ações, seja de forma coercitiva ou intervencionista. A hegemonia é uma relação ativa e depende desse relacionamento entre sociedade política e civil, que fará com que surjam as formas de Estado que suprirá as necessidades exigidas para a continuidade de um exercício de poder.

A necessidade de uma nova hegemonia acontece em um determinado momento histórico em que a sociedade passa por vários tipos de crises, seja de autoridade, pela perda de consenso, de direção social, e que se apresenta na decadência da evolução da estrutura e da superestrutura que fica evidenciada pela perda de representatividade da classe que ocupa o poder. Isso ocorre por vários motivos entre eles: erros políticos, quando não se consegue uma atuação efetiva dos níveis econômicos e culturais, quando a classe dominante não mantém a sociedade avançando em conjunto; os intelectuais não mantêm a coesão de seus grupos aliados, que pode ser vista como uma crise orgânica que pode se apresentar como uma crise de direção, com impacto profundo na formação econômica e social. Gramsci cita duas situações limites, que são possíveis observar nos momentos históricos de crise, que acontece na eclosão de guerras e nas revoluções.

A crise orgânica expressa-se politicamente na incapacidade da classe dominante em manter o consenso enquanto as classes dominadas não estão suficientemente organizadas para conquistar e exercer a hegemonia. Assim pode-se abrir espaço a situações perigosas, pois a crise afeta principalmente a sociedade civil. A classe dominante pode impor-se ainda, pois mantém o controle dos mecanismos de coerção e o aparato administrativo e burocrático, que constroem a sociedade política. Possui também melhores condições de reorganizar-se e retomar o controle político com rapidez, através da mudança de homens e de programas, revendo os compromissos com os grupos que apoiam, reafirmando alianças inclusive com ‘sacrifícios e expondo-se a um futuro sombrio com promessas demagógicas’, ao mesmo tempo que pode servir-se do poder para desarticular e reprimir as tentativas de organização das classes dominadas (Schlesener, 2019, p. 32-3 – grifo do autor).

Para acabar com uma crise é imprescindível uma reorganização partidária em que, todo grupo social dominante passa a seguir uma única direção, e com a capacidade de reagrupar seus intelectuais e orientar a política. Caso isso não ocorra, é recorrente o aparecimento de novas lideranças que passam a ser ressignificadas por “chefes carismáticos”, de lideranças totalitárias e de regimes totalitários, embora sejam diversos sempre tendem a resultar em processos catastróficos para a sociedade, já que nesta situação as forças adversárias se equilibram fazendo com que a continuação de luta só levará a uma destruição recíproca.

3.1 A Hegemonia e os Intelectuais

A participação dos intelectuais na estruturação da formação de uma hegemonia é que eles têm a função de dar base e sustentação teórica a novas ideologias que regem toda uma sociedade.

Considerando-se a hegemonia como correlação de forças e a luta por novas relações hegemônicas, a atuação dos intelectuais torna-se imprescindível: para as classes dominantes, no sentido de criar bases de sustentação e legitimação da ordem social instituída, para as classes dominadas, pela necessidade histórica de superar as divisões sociais, unir as forças populares emergentes e lutar por uma nova ordem social (Schlesener, 2019, p. 37).

Cada classe social organizada hierarquicamente em geral forma seus intelectuais orgânicos, são estes indivíduos que carregarão a responsabilidade de continuar a profissão ou função que a sua família carrega na sociedade. Esses futuros intelectuais advêm de grupos que já detêm de algum tipo de conhecimento específico, porém, isso não significa que esses intelectuais irão surgir apenas desses grupos, alguns que demonstram habilidades especiais e se destacam, mesmo sendo da classe operária serão aproveitados e farão parte dessa nova ordem dos intelectuais. Um exemplo rotineiro é de famílias tradicionais continuarem seu legado através de seus filhos, como no caso de médicos, advogados e políticos. Isso não ocorre, apenas pelo fato da tradição, mas pela perpetuação do poder; para continuar uma hierarquia que mantenha a organização social, em que aqueles que comandam não corram risco de um dia serem comandados.

O que Gramsci chama a atenção é que a classe dos operários, mesmo fazendo parte importante do sistema econômico e sendo detentores de algum tipo de conhecimento, essa classe não forma intelectuais, nem orgânicos, nem tradicionais. Mesmo que alguns saiam para ter uma formação profissional eles não voltam e não contribuem para a “evolução” de sua classe; dessa forma, o conhecimento cultural e regional, a educação, desde a perpetuação da língua materna até os saberes difundidos e divididos em sua ordem social, tende a desaparecer, além da estagnação cultural que o não voltar às raízes traz de consequência. Isso só acontece segundo o filósofo pela ausência de aparatos organizativos e quando os intelectuais orgânicos da classe operária conseguem ganhar espaço social, esse fato ocorre de forma gradual e muito lentamente, e muitas vezes eles não superam o nível econômico-corporativo, sendo uma tarefa árdua e que nem sempre será bem-sucedida. Devemos nos lembrar de que a classe dominante sempre terá subterfúgios para proteger sua organização política e cultural, afim de sempre dar continuidade a sua hegemonia.

Esta diferenciação era de suma importância para Gramsci, especialmente porque, segundo ele, o processo de formação dos intelectuais tradicionais (a primeira grande categoria), em seu país possuía um caráter reacionário, sobretudo em relação às massas camponesas da Itália meridional. Seu raciocínio baseava-se na ideia de que essas massas, residentes do sul, não produziram os seus próprios intelectuais, mas sim ofereciam seus filhos e seus intelectos para instituições educacionais que os formaram de modo técnico e ideológico, alheio a seus interesses e intelectualmente vinculados à

classe dirigente de seu país, algo que neutralizou [...] o homem do campo no sentido deste não poder tomar consciência histórica e se manter afastado e hostil ao proletariado operário e revolucionário (Nosella, 2004, p. 162).

O caminho a ser traçado para que seja possível alguma chance de um intelectual orgânico advindo da classe operária ganhar espaço na sociedade e conseguir formar novas ideologias, é a partir de alianças que surgem dentro de espaços comuns como as fábricas, as escolas, as igrejas e os partidos políticos que isso se torna possível. Esses grupos abrem espaço para que novas ideologias sejam formadas para o bem comum daquele grupo social, que de alguma maneira se sente desfavorecido frente a sua representatividade social, e surge geralmente nas “crises” governamentais em que é mais acentuada segundo Gramsci, nas revoluções e nas guerras. Esse sintoma é percebido pelo descontentamento da organização política que estando em vigor não consegue manter uma maioria satisfeita com a atual governabilidade. Esses momentos históricos viabilizam rupturas políticas, que abrem caminho para novas hegemonias.

Quando Gramsci fala de hegemonia como “direção intelectual e moral”, afirma que essa direção deve exercer-se no campo das ideias e da cultura manifestando a capacidade de conquistar o consenso e de formar uma base social. Isso porque não há direção política sem consenso. A hegemonia poder criar, também, subalternidade de outros grupos sociais que não se refere apenas a submissão à força, mas também às ideias. Não se pode perder de vista que a classe dominante repassa a sua ideologia e realiza o controle do consenso através de uma rede articulada de instituições culturais, que Gramsci denomina de “aparelhos privados de hegemonia”, incluindo: a escola, a igreja, os jornais e os meios de comunicação de maneira geral. Esses aparelhos têm por finalidade inculcar nas classes exploradas a subordinação passiva, através de um complexo de ideologias formadas historicamente. Quando isso ocorre, a subalternidade social também significa subalternidade política e cultural (Simionato, 2011, p. 49).

As categorias de intelectuais são advindas do decorrer da história; os eclesiásticos, categoria de intelectuais que eram oriundos das igrejas e ligados a aristocracia fundiária, logo após, os clérigos, intelectuais que se julgavam mais autônomos da igreja e de partidos políticos ou de qualquer grupo dominante, formavam novas classes religiosas como os protestantes e novos partidos políticos. Logo, historicamente a igreja já exercia a hegemonia juntamente com os políticos, eram dominantes e exerciam pela questão intelectual, moral e pelo uso da força a manutenção do poder.

Gramsci lembra que nessa formação de intelectuais existe uma diferença entre aqueles que são considerados na sociedade como intelectuais pensadores e formadores de opinião, e aos intelectuais que ficam de fora dessa classe, mas que detêm conhecimento, mesmo que sua função aparente não necessite de nenhuma formação intelectual para ser feita.

“[...] Por isso, seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectual...” (Gramsci, 2014, p. 18). Esse conhecimento popular, ou senso comum, também é importante na formação da sociedade, porém o desafio é instituir um progresso na aprendizagem braçal, que leve ao indivíduo proletário tradicional a um entendimento intelectual, para uma participação mais ativa na sociedade e que colabore politicamente no desenvolvimento humano.

Os intelectuais sofrem influência de todos os grupos sociais, mas a influência que predomina é dos grupos dominantes, e sofrem elaborações mais complexas e amplas que derivam desses grupos, não significando que a interferência dos demais seja nula, já que em uma sociedade não existiria patrão se não houvesse empregados, indústrias sem a mão de obra braçal, professores sem alunos, todos estamos estritamente ligados vivendo em sociedade.

Seja na política ou na cultura, a hegemonia acontece sempre com intermédio de seus intelectuais. Eles criam de forma orgânica uma ligação entre o modo de produção e a superestrutura, juntando as classes sociais em volta a classe dirigente e de seus propósitos, sendo formadores e organizadores de ideologias, oferecem ao grupo que fazem parte consciência de sua função histórica, ganham a aprovação espontânea das massas, e desempenham a ação coercitiva e disciplinar pelos mecanismos da sociedade política. Por esse ato ter o alcance em torno de todo tipo de relação social, os intelectuais possibilitam o exercício da hegemonia.

A concepção de hegemonia remete, ainda, ao esclarecimento das relações entre infraestrutura e superestrutura, a forma como as classes sociais se relacionam e exercem suas funções no interior do “bloco histórico”. Nestes as forças dominantes sofrem a oposição das forças emergentes, dominadas, num processo de luta pelo encaminhamento de uma nova ordem social. Assim falar de hegemonia implica falar também de crise de hegemonia que se caracteriza pelo enfraquecimento da direção política da classe no poder ou pelo enfraquecimento do seu poder de direção política e perda de consenso (Simionatto, 1995, p. 40-41).

O movimento dialético metodológico usado por Gramsci para explicar como acontece a hegemonia tem a ver com os dois modos possíveis; de um grupo social dominante que usa formas de dominação ou direção intelectual e moral, que tenta acabar com um grupo “rival” submete também à força armada e detêm o poder sobre outros grupos afins e aliados. É importante que após a conquista do poder esse grupo continue sendo dirigente, para continuar sendo dominante, logo, antes mesmo da tomada de poder o grupo já exerce a

atividade hegemônica. Toda essa análise foi possível para Gramsci no Risorgimento⁵, um movimento que exclui da vida democrática amplos setores populares, possibilitando uma revolução passiva.

Outro aspecto sobre a hegemonia, é que além de haver uma metodologia criada para colocar a hegemonia de um grupo social em prática, é necessário que haja uma universalidade concreta, no sentido de unificar estrutura e superestrutura, produção, cultura, economia e política, em que os interesses particulares passam a ser interesses universais. O que amplia a possibilidade de elevar intelectualmente a classe subalterna, o que significa o surgimento de um novo tipo de intelectual que surjam das massas e que continuem em contato com elas.

A questão da espontaneidade e de direção consciente é outro aspecto levantado por Gramsci. Ele entende que há a necessidade de se considerar a espontaneidade por essa ser uma característica da classe subalterna, que é uma forma dessa classe escrever a sua história de uma maneira relevante, já que Gramsci reconhece que a classe subalterna tem uma dificuldade de se identificar e ter certo nível de consciência de classe que é necessário para se começar uma representatividade de grupo advinda da classe subalterna. É um problema que não deixou de existir e em alguns momentos históricos, se mostra mais latente e preocupante do ponto de vista social. Podemos dizer que é uma característica que nasceu com o regime capitalista.

A não passagem da subalternidade à hegemonia resulta da impossibilidade, para as classes subalternas, de se unificarem, de elaborarem um projeto totalizante, enquanto não conseguem tornar-se Estado, como ocorre com a classe dirigente. Gramsci dirá que grande massa dos homens pensa segundo uma concepção de mundo imposta mecanicamente a partir do ambiente externo e obedece a essa concepção de mundo passivo. Assim, é necessário que os homens sejam educados no sentido de elaborar a própria concepção de mundo – pois quando vem assimilada passivamente do exterior – esta é ocasional, desagregada e acrítica, produzindo inevitavelmente, contradições (Simionatto, 1995, p. 47-48).

Dessa forma ocorre um distanciamento uma inconsistência entre as ideias e as ações praticadas por esses indivíduos, em que pelas ações desses indivíduos do grupo social subalterno, reforçam-se as ideologias da classe dominante, a qual por não ter consciência de sua própria classe acredita pertencer. Um tipo de alienação de consciência de classe, sendo uma comum característica encontrada no grupo social subalterno. Gramsci afirmava ser possível a orientação da classe subalterna pela educação e pelo fortalecimento de consciência de classe, tornando-os homogêneos de uma forma real e histórica, sendo possível minimizar o

⁵ Risorgimento era um movimento nacionalista que lutava pela unificação política da península Itálica.

distanciamento entre as ideias e as ações da classe subalterna. Nessa concepção encontramos a importância da formação de partidos políticos, regidos por intelectuais, que podem possibilitar a luta por uma hegemonia que represente e seja advinda da classe subalterna capaz de orientar essa classe de maneira eficaz. Além dessas características também é contribuição dos partidos políticos a reforma moral e intelectual que ocorre nessas classes, tornando possível uma concepção universal e a superação da ordem capitalista.

A questão cultural é bastante acentuada na formação de uma nova hegemonia, pois, não se trata apenas de uma orientação econômica e política, mas um processo em que a espontaneidade histórica do grupo subalterno vai ganhando espaço onde surgem novas ideologias que podem ser chamadas de orgânicas e que farão parte da luta por uma nova hegemonia, trata-se de um consenso e uma nova direção para uma nova concepção de mundo. A luta começa pela retomada da consciência de classe, pela extinção da apropriação elitista da cultura do saber, sendo demonstrada quando podemos perceber uma reforma moral e intelectual na sociedade.

Neste sentido, a hegemonia tem também uma função educativa e o Estado não só luta para conquistar o consenso, mas também educa esse consenso, ou seja, a hegemonia deve ser não só a forma na qual afirma-se a direção o poder de uma classe, de um bloco social, mas deve ser o terreno e o instrumento para realizar a superação da subalternidade, para atingir uma nova, mais alta unificação entre governantes e governados, entre dirigentes e dirigidos (Simionatto, 1995, p. 49-50).

A essa amplitude que Gramsci concebe ao conceito de hegemonia, podemos observar um passo a passo de como pensar e colocar em prática um projeto de surgimento de novas hegemonias no âmbito social, moral e intelectual. A preocupação com a formação individual reflete diretamente na maneira em que os grupos sociais se relacionam e passam a ter preocupações de alcance universal.

Reforça-se sempre a questão dos intelectuais seja orgânico ou tradicional, pois, qualquer grupo que aspira ao poder tem a necessidade de atrair intelectuais para fortalecer a sua hegemonia, além de organizadores da função econômica, a colocação deles diante de um grupo social significa que aquele grupo detém a hegemonia, ou seja, são denominados como dominantes na sociedade civil e, esse reconhecimento acontece em todos os lugares da sociedade; sejam – escolas, igrejas, pela mídia de maneira geral – também é detentores da coerção pelo aparato administrativo, político, judicial e militar. Todas essas funções cabem aos intelectuais que são responsáveis pela cultura, pelo consenso, pela coerção e pela direção da vida social e política do grupo dominante.

[...] não existe uma classe independente de intelectuais, mas cada grupo social tem um grupo intelectual próprio ou tende a formá-lo; porém os intelectuais da classe historicamente (e realisticamente) progressiva, nas condições dadas, exercitam um poder de atração que acaba, em última análise, por subordinar os intelectuais dos outros grupos sociais e assim criar um sistema de solidariedade entre todos os intelectuais com ligações de ordem psicológica (vaidade etc.) e muitas vezes de casta (técnico-jurídicas, corporativas etc.) (Gramsci, 2002, v. 5, C. 19, § 24, p. 64).

Gramsci entende que a liberdade tem uma relação direta com a necessidade do mundo dos homens; uma vez que o homem ativo de massa participa diretamente de um processo aberto à ação dos grupos de uma determinada forma de sociedade. Esse homem apesar de atuar na prática, não tem uma consciência teórica clara dessa ação. Diferente do que era considerado o ideal político e religioso, de manter os “simples” sempre distantes dos intelectuais, Gramsci defendia que a relação entre os intelectuais e a população simples (proletariado), deveria ser mais intimista ou ainda, uma mistura entre essas classes, para que fosse possível a participação na formação das ideologias de todas as classes sociais.

A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um dado de fato mecânico, mas um devir histórico, que tem a sua fase elementar e primitiva no sentimento de ‘distinção’, de ‘separação’, de independência quase instintiva, e progride até a aquisição real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária. E por isso que se deve chamar a atenção para o fato de que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa, para além do progresso político prático, um grande progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequada a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos (Gramsci, 2006, v. 1, C. 11, § 12, p. 103-104 – grifo do autor).

A possibilidade da participação do grupo subalterno na política, e ainda, esse grupo fazer parte de forma histórica e hegemônica, aconteceria pela ação consciente do homem ativo de massa. Mas necessariamente essa participação é gradativa e depende da participação de intelectuais que advém da massa, ou que estão dispostos a orientar, mesmo não fazendo parte do grupo subalterno. A construção de sujeitos críticos depende dessa relação, que faz parte do movimento que seria capaz de fazer com que esses indivíduos fossem despertados sobre a sua real importância na formação da sociedade, e a relevância política e econômica a qual faz parte.

A revolução passiva aconteceria segundo Gramsci, a partir de dois princípios marxianos extraídos da obra *Contribuição à crítica da economia política*:

[...] nenhuma formação social desaparece enquanto as forças produtivas que nela se desenvolveram ainda encontrarem lugar para um novo movimento progressista; 2) a sociedade não se põe tarefas para cuja solução ainda não tenham germinado as condições necessárias etc. (Gramsci, 2002, v. 5, C. 15, § 17, p. 321).

Enquanto temos grupos produtivos existe a perpetuação dessa sociedade, a necessidade de produção de força de trabalho é responsável também pelas inovações e soluções necessárias para que os indivíduos vivam de maneira pacífica, mesmo que isso dependa da existência de grupos dominantes e dominados, o equilíbrio que é fornecido pelas ideologias e as hegemonias costumam ser bem eficientes na orientação social.

Os movimentos políticos da classe proletária surgem da força do trabalho de um grupo social, que se organiza politicamente, com a necessidade de participação e representatividade, para garantir direitos e deveres essenciais para a classe operária, e tem ênfase (ganha poder) quando o produto do trabalho que é produzido por essa classe de operários é essencial para a continuação e manutenção da hegemonia política. Isso ocorre, pela dependência que a força de trabalho exerce sobre o grupo dominante. Esses grupos podem surgir não apenas nas fábricas, mas também segundo Gramsci, em grupos religiosos, militares e nas escolas.

4 FILOSOFIA DA PRÁXIS

Para compreender a filosofia da práxis trazida por Gramsci, é necessário entender as concepções desenvolvidas por Marx, que influenciou o pensamento gramsciano, e serviu como base para a sua filosofia.

O conceito da Práxis na filosofia foi encontrado primeiramente na filosofia de Aristóteles, para ele a práxis é o fundamento da teoria. Já na teoria marxista, esse conceito toma outra proporção, e é vista como viés para a transformação material da realidade. Ainda a esse conceito marxista designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, e a ação que a revolução deve exercer sobre tais relações (Abbagnano, 2012).

Nas Teses sobre Feuerbach de 1845, Marx (2007) indicou as justificativas de sua filosofia da práxis. Esse trabalho teve um papel fundamental no conteúdo prático-filosófico pretendido por ele. Nessas teses sobre Feuerbach, Marx vai partir de uma crítica ao materialismo e suas variações, ao idealismo da filosofia dialética.

O principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma de objeto (*Objekt*) ou da contemplação (*Anschauung*); mas não na condição de atividade humana sensível, de práxis, não subjetivamente. Daí por que, em oposição ao materialismo, o lado ativo foi desenvolvido de modo abstrato pelo idealismo, que, naturalmente, não conhece a atividade real e sensível como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos do pensar; mas ele não compreende a atividade humana em si como atividade objetual (*gegenständliche Tätigkeit*). Por isso ele contempla, na essência do cristianismo, apenas o comportamento teórico como sendo aquele que é genuinamente humano, ao passo que a práxis apenas é compreendida e fixada em sua forma fenomênica judaica e suja. Por isso ele não entende o significado da atividade ‘revolucionária’, ‘prático-crítica’ (Marx, 2007, p. 27 – grifos do autor).

Por materialismo Marx (2007) aqui não abrange apenas aquele de Feuerbach, mas também o materialismo francês do século XVII. Para Marx (2007), é um grande feito de Feuerbach ter se contraposto a essa dessensibilização das nossas experiências de realidade, mas não avança o suficiente, o problema estava em continuar em uma contemplação. “Feuerbach, não satisfeito com o pensar abstrato, quer a contemplação; mas ele não compreende a sensualidade (*Sinnlichkeit*) como atividade prática, humano-sensível (*praktische menschlich-sinliche Tätigkeit*)” (Marx, 2007, p. 28).

O problema consiste no fato de que nestas realidades enquanto objeto é contraposta ao sujeito, sem compreender que, com isto, se perde de vista a realidade enquanto efetiva, se trata aqui da necessidade do conhecer de si, para ter compreensão de partes práticas da realidade a ser conhecida. A práxis aqui não deve ser entendida como objeto de conhecimento, mas como o processo de desenvolvimento humano, que no autoconhecimento prático nos tornamos conscientes.

Além de conceituar a práxis como relações de produção e trabalho, que constituem estrutura social e a ação transformadora das revoluções, Marx dizia que é necessário explicar a formação das ideias a partir da práxis material e, não por meio da crítica intelectual (Abbagnano, 2012).

O indivíduo exercita a práxis enquanto ser que vive em conjunto com outros seres, ou seja, no meio social, o homem ao mesmo tempo em que escreve a história e interfere de maneira direta pelo meio de produção, simultaneamente, vive, e sem se desvincular de todos os processos históricos que estão ocorrendo. A necessidade que é trazida aqui por Marx, para que esse movimento possa ser conceituado como filosofia da práxis, é a consciência de si e de sua participação na transformação da sociedade e da história. “Portanto, o caráter social é o caráter universal de todo o movimento; assim como a sociedade mesma produz o homem enquanto homem, assim ela é produzida por meio dele” (Marx, 2008, p. 106).

É importante salientar que não se trata de uma dependência entre teoria e práxis, mas um processo do tornar-se humano na história. Porém, sem consciência este processo seria impossível. A práxis não é um acontecimento do ser, mas corresponde à humanização social que surge a partir do agir. As ações que daí resulta podem ser experimentadas unicamente no processo humano do tornar-se consciente.

O conceito da práxis marxista engloba um processo complexo na qual, o indivíduo tem a necessidade do conhecer de si para conhecer a realidade, e a partir das relações sociais, consciente e crítico da sua participação, consiga alcançar a sua emancipação, e o caminho para esse processo começa com a transformação revolucionária da economia capitalista. Essa relação dialética que se desvela, no interior desse processo de formação praxica, não só o indivíduo é afetado pela realidade e por esse conjunto de relações complexas, mas ele mesmo pode afetá-lo e os transformar.

Gramsci(2006), segue com a importância da consciência de si, mas dará ênfase a outros aspectos dessa relação mais voltados a questão do conhecimento educacional, a participação política, as ideologias, e o papel dos intelectuais, partindo do conceito do materialismo histórico.

Um dos aspectos que Gramsci (2015), concorda e progride no mesmo sentido marxista sobre a "filosofia da práxis", é sobre o papel de preparar as massas para agir organizadamente na luta para o fim do capitalismo. A filosofia da práxis entendida por Gramsci busca conduzir as massas para uma concepção em que é possível a elevação intelectual e econômica da massa proletária. Além disso, a observação da organização social faz com que Gramsci, consiga elencar interferências distintas de concepções de mundo que faz com que a sociedade continue em uma estagnação proposital no desenvolvimento humano dentro da esfera econômica.

Sobre a consciência de si, Gramsci, faz um relato das relações sociais e como determinam a forma que participamos da história. Todos nós fazemos parte de um grupo social, a dialética que se instaura é sobre a crítica e sobre a consciência. É preferível “pensar” sem se ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, participando assim de uma concepção imposta de forma natural pelo mundo exterior, por um grupo social que todos estão envolvidos desde a sua entrada na sociedade consciente, sendo homens massa ou homens coletivos.

Gramsci(2015),responde: “[...] quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens massa, nossa própria personalidade é compósita, [...]” (Gramsci, 2015, C.C 11, p. 94). Assim Gramsci, justifica a formação humana, com a história que rodeia o indivíduo, e conhecer a sua história desde os homens da caverna, preconceitos de todas as fases históricas, é que se torna responsável pelo caminho para o “conhece-te a si mesmo.” Não se separa a filosofia da história da filosofia, não se pode ser filósofo — sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato que ela está em contradição, com outras concepções de mundo. Mas também esses grupos sociais devem ser capazes de sua autonomia histórica, em que não se inspirem apenas em acontecimentos do passado ou nas tecnologias futuras que são realidades de outros grupos sociais, precisam fazer sua história enquanto fazem parte dela.

Na questão de nos relacionarmos com várias concepções de mundo, Gramsci (2015), explica que em cada época coexistem muitos sistemas e correntes da filosofia, e que o indivíduo acaba tendendo a uma ou a outra de acordo com a suas experiências, mas que esse deverá ter uma direção consciente, e conseguir discernir entre o senso comum e o bom senso, para ser transformado em algo unitário e coerente.

Alguns grupos ideológicos e que mantêm um poder sobre a massa, como a igreja e grupos políticos, defendem um distanciamento entre intelectuais e pessoas que Gramsci

(2015), nomeia como os de “almas simples”. Esse afastamento é crucial para manter a hegemonia dessas instituições. A filosofia da práxis precisa desse contato entre intelectuais e os “simples”, para forjar um bloco intelectual- moral, para que seja possível o progresso intelectual da massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. Para o catolicismo a interação ou “mistura” dos simples com os intelectuais sempre foi vista como um problema, para um grupo que detém a hegemonia qualquer movimento do grupo inferior pode colocar em risco a perpetuação do poder; por isso, essa aproximação passa a ser perigosa do ponto de vista de quem detêm o poder, por ser responsabilidade dos intelectuais de formar ideologias que regem a massa. Essa preocupação não é a apenas da igreja, mas também de grupos políticos e outros que se mantêm na hegemonia.

Segundo Semeraro, o que Gramsci chama de filosofia da práxis é o nexo orgânico entre várias partes do real, o conhecimento da própria história, contradições, dinâmicas e criações.

[...] Gramsci, destaca que o ponto crucial de todas as questões em torno da filosofia da práxis é a formação de sujeitos críticos, a capacidade cognitiva e o espírito de iniciativa a serem despertados naqueles que sofrem a ação dos dominantes e a passividade frente as estruturas existentes [...] (Semeraro, 2006, p. 34)

Outro aspecto que é tratado sobre a filosofia da práxis gramsciana por Semeraro (2006), é a correlação dialética entre a necessidade e a liberdade. Uma questão que é trazida desde a discussão que Platão faz no livro VII na “Alegoria da Caverna”, e que depois muitos outros filósofos debateram e debatem até a atualidade, sobre a necessidade de liberdade.

A necessidade passa a ser fundamental para que haja a ação do indivíduo em direção a sua autonomia, seja de pensamento, seja na busca da compreensão de si – enquanto participa da história – seja para tomar o seu lugar na sociedade. Necessidade é o motor que fará o indivíduo sentir algum incômodo em que ele, se encorajará a buscar a liberdade. Mas, é importante ressaltar que o primeiro passo do indivíduo em busca da práxis é sair da inércia do seu conhecimento, se aproximar dos intelectuais e fazer o exercício de entender que ele se encontra na caverna — pelo menos em uma caverna com conhecimento mais limitado do que aquele que teve acesso livre a outras concepções de mundo — e precisa agir para sair e criar uma nova perspectiva para a história. Um movimento que só aparece pelo incomodo e por uma necessidade real, que é sentida pela empatia social, por um desconforto do ambiente em que se vive que se trabalha, ou seja, onde ele está estabelecido em suas relações sociais.

Algo precisa acontecer para que a necessidade seja mais forte do que o conformismo, ou uma ideia de determinismo. Caso isso não ocorra, entram em cena os intelectuais orgânicos, os grupos de fábrica, e grupos de representação política, que terão o papel fundamental de fazer com que o indivíduo que faz parte da massa proletária veja a sua importância na participação da formação da sociedade e lute pela sua liberdade.

Na concepção de Semeraro (2006), quando esse movimento não ocorre, se mutila a liberdade, se degenera para o mecanismo fatalista e para uma política catastrófica, quando se ignora a necessidade corre-se o risco do idealismo especulativo e para políticas conciliatórias. Ou seja, quando não há uma revolução intelectual, política e social, pequenos gestos ou ações do grupo hegemônico faz com que a classe dominada recue e volte ao mesmo patamar de estagnação.

Gramsci (2015), afirma que o homem ativo da massa é portador de suas ações, mas, não tem uma consciência teórica da sua ação, e ainda assim a sua consciência teórica pode andar em contradição com o seu agir. Mesmo não podendo ser enumerado o grau de sua consciência o indivíduo só toma uma compreensão crítica de si, por meio de uma luta de “hegemonias”, de direções contrastantes em todos os âmbitos sociais, até que, ele consiga elaborar a sua própria concepção do real.

Um exemplo que temos cotidianamente são alunos que não têm a noção real, de qual é a classe econômica que fazem parte, ou não se identificam com suas etnias e cor de pele, ou mesmo acreditam que o conceito de meritocracia exista e seja possível a alcançar o “sucesso” apenas com seu esforço e sorte. Esse exemplo, trazido de dentro das salas de aulas reforça a questão de que a escola é um lugar onde são perpetuadas ou não as hegemonias já existentes, e a filosofia da práxis conta com essa estrutura de contradições para tomar força e ser implementada.

Fazer parte de uma determinada linha hegemônica é o primeiro passo para tomar uma progressiva autoconsciência, na qual finalmente a teoria e a prática se unificam.

Alguns fatores são determinantes na filosofia da práxis gramsciana entre eles: a teoria e a prática ainda estão em uma fase histórica inicial, pois, ainda temos vestígios de mecanicismo, já que se fala de teoria como se fosse um acessório da prática. E, esse problema estrutural faz com se acredite que a práxis acontece naturalmente na sociedade não parecendo ser determinante a consciência do indivíduo nesse processo.

Para entender essa relação pode-se usar o exemplo daquele funcionário que é contratado apenas para fazer um único movimento, um único trabalho, e mesmo assim acreditar que ele entende todo o processo de produção, como no filme “Tempos modernos” de

Chaplin; ou ainda quando encontramos aquele aluno que estudou a vida toda e não teve a experiência e a didática da sala de aula, e o colocamos para ministrar aulas, sem ele ter tido a experiência das fases de um estágio na sua formação. Essa primeira fase, demonstra que a teoria sem a prática não tem grande valia, assim como a prática cega leva ao desgaste desnecessário de peças importantes.

O segundo aspecto é que uma massa não se torna independente e não se distingue sem organizar-se. Logo, as ideologias devem ser distintas do grupo dominante, e a organização deve mostrar-se capaz de se tornar autônoma e autossuficiente. Nessa nova reestruturação desse grupo social, a cultura, a economia e o viés político social, devem demonstrar que seu aparato intelectual e organizacional é diferente daquele já instaurado anteriormente para essa nova formação da massa, isso se ela realmente conseguir programar o “novo”, pois, o que acontece em geral é apenas a troca de poderes dentro de uma mesma estrutura disfarçada de nova.

Outro aspecto importante é a participação dos intelectuais na organização e na parte dirigente para a formação dessa nova estrutura desse grupo social, porque não existe organização sem intelectuais e sem organizadores dirigentes. Aqui é importante lembrar-se da formação de intelectuais orgânicos para uma organização dirigente genuína, só assim, é possível pensar em algo que tenha em suas raízes as necessidades iminentes que a massa busca para essa nova concepção de mundo. Apenas aqueles que tiveram experiências semelhantes, seriam capazes de entender as reais necessidades desse grupo social. E, por último, mas não menos importante, é necessária uma fidelidade da massa e disciplina para o desenvolvimento cultural como um todo. E, essa fidelidade diz respeito a uma convenção do grupo, onde não se deixem ser contaminados por fatores externos que não condizem com essa nova conjectura.

Elencando esse passo a passo do movimento exigido para a real práxis, podemos dizer que se trata de um método ou um caminho que deve ser seguido pelos grupos dominados, caso, o desejo seja, de mudar a história de maneira eficaz mudando a realidade desses grupos, fazendo com que eles possam participar ativamente das decisões políticas, sociais e culturais, modificando e dando oportunidade para o surgimento de novas ideologias, hegemonias e intelectuais.

A análise possível desse método sugerido deixa em evidência uma questão latente em toda filosofia da práxis que a coloca como uma expressão das contradições históricas, e ainda mais completa pela presença da consciência de um todo que acontece na sociedade. Gramsci, nos leva a pensar nessa contradição a partir do pensamento de Hegel.

Em certo sentido, a filosofia da práxis é uma reforma e um desenvolvimento do hegelianismo, é uma filosofia liberada (ou que busca-se libertar-se) de qualquer elemento ideológico unilateral e fanático, é a consciência plena das contradições, no qual o próprio filósofo, entendido individualmente ou como grupo social global, não só compreende as contradições, mas coloca a si mesmo como elemento da contradição, eleva este elemento a princípio do conhecimento e, conseqüentemente de ação (Gramsci, 2011, p. 166).

Aqui temos um problema entre a necessidade e a liberdade, em que para que a filosofia da práxis exista ou nasça é necessário que haja uma contradição, não apenas social, mas individual. A busca aqui não é por uma liberdade; porque caso tenha liberdade, o pensamento e as ideias de luta não poderão nascer toda essa estrutura só existe porque vivemos em um mundo de contradições e o contrário seria uma utopia, porque sempre existirá um grupo que discorde de outros e que pense em maneiras de fazer com que suas ideias se sobressaiam entre as demais e esse grupo ganhe mais visibilidade, estabilidade e hegemonia.

Essa utopia tem um valor filosófico pelo seu teor político, cada grupo enquanto arquiteta uma maneira de se perpetuar em sua hegemonia, também acredita que é possível que as contradições possam ser diminuídas ou aniquiladas com o tempo, ou pelo menos ter uma “aceitação” mais dócil na sociedade; isso, com a concepção ideológica de que todos nascem com diferenças e essas devem ser mantidas, e esse caráter é cultural e histórico, em que, enquanto um grupo detém o poder, esse é chamado de tirano, mas quando o poder muda de mãos então é renomeado e pode até ser caracterizado como humanista. As concepções históricas de mundo mudam o tempo todo, mas sempre haverá aqueles que se sentiram injustiçados por não estarem ocupando um lugar de destaque.

A teoria das contradições é uma parte importante da filosofia da práxis. Segundo Gramsci (2015), a realidade social é caracterizada por contradições e conflitos fundamentais entre diferentes grupos e classes sociais. Essas contradições surgem a partir das desigualdades e antagonismos presentes na estrutura da sociedade, incluindo a luta entre exploradores (classe dominante) e explorados (classe trabalhadora).

Gramsci (2015), critica a visão determinista e economicista do marxismo tradicional, que via a história como sendo impulsionada exclusivamente pelas relações de produção e pelas forças econômicas. Ele argumenta que, embora a economia desempenhe um papel importante, outros fatores como cultura, política, ideologia e intelectuais orgânicos também são cruciais para a transformação social. Assim, a filosofia da práxis de Gramsci destaca a importância da ação consciente e organizada dos sujeitos históricos, ou seja, das classes subalternas que buscam transformar sua realidade e superar as contradições existentes. Para Gramsci, a tarefa dos intelectuais orgânicos é desenvolver uma consciência crítica e uma

visão de mundo que ajude a unificar e mobilizar as classes subalternas em direção a objetivos comuns.

A noção da filosofia da práxis em Gramsci está relacionada à ação transformadora, ou seja, a capacidade das pessoas de intervir ativamente em sua própria realidade para superar as contradições sociais e alcançar mudanças significativas. Isso envolve tanto a compreensão das estruturas de poder e dominação quanto a construção de alternativas para uma sociedade mais justa e igualitária.

A filosofia da práxis influenciou significativamente os estudos sobre política, cultura e movimentos sociais, e continua sendo objeto de reflexão e debate na teoria política contemporânea.

5 DEMOCRACIA

Quando falamos em democracia geralmente estamos nos referindo a forma com que elegemos os nossos governantes. Mas o termo nem sempre teve esse significado. No seu aspecto político essa palavra deve ser estudada de acordo com o tempo e o lugar onde ela está sendo empregada é preciso distinguir se estamos dando uma acepção tradicional ou moderna.

Na Antiguidade e na Idade Média, a democracia era vista como uma das três formas positivas de governo, monarquia, aristocracia e democracia, quando quem governa busca o bem comum, ou de modo negativo, tirania, oligarquia e demagogia, que é quando quem governa, cuida do seu próprio interesse. Na Idade Moderna a democracia era vista como atitude política que se opõe ao absolutismo. Na Idade Contemporânea é visto como alternativa ao totalitarismo seja ideológico ou tecnológico (Abbagnano, 2012).

A democracia sempre foi caracterizada pela criticidade (antidogmática e anticética) em que sempre se pensa em soluções para melhorá-la. Pois, a democracia não se trata de ir em direção ou agir pelo povo, mas tornar o povo protagonista. O problema não é se o povo deve governar, ou quem deve governar, o problema é saber como governar, ou seja, como o povo pode desfazer-se de um governo sem derramamento de sangue, caso esse governo lese seus direitos e deveres; mas também se a sua política for considerada ruim e equivocada como ressalta Abbagnano (2012, p. 278 – grifos do autor) “Nas palavras de Popper ‘temos necessidade de liberdade para evitar os abusos de poder do Estado’ e também temos ‘necessidade do Estado para evitar o abuso de liberdade’, conscientes, aliás, de que ‘esse problema jamais será resolvido’ ”.

Segundo Bobbio (2000, p. 372), “[...] por democracia os antigos entendiam a democracia direta”, porque era exercida quando a população se juntava nas praças públicas ou em uma assembleia e decidiam sobre as ações que deveriam tomar pela cidade, então democracia representava literalmente poder de *démos* — lembrando que nessa época apenas algumas pessoas eram consideradas cidadãs e podiam participar das decisões na política — e não como significa hoje, poder dos representantes de *démos*. Hoje temos a democracia representativa, o voto não é para decidir, mas para eleger quem irá decidir, o que afasta a população da política, de ter algum interesse ou de achar que a sua participação fará diferença entre os governos que adquirem poder.

Hoje ‘democracia’ é um termo que tem uma conotação fortemente positiva. Não há regime, mesmo que mais autocrático, que não goste de ser chamado de democrático. A julgar pelo modo através do qual hoje qualquer regime se

autodefine, poderíamos dizer que já não existem no mundo regimes não democráticos. Se as ditaduras existem, existem apenas, como dizem os autocratas, com o objetivo de restaurar o mais rápido possível a ‘verdadeira’ democracia, que deverá ser, naturalmente, melhor do que a democracia suprimida pela violência. Ao contrário, no tradicional debate sobre as formas de governo, a democracia foi colocada quase em último lugar, exatamente em razão da natureza de poder dirigido ao povo ou pela massa, ao qual foram habitualmente atribuídos os piores vícios da licenciosidade do desregramento, da ignorância, da incompetência, da insensatez, da agressividade, da intolerância. A democracia nasce, segundo clássica passagem, da violência e não pode conservar-se senão através da violência. (Bobbio, 2000, p. 375 – grifos do autor)

Bobbio (2000, p. 375) lembra que, os filósofos não viam a democracia como uma boa forma de governo, Platão no livro VIII da República defendia que “[...] da desagregação social da qual é responsável o governo popular: um modelo para tiranos de todos os tempos, cuja tarefa é restabelecer a ordem, ainda que a ferro e fogo.” Aristóteles afirmava que o termo “democracia” serve para designar o mau governo popular. Maquiavel, no entanto, já dava ênfase a questão de quem poderia governar seguindo a ideia de Platão que, os homens deveriam ter uma preparação e ser descendente da casta ouro, pois, não é possível um operário braçal ter aptidão ao cargo de governante, para isso, deveriam ter ascendência para comandar, e estes só tinham aprendido a servir. Já Rousseau, embora fosse a favor da democracia, reconheceu que uma real democracia jamais existiu, pois, para ele, a democracia só é possível em um Estado muito pequeno, no qual seja fácil o povo se reunir e no qual todos se conheçam.

No livro Segundo do conjunto *Do Espírito das Leis*, cujo tema é *Do Governo Republicano e Das Leis Relativas à Democracia*, obra de Montesquieu (1985), nos leva a pensar qual a quantidade necessária de indivíduos, que devem participar das decisões em um Estado democrático. Neste tratado, ele desenvolveu suas ideias sobre a separação dos poderes e sua visão sobre a democracia, estabelecendo princípios que influenciaram profundamente a teoria política e a prática democrática.

A concepção de Montesquieu (1985), sobre a democracia fundamenta-se na ideia de que o poder não deve ser concentrado nas mãos de um único governante, mas sim distribuído entre diferentes instituições. Ele propôs a separação dos poderes em executivo, legislativo e judiciário, acreditando que essa divisão impediria abusos de autoridade e garantiria a liberdade dos cidadãos.

Para Montesquieu (1985), a democracia verdadeira só seria possível em um Estado moderado, no qual cada poder limita e equilibra o outro. Essa "tripartição" dos poderes garantiria a participação popular, a proteção dos direitos individuais e a estabilidade do

governo. Montesquieu (1985) argumentava que, caso um único poder concentrasse demasiadamente a autoridade, isso levaria à tirania.

A concepção de Montesquieu sobre a democracia destaca-se como uma abordagem crítica e inovadora em seu tempo, moldando o pensamento político que fundamenta muitas das estruturas democráticas contemporâneas. Sua defesa pela distribuição equilibrada do poder continua a ser relevante, fornecendo uma base sólida para a compreensão e aprimoramento contínuo dos sistemas democráticos. Montesquieu (1985) afirma que, o povo por meio do voto constitui sua vontade e, as leis que instituem e regulamentam toda a forma de viver de uma nação.

Montesquieu (1985) considera ser fácil para Governos monárquicos e despóticos a manutenção destes no poder, pois não precisam de certa maneira demonstrar probidade. Para o autor, uma República democrática precisa da demonstração de probidade, e o povo junto com seus governantes precisa de virtude, a virtude política, moral, a que tem como fim em comum o bem de toda a população.

Segundo o artigo de Coutinho (1997) intitulado “Hegel e a democracia”, salienta que embora “Hegel se afaste claramente, em muitos aspectos de concepções democráticas expressas em sua época, não o impede de contribuir com seus conceitos sobre a política, independente de suas intenções explícitas, para uma teoria moderna da democracia.” Hegel vai seguir as ideias de Rousseau, mas na sua maturidade fez uma análise um pouco diferente do autor.

Uma das questões levantadas por Coutinho, que considera peça-chave de leitura da filosofia política de Hegel é sua relação conturbada da vontade geral, da forma como foi trazida por Rousseau.

Em outras palavras, ao contrário de Rousseau, o Hegel maduro não pretendia contrapor como coisas reciprocamente excludentes o privado e o público, o singular e o universal, mas buscava mostrar que, entre esses dois momentos, dava-se agora uma mediação dialética através da particularidade, mediação que teria seu principal espaço de explicitação precisamente na ‘sociedade civil.’ Com a descoberta dessa mediação, Hegel se capacitava a cumprir a tarefa central que propusera para sua filosofia política: a conciliação entre, por um lado, a liberdade individual (ou a autonomia do sujeito), surgida na modernidade e transformada no principal valor do liberalismo, e, por outro, a reconstrução de uma ordem social fundada na prioridade do público (do universal) sobre o privado, prioridade que existira nas repúblicas antigas e que voltava agora a se apresentar, como tarefa para a modernidade, na proposta democrática de Rousseau (Coutinho, 1997, p. 4 – grifo do autor).

Ainda segundo Coutinho (1997), Hegel admite a problemática que surge da diferenciação de interesses entre sociedade civil e Estado, mas acredita ser uma espécie de

síntese, o que é rebatido por Marx, que defende que não se trata de uma síntese, mas sim, de uma expressão lamentável da relação e da separação que existe entre a sociedade civil e o Estado. Contradição essa que pode ser resolvida por meio de mediação, mas que implica em acreditar em uma solução ilusória e logicamente falsa.

Sobre a concepção da democracia como valor estratégico, Lênin havia afirmado que "o proletariado não pode triunfar sem quebrar a resistência da burguesia e esmagar pela força seus adversários; e que, onde há 'esmagamento' pela força, não há 'liberdade', conseqüentemente, não há democracia" (Lênin *apud* Andrade, 1982)⁶. Mas, também que era necessário acabar com a sociedade e com a democracia burguesa, e era preciso implementar a democracia mais ampla que seria, a ditadura do proletariado.

segundo Said (2006), Gramsci traz a importância de se lutar pela democracia e pela consciência de classes a partir da evolução da formação social do indivíduo, mas sempre tendo como finalidade uma luta contra o capitalismo.

A crise é a mudança morfológica das forças que organizam e guiam o crescimento civil em uma determinada formação social. Traz consigo a possibilidade do desenvolvimento posterior que uma formação social tem em seu seio, com a potência criativa dos sujeitos agregando-se e orientando os vários reagrupamentos sociais, o que possibilita o confronto de classes antagônicas no capitalismo avançado. Essa é a base sobre a qual Gramsci propõe, nos Cadernos, a passagem da 'guerra de movimento' para a 'guerra de posições', baseado: na função dos sujeitos na história. Então, percebe-se a importância da luta pela democracia, que seria o lugar onde novos sujeitos definiriam seu papel e as próprias estratégias, organizando-se para a luta contra o capitalismo. A estratégia da guerra de posições revela uma concepção instrumental da democracia (Said, 2006, p. 66 – grifos do autor).

Said (2006), afirma que existe todo um enredo na questão da democracia levantada por Gramsci. Primeiro pelo aspecto da evolução necessária do proletariado frente às questões políticas. Segundo em pensar na democracia demandando uma autoconsciência e uma reforma intelectual e moral para assim, poder seguir com uma concepção de mundo coerente e unitária, organizando revoluções, pela luta de oposições na democracia burguesa, para enfim chegar a verdadeira democracia que, para Gramsci seria a democracia operária, em concordância com Lênin, que teria como um começo as experiências dos conselhos de classe de Turin.

Existe uma lógica nas relações e organizações da classe burguesa com a classe proletária, que tenta negar a existência da luta de classes no regime capitalista, isso ocorre,

⁶ Arquivos do jornal Voz da Unidade registram luta pela democracia no Brasil, produzido pelo PCB, semanário circulou de 1980 a 1991 e reforçou busca por unidade das forças democráticas no país.

pela hegemonia. Enquanto a direção política e cultural demonstra capacidade de interagir com as estruturas jurídicas e ideológicas e reforça as bases da superestrutura, a hegemonia corrobora com a forma de pensar e agir das classes dominantes, que é incorporada pelas classes sociais subalternas, e que se estabelecem como uma representação democrática.

Entre os muitos significados de democracia, parece-me que o mais realista e concreto se possa deduzir em conexão com o conceito de hegemonia. No sistema hegemônico, existe democracia entre o grupo dirigente e os grupos dirigidos na medida de que o desenvolvimento da economia e, por conseguinte, a legislação que expressa este desenvolvimento favorecem a passagem molecular dos grupos dirigidos para o grupo dirigente (Gramsci, 2007a, p. 287).

Para Gramsci (2007a), a democracia é um processo em constante evolução, não apenas uma questão de votar ou eleger representantes, mas sim um ambiente onde diferentes grupos e classes sociais podem participar ativamente das decisões políticas, sociais e econômicas que afetam suas vidas. Ele enfatizou a importância da participação popular, da conscientização e da mobilização das massas como elementos fundamentais para uma democracia genuína e transformadora.

A abordagem gramsciana difere das perspectivas clássicas, como a de Montesquieu, ao se concentrar nas dinâmicas culturais e na hegemonia como elementos fundamentais na formação e sustentação do poder. A democracia, segundo Gramsci (2007 a), deveria ser entendida como um processo contínuo de luta pelo consenso e pela construção de uma "vontade coletiva" que transcende as divisões sociais. Para Gramsci (2007 a), a verdadeira democracia não seria alcançada apenas por meio de eleições formais, mas sim através da participação ativa dos cidadãos na formação de uma cultura política mais inclusiva e igualitária. Também alertou para os perigos da democracia meramente formal, que poderia se tornar uma ferramenta de manutenção de poder pelas elites dominantes. Ele argumentava que, se a sociedade civil estivesse subjugada à hegemonia de uma classe, mesmo um sistema político formalmente democrático poderia perpetuar desigualdades e injustiças. A contribuição de Gramsci para o entendimento da democracia reside na sua ênfase na importância da cultura, da sociedade civil e da luta ideológica na construção de um sistema verdadeiramente democrático.

6 METODOLOGIA DE PESQUISA-AÇÃO: INTEGRANDO TEORIA E PRÁTICA PARA TRANSFORMAR A REALIDADE

O presente estudo busca por uma metodologia didática, que vai elencar teorias da história da filosofia política, voltado ao ensino médio a partir do pensamento de Gramsci, que deixou um legado a respeito da educação, e a importância da filosofia da práxis, no desenvolvimento político filosófico, e ainda a elucidação dos conceitos sobre hegemonia e democracia.

A pesquisa foi pensada pela necessidade contribuir com o sequenciamento da filosofia política no Ensino Médio, e pela percepção da ausência de conteúdo do filósofo Gramsci, assim como seus conceitos e teorias que são fundamentais na formação do estudante em formação.

A pesquisa e o entendimento sobre Gramsci (1891-1937) é uma escolha que se justifica pela sua vivência e contribuição no campo da filosofia, da política e no campo educacional.

Algumas dessas contribuições são as renovações do pensamento marxista: Gramsci enfatizou a importância da cultura, da hegemonia para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas, proporcionando uma perspectiva mais aberta e flexível. Para a teoria do Estado: Gramsci expandiu a teoria marxista, argumentando que o Estado é mais do que apenas um instrumento de dominação, mas também desempenha um papel ativo na construção e manutenção do consenso social.

Um dos conceitos-chave de Gramsci é a hegemonia, que se refere à dominação não apenas por meio da coerção e força, mas também pelo consenso e direção intelectual e moral das classes dominantes. Essa ideia é essencial para entender como as ideologias são formadas e como as classes dominantes mantêm sua posição. Gramsci oferece uma análise profunda do poder e da política em sociedades complexas. Ele investigou as formas pelas quais o poder é exercido e contestado, além de analisar as relações entre sociedade civil e Estado.

Em suas reflexões Gramsci destacou a importância da cultura e da educação na formação das ideologias e na manutenção da ordem social. Também escreveu sobre o papel dos intelectuais e da escolarização como forma de orientação social.

A abordagem de Gramsci é sensível ao contexto histórico específico em que se desenvolveu. Seus escritos foram produzidos em meio a situações de crise e mudança política, o que os torna relevantes para a análise de conjunturas políticas atemporais. As ideias de Gramsci continuam a serem aplicadas e debatidas em diversas áreas do pensamento político,

como a teoria democrática, os estudos de movimentos sociais e os estudos de políticas públicas.

O estudo de Gramsci em filosofia política é fundamental para aqueles que buscam uma compreensão mais aprofundada do poder, da política, das ideologias e das dinâmicas sociais em sociedades complexas. Suas contribuições proporcionam um olhar crítico e perspicaz sobre o mundo contemporâneo e suas estruturas políticas e sociais.

As preocupações passam da vida particular do filósofo, para uma observação social de uma realidade, e a melhor forma de tentar mudar a realidade de um povo, segundo Gramsci (2015) é pela educação, e a participação política consciente da luta de classes. Para Gramsci, a filosofia crítica é a superação da religião e do senso comum.

A educação teria a função de aproximar os intelectuais dos operários braçais, pois, essa relação não dependeria da diferença ou defasagem intelectual ou econômica, os trabalhadores tendo a mesma qualidade educacional e mesma valorização profissional, poderiam praticar uma troca de conhecimento onde se juntaria a teoria e a prática sem preconceitos.

Para entender como as concepções de mundo são formadas pelo crivo marxista, as lutas de classes são legitimadas por uma ideologia hegemônica, como um conceito que significa verdades aceitas pela sociedade e digno de uma aceitação universal. Gramsci (2015) vai defender que essas ideologias são formadas a partir do senso comum, principalmente pelas igrejas (religião), que vai formar novas ideologias de acordo com a necessidade de cada época; também pelas organizações dos sindicatos nas fábricas (que orienta a economia), e pelo ambiente escolar, que participa da formação do indivíduo desde a sua infância até a vida adulta.

Essas organizações que formam novos intelectuais e que tem a responsabilidade de manter a hegemonia vigente orienta a massa popular a partir dessas ideologias. Por isso, a importância de se formar novas massas de intelectuais, principalmente os intelectuais orgânicos, formarem seres pensantes dentro das classes operárias; assim, tendo uma representatividade em todos os níveis sociais.

As novas filosofias só surgem pela urgência de necessidades sociais, e sem a limitação do conhecimento, em outro sentido Gramsci (2002), afirma que somos apenas compósitos daquilo que nos rodeia, como as ideologias hegemônicas. A reforma intelectual é imprescindível para conquistar a hegemonia, e a formação da consciência de classe depende disso. A luta pela hegemonia, uma batalha de ideias, de visão de mundo, de ideologia e de projetos políticos em disputa, assume uma importância central na luta pelo poder do Estado e

em sua conquista. Pode ser um consentimento ativo não só no discurso, mas, principalmente, na ação política, é, portanto, um processo pedagógico. É importante salientar que hegemonia não pode ser confundida com dominação; hegemonia representa uma direção, conquista, luta, guerra de posição (Gramsci, 2002, p. 262).

Nesse desenvolvimento das capacidades críticas dos estudantes temos ainda a elucidação do conceito da filosofia da práxis, Gramsci (2006), desenvolve a filosofia da práxis como um modo crítico e revolucionário de compreensão da realidade histórico social e na luta política, pela hegemonia e libertação das classes subalternas; o que significa uma grande contribuição para a emancipação do pensamento político do estudante nas aulas de filosofia do ensino médio.

Já quando falamos de democracia Gramsci (2002), afirma que a democracia não é apenas um sistema político, mas também uma forma de organização social que permeia diversas esferas da vida, incluindo a educação. Para Gramsci (2002), a democracia na educação é vital para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Ele via a escola como um espaço onde as ideias e valores da sociedade são transmitidos e contestados. A democracia na educação permite a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, capacitando-os a desenvolver habilidades analíticas e pensamento crítico.

A importância da democracia na educação, para Gramsci (2002), reside na capacidade de criar um ambiente onde diferentes perspectivas e vozes são ouvidas e respeitadas. Isso implica não apenas a liberdade de expressão, mas também o reconhecimento e a valorização das experiências e identidades diversas dos estudantes. A democracia na educação contribui para a construção de uma consciência coletiva que transcende as divisões sociais.

Gramsci (2006) argumentou que os educadores desempenham um papel crucial na formação das mentes jovens e, portanto, devem ser treinados para promover a participação, a reflexão e o questionamento, em vez de simplesmente transmitir informações de maneira autoritária. O que é bem disseminado nas teorias educacionais atualmente, com as escolas de autoria, onde o estudante participa integralmente de várias decisões sobre o processo de conhecimento desenvolvido na dinâmica nas escolas.

A democracia na educação é essencial para a formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de questionar as normas estabelecidas. Ela promove a diversidade de pensamento, a participação ativa dos estudantes e a formação de uma consciência coletiva que transcende as barreiras sociais. Mas, além do exercício da democracia é importante a clarificação do próprio conceito, a democracia como prática política, como ela é vista pelos

teóricos desde a antiguidade até os dias atuais e fazer com que os estudantes desenvolvam seu senso crítico a respeito desse conceito.

A partir desse contexto o problema observado ao ministrar a Unidade Curricular de Filosofia da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em escolas da rede pública de ensino de Campo Grande/MS, especificamente nas que ofertam o Ensino Médio, observou-se que os materiais didáticos utilizados, são compostos de poucos conteúdos sobre os conceitos que tratam da Hegemonia, da Filosofia da Práxis e da Democracia, conceitos estes trabalhados por Gramsci, e que são necessários para o entendimento dos estudantes em relação a compreensão sobre filosofia política.

Tem-se verificado que o conteúdo é tratado iniciando nos primeiros anos de Ensino Médio pela política antiga e medieval, no segundo ano é apresentando o conteúdo do estado moderno ao liberalismo, sofrendo uma ruptura no sequenciamento didático que ao chegar às teorias socialistas e comunistas, salta para a Escola de Frankfurt, já com as discussões sobre a democracia contemporânea, mas faltando o enfoque necessário a conceitos tão importantes para entender a construção da política no cenário social, que proporcionam discussões a respeito da participação e emancipação política, responsável pela autonomia de pensamento, e para o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes, a respeito da sua participação como cidadãos conscientes da concepção de mundo que se encontram inseridos.

Nesse sentido, há a necessidade de desenvolver uma metodologia que traga a partir dos conceitos mais simples, e dentro do conteúdo de filosofia política, a inserção do filósofo Gramsci, os conceitos de Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia.

Justifica-se a discussão a partir dos conceitos de hegemonia, filosofia da práxis e democracia que o filósofo Gramsci, esclarece com conhecimento teórico e por ter participado de forma ativa de grandes acontecimentos da história da filosofia política, sendo incentivador da educação como forma de emancipação humana.

Começando pela história de vida de Gramsci (Fiori,1979),que passou por percalços, que fizeram com que sua luta pelas classes menos favorecidas, tivesse um alicerce ainda mais sólido, pois a questão da educação sempre esteve presente em sua vida. Ainda jovem, se viu impedido de continuar seus estudos, por sua família não ter condições financeiras, se sentia injustiçado, pois mesmo sendo um ótimo aluno não tinha condições de prosseguir com seus estudos, enquanto outros, que não davam importância para tal, continuavam sua trajetória educacional.

Com empenho e esforço, passou a estudar por conta própria, e a partir de sua vivência e dos fatos que aconteciam na sociedade, começou a pensar de que forma a educação

poderia chegar à classe proletária. Entretanto Gramsci, ciente da importância e da influência da política na educação, entendia que para a disponibilização de conhecimento para todos os níveis sociais, seria necessário que houvesse interesse político e comercial por parte dos grandes industriais. A criação do Partido Comunista Italiano (PCI), era fundamental para que a população tivesse uma representação política que fosse capaz de representar e levar a frente às necessidades dos proletários.

Gramsci (2015) traz a importância de se formar intelectuais orgânicos, que saiam das massas populares, pois estes têm a preocupação e sentem na pele as necessidades que outros intelectuais conhecem apenas de forma teórica, fazendo toda a diferença quando se busca soluções políticas e sociais para formar uma nova hegemonia política filosófica.

Passagem do saber ao compreender, ao sentir, e, vice-versa, do sentir ao compreender, ao saber. O elemento popular ‘sente’, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual ‘sabe’, mas nem sempre compreende e, menos ainda, ‘sente’. [...] O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado. [...] [O intelectual] deve sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, portanto, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as dialeticamente com as leis da história, com uma concepção do mundo superior, científica e coerentemente elaborada, com o ‘saber’; não se faz política-história sem essa paixão, isto é, sem esta conexão sentimental entre intelectuais e povo - nação. Na ausência destenexo, as relações do intelectual como povo - nação são, ou se reduzem, a relações de natureza puramente burocrática e formal; os intelectuais se tornam uma casta ou um sacerdócio [...] (Gramsci, 2015, C.C 11, § 67, p. 221-222, grifos do autor).

É possível observar pela biografia de Gramsci, a preocupação de se ter representantes da classe subalterna no poder, pois, o filósofo havia sentido na pele as questões que envolviam a dificuldade de acesso aos estudos, e depois, como perseguido político. No cárcere, percebeu que era necessário não parar de produzir conhecimento, pois assim, ainda seria possível continuar com o seu legado de levar a educação e conscientizar a população sobre a importância da emancipação política, e dessa forma surgiram as produções dos Cadernos do Cárcere, e que até a atualidade servem de estudo sobre concepções políticas e outros debates sobre as mais diversas áreas do conhecimento, como história, ciências sociais e educação.

Dada a relevância da participação histórica e política de Gramsci e as suas concepções de mundo, e levando em consideração a clarificação de termos essenciais para se desenvolver o pensamento crítico sobre filosofia política dos estudantes, apresenta-se os conceitos sobre a Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia, e se questiona o que os

estudantes conhecem sobre esses conceitos pelo senso-comum, depois a teoria gramsciana é apresentada como meio para a elucidação desses conceitos.

A compreensão desses conceitos possibilitará o entendimento da história política que ocorreu em várias épocas, no sentido de demonstrar como essas mudanças interferiram nas necessidades sociais e nas novas massas de intelectuais.

A Filosofia da Práxis, pode ser entendida como uma ferramenta que consegue emancipar trabalhadores da classe proletária, a partir do conhecimento prático, mas também da educação teórica em todos os âmbitos, principalmente com a compreensão sobre a política, a democracia e a hegemonia, destruindo o preconceito ou estigma de que a educação seria para poucos.

Assim este estudo tem por objetivo a produção de novos conhecimentos por meio da utilização da pesquisa-ação, que é justificável pelo primeiro momento onde se elabora a pesquisa teórica tanto dos assuntos tratados no filosofia política no ensino médio e a pesquisa do teórico escolhido para a elaboração do material que servirá como base para a ação em sala de aula, em que se coloca em prática a teoria que se pretende para desenvolver o pensamento filosófico político dos estudantes do ensino médio, a partir da Filosofia da Práxis gramsciana, elucidando os conceitos de Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia. E com a característica de pesquisa qualiquantitativa, que une descrição, classificação e interpretações de informações, com base em dados empíricos, mas que também leva em consideração a interação na pesquisa além dos dados numéricos. Com a aplicação de aulas que sugerem a continuação do assunto de filosofia política para a formulação do pensamento crítico e filosófico desses estudantes contribuindo em sua formação e emancipação como cidadão brasileiro.

Para tanto, este estudo, tem por objetivos específicos, levar a filosofia gramsciana ao conhecimento dos estudantes do Ensino Médio, desenvolvendo o conceito de Hegemonia, Filosofia da Práxis, e Democracia, e a partir desse estudo sugerir a aplicação de aulas que seja capaz de elucidar, alguns dos questionamentos sobre filosofia política, luta de classes e concepções ideológicas do mundo.

A metodologia aplicada será embasada em diálogos, escrita e apresentação de filme, aplicadas em 4 aulas seguindo um sequenciamento de teorias filosóficas políticas, para extrair resultados que demonstre qualitativamente a evolução do pensamento crítico alcançado pelos estudantes.

Com os conhecimentos adquiridos na graduação e, a partir da experiência nas Unidades Curriculares de Filosofia no Ensino Médio, em termos teórico-metodológicos,

desenvolveu-se essa pesquisa na perspectiva quali quantitativa tendo a pesquisa-ação como método de investigação, em que a pesquisa consistiu nos conceitos desenvolvidos pelo teórico Gramsci, que são a hegemonia, a filosofia da práxis e a democracia. A aplicação em sala de aula será com o desenvolvimento de diálogos, leitura e a apresentação de filme, recorrendo a cinematografia como forma lúdica para demonstrar esses conceitos acontecendo na prática, e posteriormente a aplicação de questionário para avaliar de forma qualitativa a aprendizagem dos estudantes, e a satisfação na participação da pesquisa.

A pesquisa qualitativa, busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial, esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Diferente da estatística quantitativa que aqui também será contemplada pela presença de tabelas e números, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações.

É necessário interagir com o fenômeno, e acontece de forma natural, em que tenta compreender a totalidade dos fenômenos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 48), a investigação qualitativa é descritiva e,

[...] os dados recolhidos são em formas de palavras ou imagens e não em números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas [...]. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica essencial para a compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e humanos, valorizando a subjetividade e a complexidade das experiências e perspectivas dos sujeitos envolvidos (Bogdan e Biklen, 1994, p. 135) destacam que essa forma de investigação tem como objetivo “[...] capturar os significados dos fenômenos sociais tais como as pessoas os experimentam em suas vidas cotidianas”.

A abordagem qualitativa se diferencia da pesquisa quantitativa por sua ênfase na interpretação, compreensão e exploração do significado por trás dos dados coletados. Ao optar pela pesquisa qualitativa, os pesquisadores reconhecem a riqueza de informações que podem ser obtidas a partir das narrativas e das experiências dos participantes.

Como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 135), a pesquisa qualitativa “[...] permite que os pesquisadores abordem a complexidade dos fenômenos sociais, em vez de reduzi-los a fórmulas simples”.

A imersão nos contextos sociais é uma das principais vantagens da pesquisa qualitativa. Ao adentrar o cenário de estudo e vivenciar a realidade dos participantes, o

pesquisador pode obter *insights* valiosos sobre como as pessoas compreendem e atribuem significados aos acontecimentos em suas vidas. Essa abordagem sensível permite a identificação de temas emergentes e descobertas surpreendentes que poderiam passar despercebida em um estudo quantitativo, que é o objetivo dessa pesquisa, que é ir além dos números e alcançar essa leitura humanística.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica fundamental para a compreensão rica e contextualizada dos fenômenos sociais e humanos. Ao se aproximar dos participantes, valorizando suas narrativas e perspectivas, essa forma de investigação permite uma apreensão mais profunda da realidade estudada. Bogdan e Biklen (1994, p. 135) afirmam que “[...] a pesquisa qualitativa oferece um tipo de visão de mundo que é rica em detalhes, complexidade e textura [...]”, tornando-se uma ferramenta poderosa para a geração de conhecimento significativo e aprofundado sobre a sociedade e a experiência humana. Segundo Rufino e Darido (2010, p. 2), “Dentre as formas de pesquisas qualitativas, a pesquisa-ação possui grandes possibilidades de aplicação, contribuindo em diversas áreas, como, por exemplo, a escolar”, concordam com Thiollent (2008, p. 14) que a pesquisa-ação,

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A escolha do método de investigação Pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus estudantes.

Visa articular a relação entre a teoria e a prática no processo de construção de conhecimento, de modo que a ação se converte em intervenção social possibilitando com isso uma efetiva atuação sobre a realidade estudada.

É uma metodologia de investigação que tem ganhado destaque em diversos campos do conhecimento, incluindo educação. Trata-se de uma abordagem que busca promover a mudança e a melhoria de práticas, processos e realidades sociais, ao mesmo tempo em que avança na produção de conhecimento científico.

Na área educacional, a pesquisa-ação tem sido amplamente utilizada para aprimorar as práticas de ensino e aprendizagem. O trabalho de Elliot (1991) exemplifica como os

professores podem utilizar a pesquisa-ação para identificar problemas no processo educacional e desenvolver estratégias inovadoras para o ensino em sala de aula.

Nesse sentido, a escolha metodológica da pesquisa-ação se mostra apropriada como caminho para desvendar um fenômeno social de base empírica; e como método de pesquisa social que estabelece uma relação com a estrutura coletiva, além de ser participativa e ativa ao nível da capacitação de informações.

Ao ser utilizado esta opção metodológica, pode-se evidenciar a sua flexibilidade como método participativo de investigação, pois ele mostra-se como uma metodologia que possibilita a interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, ou seja, entre o saber formal e saber informal, entre a teoria e a prática, conduzindo a mudanças reais de como os fatores históricos interferem na relação social do indivíduo com o meio.

O cerne dessa metodologia é a construção do conhecimento, em que o saber teórico se entrelaça com a prática cotidiana, assim como na filosofia da práxis, permitindo a reflexão sobre problemas reais e a busca de soluções. Diferentemente de outros métodos, a pesquisa-ação se baseia na premissa de que a mudança e o aprendizado acontecem de forma simultânea e complementar.

Barbier (2007) em suas concepções apresenta a metodologia da pesquisa-ação da seguinte forma:

- Em relação à formulação dos problemas apresenta que não precisa formular hipóteses e preocupações teóricas, pois os problemas nascem, num contexto preciso, de um grupo em crise, ou seja, os estudantes na sala de aula. O pesquisador os contata e não os provoca.
- Já a coleta de dados, o autor salienta que as questões são pertinentes à coletividade inteira e não as de uma amostra representativa em que os instrumentos são mais interativos e implicativos.
- Para a avaliação, os dados são retransmitidos à coletividade, a fim de conhecer sua percepção da realidade e de orientá-la de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados.
- Para a análise e interpretação dos resultados, trata os resultados como produtos de discussões de grupo. Exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa ação impõe a comunicação dos resultados da investigação aos membros nela envolvidos, objetivando a análise de suas reações.

- Os resultados são submetidos e previamente negociados dia a dia entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, a toda a coletividade para provocar a avaliação. A coletividade passa, então, à determinação das “possibilidades de melhoria”.

A partir dessas concepções o desenvolvimento desse estudo dar-se-á da seguinte forma:

Como já observado ao ministrar a Unidade Curricular de Filosofia, da área de Ciência Humanas e Sociais Aplicadas, em escolas que oferecem o Ensino Médio, nos materiais didáticos tem-se verificado que, falta conteúdo que traga discussões a respeito da participação e emancipação política, que é necessária para uma autonomia de pensamento. Inicialmente pretende-se coletar dos estudantes informações sobre os conhecimentos já adquiridos ou o que eles entendem pelo senso comum sobre os conceitos de Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia.

Essa coleta será realizada a partir de produções dissertativas, (diagnóstico inicial) sobre o entendimento que os estudantes têm sobre os conceitos de Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia que serão lidos coletivamente, a fim de conhecer a percepção da realidade no sentido de orientá-los.

Na sequência se define coletivamente um plano de ação para enfrentar o problema, identificado a partir da prática aplicada em sala, pode-se começar a explicação dos conceitos continuando o sequenciamento didático.

O plano de ação refere-se a uma intervenção por meio de aulas expositivas dialogadas, com leituras introdutórias para aprofundamento das discussões sobre os conceitos já citados. Em seguida será apresentada uma linguagem fílmica (audiovisual), que abre a discussão interpretativa sobre a importância da filosofia política na contemporaneidade, por meio do qual o discurso argumentativo se converte em objeto de investigação das ciências, da filosofia e da construção de mediações de emancipação pessoal e sociocultural, pois se trata de um ponto de partida na investigação e aprofundamento dos conceitos de modo a permitir uma avaliação mais apropriada dos problemas detectados.

Com o aprofundamento e discussões de cada conceito (Hegemonia, Filosofia da Práxis e Democracia) a partir dos discursos argumentativos apresentados em cada aula os estudantes deverão responder ao questionário em que irão demonstrar o quanto de conhecimento foi adquirido, que servirão de análise e interpretação dos resultados. O questionário possibilitará a comunicação dos resultados da investigação aos membros nela envolvidos, objetivando a análise de suas reações.

Dessa forma, os resultados serão debatidos e refletidos em conjunto, alimentando um novo ciclo de ação com ajustes e melhorias contínuas.

Com essa abordagem colaborativa permite a criação de conhecimento contextualizado, enraizado nas necessidades e experiências das pessoas envolvidas. Além disso, a pesquisa-ação possui um potencial transformador, pois, ao promover a participação ativa dos estudantes envolvidos, fortalece a autonomia, contribuindo para a resolução de problemas sociais. Nesse sentido a pesquisa-ação promove a integração entre teoria e prática.

Muitas vezes, os professores por estarem em sala de aula desenvolvendo um currículo engessado podem se afastar das bases teóricas que fundamentam suas ações, nesse sentido, a pesquisa-ação supera essa dicotomia ao estimular uma reflexão constante entre o saber científico e as práticas cotidianas, criando um diálogo produtivo entre ambas as esferas, pois ao integrar teoria e prática, promove mudanças e constrói conhecimento relevante e contextualizado.

7 O CENÁRIO DA PESQUISA: PRÁXIS NA ESCOLA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o cenário de pesquisa como uma práxis possível na escola, para tanto, foi dividido em cinco sessões, sendo: a escola lócus de estudo, os desenvolvimentos das aulas e suas atividades práticas, a apresentação do filme, a aplicação de questionário e processo de análise.

O Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) conforme informações coletadas na *home page* da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (UFPR/PRPPG) e (UFMS) é um Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, na modalidade mestrado profissional, em rede, vinculado à Área de Filosofia da CAPES, com abrangência nacional, e concede aos estudantes concluintes o título de mestre em Filosofia, com área de concentração em Ensino de Filosofia. O PROF-FILO tem por meta central oferecer aos discentes o aprofundamento de sua formação, por meio da reflexão sobre o Ensino de Filosofia, tomando a prática e a experiência docentes como um dos principais fios condutores de pesquisa (UFPR, 2023).

Tem como público os professores de Filosofia na Educação Básica preferencialmente aqueles que atuam nas escolas das redes públicas de ensino, integra as políticas de formação de professores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e resultou de uma iniciativa apoiada pela Associação Nacional de Filosofia (ANPOF) e está atualmente sediado no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A finalidade do PROF-FILO é a melhoria da qualidade da docência em Filosofia na Educação Básica, oferecendo aos profissionais admitidos uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia, em especial no Ensino Médio (UFMS, 2023).

Os discentes são convidados e provocados a refletirem sobre suas práticas docentes, sobre o sentido dessas práticas, bem como, sobre aquilo que pode tornar a Filosofia e o filosofar em algo significativo e que promova à autonomia de pensamento e o exercício da cidadania, segundo valores que congreguem o respeito, a tolerância, a liberdade, o espírito democrático e a valorização dos saberes e conhecimentos culturais e científicos, tendo como um de seus objetivos específicos estimularem a produção de materiais e metodologias dirigidas especificamente para o Ensino de Filosofia, objeto desse estudo (UFPR, 2023).

Nesse sentido, a pesquisa foi pensada a partir da dificuldade encontrada como professora de escola de Ensino Médio, onde se constatou a falta de sequenciamento didático no assunto de filosofia política nos 2º anos do Ensino Médio, o que compromete o

entendimento dos estudantes na concepção de política, e evidencia a dificuldade de relacionar conceitos importantes, como a hegemonia, a práxis e a democracia, além, de apresentar a trajetória de Gramsci, teórico de grande importância para a filosofia e a educação, que elucida questionamentos sobre os conceitos e teorias políticas, desmistifica alguns preconceitos sobre formas de governo e a própria filosofia.

O formato escolhido para essa pesquisa é o de Pesquisa-ação, por ir de encontro a filosofia da práxis e por entender que é a melhor escolha para essa investigação, pois faz uma junção da teoria e da prática, cumprindo, dessa forma, com o objetivo do mestrado profissional que exige além da pesquisa a elaboração e a apresentação de um produto.

Destaca-se nesse estudo que a falta de sequenciamento didático a partir dos conceitos de Gramsci tem grande influência no pensamento autônomo da participação do estudante no contexto político atual, nesse sentido, passo a caracterizar e detalhar o processo metodológico da investigação.

Na primeira sessão, temos a escola como *locus* de estudo, os desenvolvimentos das aulas e suas atividades práticas, a apresentação do filme, e a aplicação de questionário e o processo de análise.

7.1 A escola *locus* do estudo

A escola pública é uma instituição mantida pelos órgãos públicos, sejam eles de âmbito federal, estadual ou municipal. Como instituição pública, está sujeita a forças conflitantes que influenciam no seu controle, objetivo e funcionamento. Caracterizam-se pelas contradições e conflitos sociais exteriores a ela, já que é resultante de um longo processo histórico de construção e institucionalização que corresponde a uma política que objetiva assegurar o controle legítimo do Estado sobre as escolas e a educação escolar.

Trata-se de escolas, as quais as características ainda persistem há séculos, como destaca Foucault (2008) ao detalhar o panóptico de Bentham.

Ainda sobre a instituição escolar, Osório (2010c, p. 105, grifos do autor) enfatiza que a escola,

Transforma-se no esteio de seletividade social, pois ela detém a guarda do saber. As notas ou conceito fazem da individualidade ‘diferentes casos’, distribuídos apenas em duas possibilidades: o sucesso (aprovação) ou o insucesso (reprovação). Em cada tijolo de seu prédio, uma regra; em cada lugar, um indivíduo; um indivíduo que não está em lugar nenhum, mas pertence a esse espaço social, sendo institucional para permanecer estrategicamente vigiado.

A escola possui uma arquitetura na qual, os estudantes ficam nas carteiras dispostas em filas, um atrás do outro, e o espaço da frente é reservado ao professor, tudo construído e arquitetado no sentido de propiciar uma rede de olhares que controla uns aos outros.

As mesmas características são encontradas na escola em questão onde se desenvolverá a pesquisa, existe a divisão em grupos, com classificação, um do lado do outro, sobre o olhar do professor, com provas tarefas, disciplina de horários de entrada e saída, com grade curricular, com avaliações de caráter quantitativo e as mesmas disposições e divisões hierárquicas.

Para este estudo, a escola, lócus da pesquisa, é a Escola Estadual Vespasiano Martins localizada na Rua 13 de Maio, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Inaugurada em 26 de agosto de 1953, com o propósito de oferecer educação de qualidade aos jovens e adolescentes da região. A escola tem se destacado ao longo dos anos como uma referência na comunidade educacional.

Além do ensino de qualidade, a escola também se preocupa com a formação cidadã dos estudantes, buscando desenvolver valores como ética, responsabilidade social e consciência crítica. Acredita-se que a educação vai além dos conteúdos curriculares, e por isso são realizadas diversas atividades extracurriculares, projetos e ações que visam contribuir para a formação de cidadãos conscientes e engajados em sua comunidade.

A Escola Estadual Vespasiano Martins conta com uma infraestrutura adequada para atender as necessidades de seus alunos, oferecendo salas de aula equipadas, laboratórios, biblioteca e demais recursos que favorecem o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a escola busca estar sempre atualizada com as novas tecnologias e metodologias educacionais, buscando tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas para os estudantes.

Sua trajetória de sucesso é fruto do esforço conjunto de toda a equipe escolar, dos estudantes e de suas famílias, que acreditam no poder transformador da educação para a construção de um futuro melhor. Essa relação entre professores, alunos e famílias é valorizada pela escola, pois entende-se que a parceria entre esses agentes é fundamental para o sucesso da educação. A participação da comunidade escolar é incentivada em todas as instâncias, promovendo assim o engajamento de todos no processo educativo.

O Novo Ensino Médio na escola surge como uma proposta de transformação na educação, buscando adequar o currículo escolar às necessidades e demandas da sociedade contemporânea. Quando associado ao modelo de escola de tempo integral, essa abordagem ganha ainda mais potencial para promover uma formação completa e significativa dos estudantes.

Uma das principais características do Novo Ensino Médio é a flexibilização do currículo, que permite a escolha de itinerários formativos pelos alunos, de acordo com seus interesses e aptidões. Isso possibilita uma maior personalização do ensino, tornando-o mais atrativo e conectado com a realidade dos jovens. Como Ensino em Tempo Integral e a extensão da carga horária diária, pode abranger tanto atividades curriculares quanto extracurriculares. Dessa forma, os estudantes têm mais tempo para aprofundar seus conhecimentos nas disciplinas regulares, possibilitando uma aprendizagem mais consistente e aprofundada. Além disso, essa modalidade permite a inclusão de atividades práticas, projetos de pesquisa, debates, rodas de conversa e outras dinâmicas que estimulem o pensamento crítico e a criatividade.

Com mais tempo dedicado à escola, os alunos têm a oportunidade de participar ativamente do planejamento e da organização das atividades, sendo protagonistas de sua própria aprendizagem. Esse protagonismo é fundamental para que os estudantes desenvolvam habilidades como a capacidade de tomar decisões, resolver problemas e enfrentar desafios com confiança.

Essa diversidade de experiências oferecida pela escola de tempo integral contribui para uma formação mais ampla e integral dos estudantes. Eles têm a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais, além de adquirir competências essenciais para sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

A escola é organizada com uma estrutura de 7 salas de aula, sala de vídeo, sala de tecnologia, biblioteca, e demais dependência como sala dos professores, banheiros, secretaria, quadra de esportes, cozinha, sala da coordenação e direção, e acessibilidade.

7.2 O sequenciamento didático na prática

A prática adotada pelas escolas para as aulas de Filosofia, e que segue o cronograma encontrado nas opções de planejamentos de aula no site do (SGDE) Sistema de Gestão de Dados Escolares, começa pela política antiga e medieval - geralmente tratado no 1º ano do Ensino Médio - logo após, é tratado sobre a construção do Estado Moderno até o Liberalismo, no 2º ano do Ensino Médio. Dessa forma, o assunto sofre uma ruptura de sequenciamento didático que ao chegar às teorias socialistas com as discussões sobre a escola de Frankfurt, salta para a questão da Democracia Contemporânea, sem antes discutir acontecimentos e teorias que são necessários para dar continuidade ao pensamento crítico - político, o que pode gerar dificuldade em compreender o desdobramento que se dá na história política até os dias

atuais, além de, gerar preconceito sobre direcionamentos políticos sem fundamentação teórica.

Dada à importância do assunto houve a necessidade de se pensar no desenvolvimento de aulas que pudesse subsidiar as aulas de filosofia política como sugestão aos professores de Filosofia, a partir da confecção de um sequenciamento didático que possibilitasse a discussão da história política a partir dos conceitos discutidos por Gramsci como: a hegemonia, a filosofia da práxis e a democracia, conceitos esses que são essenciais quando se pensa em autonomia de pensamento político crítico.

Nesse sentido, foram produzidos textos dissertativos abordando os conceitos discutidos por Gramsci como a hegemonia, a práxis e a democracia, (anexos) a partir de uma linguagem mais próxima dos estudantes permitindo assim, um melhor entendimento tanto, dos conceitos observados no dia a dia, a observação de todo enredo do filme, e da conscientização que devem ter quando participam das discussões para a construção de uma sociedade politizada.

Para colocar em prática essas discussões pensou-se na aplicação de aulas, com duração de 50 minutos cada, totalizando 4 h/a, para alunos do segundo ano do Ensino Médio, momento em que se percebe a falta de contextualização desses conceitos.

No decorrer das aulas serão desenvolvidas habilidades contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a análise crítica, a comunicação e a reflexão sobre a realidade sociopolítica, a partir de aulas expositivas e dialogadas, de forma participativa e interativa, em que os estudantes poderão contribuir com suas experiências e conhecimentos anteriores, oralmente sobre o entendimento que se tem dos conceitos discutidos por Gramsci.

O sequenciamento iniciará com a explicação da forma da aplicação da pesquisa nas aulas para os estudantes, em seguida, a análise do entendimento que os estudantes têm sobre os conceitos de hegemonia, práxis e democracia, através do conhecimento adquirido pelo senso-comum, como base para uma análise diagnóstica do conhecimento dos estudantes.

Após haverá uma explanação dos estudantes de forma oral e escrita, em que se inicia perguntas e diálogos sobre esses conceitos. Em seguida, acontece a apresentação do teórico e a explicação na formulação de seus conceitos e suas teorias. Todo o conteúdo deverá ser disponibilizado aos alunos de forma impressa ou na apresentação de *slides* que poderão ser compartilhados com a turma, assim como mais opções de fontes de pesquisa para os estudantes que queiram aprofundar o assunto.

Na aula seguinte a apresentação dos conceitos de hegemonia, práxis e democracia, segundo o filósofo Gramsci, com a entrega de texto impresso para que a aula seja mais

dinâmica, com a leitura e a explicação desses conceitos, provocando os estudantes a fazerem reflexões e conexões com a realidade que os cercam.

Na terceira aula a apresentação de partes do Filme “A Onda”, que contribuirá para demonstrar de forma prática sobre os conceitos discutidos, a participação do indivíduo enquanto sujeito autônomo e como parte de um grupo hegemônico.

Nessa aula, se deve explicar o porquê da escolha desse filme, contemplando a explanação resumida e quais aspectos devem ser observados nesses trechos. No início da atividade deve-se antecipar que ao final da apresentação haverá um diálogo sobre o que foi retratado no filme, se perceberam alguns acontecimentos que já ocorridos na história nacional ou mundial e como foram impactados com a trama, o professor deverá incentivar os estudantes a um debate sobre a importância da autonomia política e na construção de uma sociedade mais democrática.

Depois haverá um questionário breve e objetivo sobre o aproveitamento e a qualidade das aulas e o conteúdo, aqui sendo aplicada a forma quantitativa do aproveitamento das aulas para análise e também uma questão para ser respondida de forma dissertativa para a sugestão dos estudantes para a melhora do material ou de dinâmicas de interação com as aulas, como elogios e sugestões, já que a pesquisa-ação conta com a característica qualitativa e leva em consideração a expectativa e o que os estudantes tem a dizer sobre a aplicação da pesquisa.

A hegemonia é retratada continuamente em todo o desdobramento do estudo, é demonstrada com exemplos de grupos dominantes, com a presença dos intelectuais e na perpetuação de ideologias, para a manutenção do poder. No filme “A Onda”, é retratada quando o grupo dominante que é liderado pelo professor no papel de intelectual, anula o grupo contrário ou a minoria, oprimindo a manifestação de suas ideias, e impondo a sua ideologia a força.

A práxis é aplicada primeira com a explicação teórica, depois a apresentação visual pelo filme, que demonstra como ocorreria em uma prática dentro da escola, e com o diálogo, trazendo para os estudantes a possibilidade de participar de forma autônoma e democrática dos debates políticos que são levantados em sociedade, e a própria prática aplicada nas aulas pelo docente.

A democracia exercida aqui é representada pela participação de forma voluntária dos estudantes no que tange a aplicação do estudo, seja na disciplina de filosofia ou na disciplina eletiva da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, também no questionamento sobre a forma de aplicação desse estudo, disponibilizando a oportunidade de sugerir alterações no

processo de aprendizagem para melhor entendimento. Mas também é representada pela democracia exercida no filme pelos votos abertos, e pela apresentação de várias leituras sobre o conceito de democracia de forma teórica pelo material apresentado e dialogado com os estudantes.

Contemplando a proposta do projeto de maneira integral, e possibilitando a extração de dados para a pesquisa que se dispôs a desenvolver. E comprovando a necessidade e o ineditismo do projeto.

7.3 O desenvolvimento das aulas e suas atividades práticas

A turma será dividida em duplas e os estudantes deverão escrever o que eles entendem sobre os conceitos de hegemonia, práxis e democracia; os que aprenderam pelo senso comum, ou ainda, se não ouviram falar desses conceitos também relatar, para que seja possível uma avaliação diagnóstica da turma, abrindo o debate sobre filosofia política.

Alguns aspectos nessa avaliação são pertinentes, como: o questionamento do entendimento e da aceitação de se dialogar sobre o assunto de filosofia política, se eles estão receptivos, ou se, existe um preconceito, ou revoltas pessoais para se debater sobre o assunto política; e o que eles entendem por política para, a partir dessas falas dar prosseguimento e começar a apresentação do teórico Gramsci.

Feito a apresentação se inicia a explicação dos conceitos que para esse estudo temos como fundamentais que são: a hegemonia, a práxis e a democracia, conceitos esses que auxiliam na formação do estudante no que tange o seu desenvolvimento integral como cidadão político e a sua participação nas escolhas na sociedade a que pertence.

A apresentação do filme ocorre na terceira aula, e servirá como ferramenta, para futuros debates sobre esses conceitos e a demonstração de como eles se aplicam na prática em sociedade, e como começam em grupos. Dada a apresentação, na última aula para os estudantes explanarem como foi a experiência, qual impacto o filme causou, e se querem fazer perguntas pertinente ao filme ou aos conceitos. Após, se aplica o questionário para ter uma futura análise do aproveitamento do estudante de forma quantitativa e após de forma qualitativa por uma pergunta aberta para sugestão de que seria possível melhorar para o entendimento e do assunto, e se a forma didática escolhida foi satisfatória.

Incentivando os estudantes a continuarem explorando os conceitos de Gramsci e a aplicarem esses conhecimentos em suas análises da política e da sociedade, fortalecendo sua participação cidadã.

7.4 A apresentação do filme

O filme “A onda”, antes de ser exibido para os alunos, contará com uma explicação sobre qual o assunto o filme trata qual motivo de se trabalhar com essa obra e essa forma de abordagem, e qual enfoque que buscamos com as cenas escolhidas para o debate.

O filme será apresentado com recortes de edição onde o enfoque estará nas cenas em que é possível observar a aplicação dos conceitos estudados na forma prática. O recorte é necessário por conta do tempo da aula, e o filme será disponibilizado, para todos os estudantes que quiserem assistir na íntegra posteriormente.

Segundo o *site* <desacato.info>(2016), o filme foi lançado exclusivamente para a televisão, “A Onda”, é um filme que pode ser usado para trabalhar questões contemporâneas sobre educação, filosofia e política. Foi baseado em um incidente real ocorrido em uma escola secundária norte-americana em 1967, em Palo Alto, Califórnia. Antes de virar filme, foi romanceado em livro. Há duas versões deste acontecimento: uma versão norte-americana, lançada em 1981, e uma alemã, lançada em 2008, essa última que será utilizada na aplicação das aulas.

No filme alemão de 2008, Rainer Wegner, professor de ensino médio, deve ensinar seus alunos sobre autocracia. Devido ao desinteresse deles, propõe um experimento que explique na prática os mecanismos do fascismo e do poder. Wegner se denomina o líder daquele grupo, escolhe o lema “força pela disciplina” e escolhe ao movimento o nome de “A Onda”. Em pouco tempo, os alunos começam a propagar o poder da unidade e ameaçar os outros. Quando o jogo fica sério, Wegner decide interrompê-lo. Mas é tarde demais, e “A Onda” já saiu de seu controle.

A trama retrata a hegemonia da sala, que se torna dominante pela aplicação de identidade e disciplina do grupo, a filosofia da práxis sendo aplicada aula a aula, pela teoria e depois com a aplicação de práticas de acordo com a observação e debate teórico de como a classe dominante age, e retrata a demonstração de uma falsa democracia velada em que, após o comando de um autocrata, eles passam a crer que todas as decisões foram tomadas democraticamente pelo grupo.

O que deve ficar evidente é que, a escola é um lugar que detêm uma força política, por isso, que esse ambiente é citado por Gramsci como um dos meios de se começar ideologias e hegemonias a partir de um grupo dominante, como acontece nas igrejas, quartéis e partidos políticos.

Outra característica que é evidenciada é o papel do professor como o intelectual dirigente em que a responsabilidade de sua orientação a esse grupo pode trazer várias possibilidades de forma positiva, como a união dos estudantes por uma causa, mostrando que as diferenças ajudam quando se trata de colocar em prática um projeto, com a empatia e a solidariedade entre os membros do grupo e demonstrando que o grupo organizado consegue transcender os muros da escola, ajudando a sociedade a se desenvolver. Mas também de forma negativa produzindo uma ditadura; excluindo os indivíduos que não concordam com a forma de agir, vestir, governar, e viver, demonstrando o lado autoritário e os preconceitos que emergem com os que pensam diferente do grupo dominante, dessa maneira os envolvidos são prejudicados, tanto os que estão fora do grupo, quanto aqueles que decidiram acompanhar “A Onda”.

7.5 A aplicação de questionário e processo de análise

Como Gramsci apresentou uma contribuição profunda para a compreensão dos sistemas de poder, ideologia e transformação social seus conceitos de hegemonia, práxis e democracia, o questionário é direcionado para se obter uma análise crítica e reflexiva. Ao aplicar o questionário, será possível desvelar as nuances desses conceitos, sua interconexão e sua relevância na sociedade contemporânea.

Para a análise qualitativa da produção dos estudantes (textos dissertativos) e a participação com questão aberta sobre a aplicação do projeto e do resultado do instrumento aplicado (questionário), que tem as opções sim e não das afirmações apresentadas, já com a análise quantitativa que foi respondido pela plataforma *google forms*.

A intenção é que as respostas dos questionamentos sejam capazes de fornecer dados que demonstrem a interpretação e o entendimento adquirido pelo estudante; levando em consideração as seguintes perspectivas:

Sobre os conceitos e a apresentação do filósofo Gramsci, sobre a experiência das aulas de forma geral, especificamente sobre os conceitos de hegemonia, práxis e democracia e por último com uma questão aberta para o estudante descrever como foi a experiência no estudo, finalizando assim o questionário e a participação dos estudantes.

7.6 Da prática em sala de aula

A aplicação das aulas se deu com o auxílio e a disponibilidade de aulas cedidas por dois professores da E.E Vespasiano Martins, os professores responsáveis pelas aulas de sociologia que já estava trabalhando a temática de política nas aulas de itinerário formativo e o professor de filosofia onde foi possível trabalhar com duas turmas de 2º ano A e B, também com o tema de filosofia política recém-trabalhado em sala.

As turmas foram de grande ajuda e aceitação para a aplicação do projeto, se mostraram interessados e engajados para o aprendizado sendo possível a aplicação do projeto na íntegra e com sucesso. Levando em consideração a individualidade dos alunos frente suas dificuldades e facilidades na disciplina.

7.7 Do resultado das questões

O conceito de hegemonia tema central para o pensamento de Gramsci, refere-se à dominação de uma classe sobre outras, não apenas através da coerção, mas também da conquista da "hegemonia cultural" – o domínio das ideias e valores. Os questionários contêm perguntas pertinentes a hegemonia como um mero exercício de poder coercitivo ou se inclui a influência cultural. Eles podem desafiar a compreensão sobre como as classes dominantes mantêm seu poder, explorando se as ideias e valores influenciam as estruturas sociais.

Já sobre a práxis, por sua vez, é a interação dinâmica entre a teoria e a prática, resultando na transformação social, e é um dos meios para a emancipação do cidadão, quando colocada em aplicação na educação. Os questionários abordam se a práxis se resume a ações concretas ou se também envolve reflexões teóricas. Eles podem explorar se a mudança social é alcançada apenas através de revoluções violentas ou se a práxis engloba uma abordagem mais holística, incorporando processos evolutivos e colaborativos, todo esse processo sendo desenvolvido na junção do contexto explicitado no filme “A Onda”, com a filosofia da práxis explicada teoricamente em sala de aula.

E sobre a democracia, sob a lente de Gramsci, transcende a simples escolha de representantes. Ela envolve a participação ativa da sociedade civil na formação de uma vontade coletiva e na luta pela hegemonia. Os questionários indagam se a democracia é um instrumento neutro ou se é moldada pelas relações de poder. Eles podem explorar como a democracia é influenciada pela busca da hegemonia e como a sociedade civil pode participar efetivamente nos processos decisórios.

Com esses questionamentos, é possível perceber que os conceitos de hegemonia, práxis e democracia em Gramsci não são independentes, mas sim interconectados. A hegemonia não é somente um exercício de poder político, mas também cultural; a práxis não se resume a ações imediatas, mas inclui a reflexão teórica; e a democracia vai além do ato de votar, abrangendo a formação de valores e consensos sociais. Os questionários podem revelar que a compreensão desses conceitos exige uma abordagem complexa e multidimensional, onde suas interações desempenham um papel fundamental na dinâmica social.

As questões começam de forma que o estudante passa a pensar como eram as concepções sobre esses conceitos antes das aulas, e é convidado a fazer uma análise crítica, se esses conceitos faziam falta em sua formação como cidadão político e social. O projeto teve a participação de 24 estudantes da turma (A) e 16 estudantes da turma (B), todos pertencentes ao 2º ano do Ensino Médio.

Na pergunta: O sequenciamento sugerido sobre filosofia política auxiliou no entendimento de como as relações políticas ocorrem na sociedade? O resultado da primeira questão foi que na turma (A) 22 dos 24 estudantes responderam que sim, e na turma (B), 15 dos 16 estudantes também afirmaram que o sequenciamento do assunto fez com que eles tivessem um maior entendimento sobre as relações políticas, comprovando a necessidade do aprofundamento do assunto. Os 3 alunos que não concordaram com os demais, fazem parte de um pequeno grupo que alegaram ter respondido de qualquer maneira por não ter interesse no assunto, ou por estarem cansados. Na totalidade o índice de aceitação foi de 92,5% dos estudantes que representam 34 respostas sim, e 7,5 de negativas que soma o total de 3 alunos.

Temos que levar em consideração aqui as demandas que cada estudante se identifica e suas dificuldades particulares que influenciam na sua participação. Gramsci já dizia que todos os homens são filósofos, mas nem todos vão exercitar a sua filosofia da mesma maneira.

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são 'filósofos', definindo os limites e as características desta 'filosofia espontânea', peculiar a 'todo o mundo', isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por 'folclore' (Gramsci, 2015, p. 93).

O incentivo a participação, falar de filosofia buscando didáticas que alcancem os estudantes, de formas diversas, onde se encontrem e vejam semelhanças com o seu cotidiano, essa ação é importante para desmistificar a questão de que filosofia é difícil e que o entendimento e aplicação estão distantes da sua realidade.

O próximo questionamento vai de encontro com a diagnóstica feita no início das aulas, pergunta: Antes da aplicação das aulas, você conhecia e sabia conceituar o que é hegemonia, filosofia da práxis e democracia?

O resultado foi que 35 estudantes, (87,5%), não tinham ouvido falar sobre esses conceitos, e 5 estudantes, (12,5%) disseram que já tinham tido contato, na aula os estudantes relataram que já tinham ouvido falar, mas não sabiam conceituar de forma clara. No aproveitamento individual das turmas, a turma (A) cerca de 21 estudantes, (88%) dos estudantes responderam não ter ouvido falar sobre os conceitos, e 3 estudantes (12%) respondeu sim, que em algum momento já tinham ouvido falar. Já na turma (B), 14 estudantes, (88%) respondeu que não tiveram contato com os conceitos e 2 estudantes (13%) respondeu que sim. Uma porcentagem que se iguala nas salas, sendo possível afirmar que foi o mesmo ponto de partida para o início da aplicação do projeto nas duas salas.

Confirmando a necessidade da continuidade do sequenciamento na próxima pergunta que foi: Esses conceitos, em sua opinião, fazem a diferença na hora de discutir, debater e participar da política como cidadão? Os resultados foram que: 38 estudantes (95%) estudantes responderam que os conceitos explicados fazem diferença no seu desenvolvimento como cidadão político, e apenas 2 estudantes (5%) disseram que não. Onde a turma (B), foi unânime, com a concordância dos 16 estudantes, e a turma (A) teve 22 dos seus concordando e 2 (5%), respondeu de forma negativa.

Para se ter uma noção do efeito que a apresentação do teórico surtiu nos estudantes se fez o seguinte questionamento: Na sua opinião o conhecimento do pensador Gramsci, deveria ser levado a todos os estudantes, para uma emancipação do seu pensamento político e uma visão mais ampla a partir da apresentação da sua teoria e seus conceitos? A resposta 37 (92,5%), responderam que sim, o teórico deveria fazer parte do conteúdo programático e seus conceitos, e apenas 3, (7,5%) discordaram de sua importância. A turma (A) teve a aceitação de 23 (96%), ou seja, responderam sim, tendo somente 1, estudante em discordância representando (4%), e a turma (B) 14(88%) concordaram e 2 (12%) responderam não.

Sobre a experiência das aulas de forma geral, se fez as seguintes questões, sobre a apresentação do filme, material utilizado e didática; quanto foi possível relacionar o assunto com o cenário atual, sobre o preconceito sobre se discutir e debater sobre filosofia política, e

se pensar em outras formas de governo. Os resultados obtidos foram: Sobre a apresentação do filme, o material impresso, o debate e o desenvolvimento de pequenos textos, foi uma forma didática satisfatória para a apresentação do conteúdo? 39 (97,5%) dos estudantes responderam que sim, foi satisfatória sendo da turma (A), representando 23(96%) da sala, e turma (B), sendo unanime com os 16 (100%) dos estudantes, tendo apenas 1 (4%) que considerou o material como insuficiente.

Na pergunta seguinte: Na sua experiência enquanto estudante, foi possível relacionar os conceitos e as teorias apresentadas com situações que já aconteceram e que acontecem frequentemente no cenário político nacional? 36 (90%) dos alunos afirmaram que foi possível fazer a relação com o que acontece na atualidade, e apenas 4 (10%) não conseguiram fazer a essa correlação, entre salas turma (A) 21 (88%) dos estudantes responderam sim, que conseguiram e turma (B) 15 (94%), E na mesma sequência tivemos (A) 3 (13%) e (B) 1 (6%) responderam não, que não conseguiram correlacionar

Já quando se pergunta se a atividade e a disseminação do assunto e novas aberturas para debate nas escolas seria possível a diminuição do preconceito, os estudantes externam um certo pessimismo sobre o assunto.

A pergunta foi a seguinte: O preconceito sobre o assunto de filosofia política é comum entre os estudantes. Mesmo com a sua importância na vida do cidadão. Você acredita que a partir de aberturas para discussões sobre o assunto na escola é possível superar esse pré-conceito? O total de 31 (77,5) acreditam que sim, que se superaria o preconceito e 9 (22,5) acreditam que não é possível acabar com o preconceito, nos dados obtidos individualmente nas salas (A) 20 (83%) responderam sim e (B) 11(69%), e para a resposta negativa, que não diminuiria o preconceito, a turma (A) teve 4 (17%) estudantes e (B) 5 (31%).

A próxima pergunta foi pensada para entender se após a apresentação das teorias liberais, socialistas, comunistas e capitalista, se o estudante chegou a pensar na possibilidade de viver em outro país onde se aplica outras formas de governo ou mesmo na possibilidade de pensar em uma reforma governamental no Brasil.

A pergunta: Você se considera contrário a qualquer outra forma de governo que não seja no regime capitalista? As respostas demonstraram que a turma (A) seguiu a resposta à pergunta anterior com pouca diferença, isso ocorre porque uma resposta complementa a outra, se temos pessoas que acreditam ser possível a diminuição do preconceito também ocorreria a possibilidade de se pensar novas formas de governo.

O resultado foi que 29 (72,5%) dos estudantes responderam que não, ou seja, não são contrários a outras formas de governo, e 11 (27,5) responderam que sim, que só aceitam o

regime capitalista. De forma individual a turma (A), totalizou 20 (90%), estudantes responderam que não seriam contrários, e 4 (17%) responderam que sim, sendo contrários. A turma (B) apresentou um resultado diferente, pois a sala se mostrou dividida nessa questão em que, 9 (56%) afirmam que não seriam contrários a outras formas de governo e 7 (44%) afirmam que sim, que seriam contrários. Essa discrepância pode ser legitimada pela possibilidade dos estudantes da turma B, mesmo acreditando em uma mudança gradual do preconceito com a política, ainda não vislumbrarem outra forma de governo que teria uma implementação bem-sucedida aqui no Brasil.

Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, essas ideias, essas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios (Marx, 2009, p. 126).

Marx justificava que os homens estabelecem suas relações sociais de acordo com sua produtividade e suas ideias, categorias, podemos afirmar então que os estudantes que seriam contrários a outra forma de governo porque as relações sociais que têm, é formado por exemplos enraizados de ideologias capitalistas, de crenças políticas e de preconceitos que vem do senso comum, e o próprio grupo hegemônico seja ele, político ou religioso, ainda consegue manter a sua hegemonia nesse grupo, pois, hegemonia refere-se à capacidade de uma classe social dominante de difundir suas ideias, valores e visões de mundo de maneira a serem aceitas e internalizadas pelas classes subalternas como algo natural e legítimo.

Nessa fase os questionários se voltam especificamente sobre os conceitos de hegemonia, práxis e democracia. Para saber se os alunos conseguiram aprender e entender esses conceitos e como eles se aplicam no contexto social.

A primeira questão sobre hegemonia: A hegemonia é um conceito que se refere ao domínio político e econômico de uma classe sobre outras classes? A resposta correta é sim, pois, para Gramsci a hegemonia é mantida e acontece pelo grupo dominante, pela força das ideologias mantidas pelos intelectuais, e por quem detêm o poder político e econômico.

O resultado foi que 35(87.5%) dos estudantes responderam corretamente e 5 (12.5%) responderam de forma errônea como sendo não. O resultado em salas individuais se deu da seguinte maneira, a turma (A) 20 (83%) responderam sim e 4 (17%) responderam não. Já na turma (B) 15 (94%) dos estudantes responderam sim e 1(6%) responderam não.

Na pergunta seguinte os estudantes tiveram que analisar como que a hegemonia ocorre dentro da sociedade, se é um fator que é fácil de ser notado, e qual os meios usados

para se manter a hegemonia atual. A questão: De acordo com Gramsci, a hegemonia envolve apenas o uso da coerção e da força para manter o controle sobre a sociedade? A resposta correta é não, pois, para Gramsci a hegemonia tem várias maneiras de persuadir o grupo dominado; a hegemonia refere-se à capacidade de uma classe social dominante de difundir suas ideias, valores e visões de mundo de maneira a serem aceitas e internalizadas pelas classes dominadas como algo natural e legítimo. Gramsci distingue entre a coerção (usada para manter a ordem social através de leis, polícia etc.) e o consentimento (uma aceitação voluntária das normas e valores impostos pela classe dominante). A hegemonia envolve, portanto, uma combinação de coerção e consentimento.

[...] a hegemonia é uma relação ativa, cambiante, evidenciando os conflitos sociais, os modos de pensar e agir, que se expressam na vivência política; conforme se desenvolvem ou se inter-relacionam as forças em luta, tem se o fortalecimento das relações de domínio, o equilíbrio entre coerção e consenso ou a ampliação da participação política e da organização da sociedade civil (Schlesener, 2007, p. 29).

As respostas para essa questão sobre a relação de hegemonia e a questão da coerção e força, foi que alguns estudantes ainda ficaram em dúvida sobre essa relação, no total de 17 (42,5%) ainda entendiam que a questão da hegemonia envolve apenas o uso da coerção e da força para manter o domínio da sociedade, o que é de se estranhar já que a hegemonia sempre está e existe nas relações de poder na sociedade, mas o uso da força e coerção pelo menos no Brasil, é mais difícil de citarmos exemplos se não for pela ditadura. E 23 (57,5%) dos estudantes responderam que não, de forma assertiva, demonstrando que conseguiram assimilar o conceito.

A próxima questão é uma continuação do pensamento sobre hegemonia e tem o intuito de analisar se o conceito foi elucidado e se ficou claro para os estudantes, todas as formas que se pode começar um grupo hegemônico e as maneiras que são utilizadas para se manter no poder. A questão: A construção da hegemonia envolve também a conquista da "hegemonia cultural", ou seja, a dominação das ideias e valores de uma classe sobre as demais?

A resposta correta é sim, a hegemonia refere-se à capacidade de uma classe social dominante de difundir suas ideias, isso ocorre por vários meios, entre eles a cultura pela disseminação da mídia, as ideologias impostas pelos intelectuais da classe dominante, pelas igrejas, escolas, grupos políticos, por grupos que mantêm suas tradições culturais. Segundo Gruppi (1978), para Gramsci a hegemonia do proletariado depende também de uma nova orientação ideológica e cultural.

[...]Já que a hegemonia do proletariado representa a transformação, a construção de uma nova sociedade, a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização política e de uma nova orientação ideológica e cultural [...] (Gruppi,1978, p. 2).

As perguntas seguintes questionam sobre o conceito de práxis, onde ficou evidenciado um aproveitamento considerável das turmas, mas ainda quase metade dos estudantes não conseguiram assimilar o conceito, podendo se levar em consideração que seria necessário mais tempo de aula para poder demonstrar com outra didática ou debater mais sobre o conceito. Mas na sequência o aproveitamento de respostas corretas foi bem maior, chegando a 85%, o que pode indicar um problema que é bem comum e evidenciado em sala de aula que é a dificuldade de interpretação de texto dos estudantes.

A questão é: Práxis, segundo Gramsci, refere-se à teoria puramente abstrata e desconectada da prática concreta? Em que, a resposta correta seria não, pois, a práxis é a teoria aplicada com a ação concreta, aquilo que é aprendido de forma teórica deve ser aplicada com a ação para poder ser conceituada como práxis. Em que teoria e prática se unificam, até uma aquisição real e completa de uma concepção de mundo coerente e unitária.

[...] A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um dado de fato mecânico, mas um devir histórico, que tem sua fase elementar e primitiva no sentimento de ‘distinção’, de ‘separação’, de independência quase instintiva, progride até a aquisição real e completa de uma concepção de mundo coerente e unitária. [...] (Gramsci, 2015, p. 102-3).

O resultado geral foi que 19 (47.5%) sim, respondendo de forma errada, e 21 (52.5%) não, respondendo de forma correta, um pouco mais da metade dos estudantes; em que a sala. A turma (A) 12 (50%) sim e 12 (50%) não, ficando bem dividida sobre a questão, e a turma (B) 7 (44%) responderam sim e 9 (56%), responderam não, tendo um pouco mais da metade da turma tendo o entendimento.

Quando a pergunta é feita de forma afirmativa, os estudantes tiveram mais respostas corretas para a pergunta: Para Gramsci, a práxis é a interação dinâmica entre a ação prática e a reflexão teórica, resultando na transformação social? Em que a maioria dos estudantes cerca de 34 (85%) responderam sim, acertando a questão, e apenas 6 (15%) dos estudantes responderam não, errando a questão, sendo que a turma (A), 21 (88%) estudantes responderam sim e 3 (13%) respondeu não, já na turma (B) 13 (81%) sim e 3 (19%) não. Demonstrando um equilíbrio na resposta das duas turmas e o entendimento maior da questão quando a mesma pergunta é feita de maneira diferente.

Continuando os questionamentos sobre a práxis ainda foi perguntado: A práxis gramsciana é uma abordagem que considera a mudança social possível apenas através de revoluções violentas? A resposta correta é que não, porque no geral ações violentas sempre partem de quem ou de um grupo que não tem mais argumentos ou que quer tomar o poder pela força somente, a práxis envolve ações pensadas anteriormente com base em teorias que faz com que se chegue a um consenso de forma que não seja necessário o uso da força, o que seria deixado como em último caso.

No total das respostas 32 (80%) dos estudantes respondeu que não, de forma correta e 8 (20%) dos estudantes responderam que sim, errando a questão, sendo turma (A), 20 (83%) dos estudantes não, e 4 (17%) sim, e a turma (B), 12 (75%) responderam não, e 4 (25%) sim, tendo um bom índice de acertos.

As próximas questões tratam sobre o conceito de democracia, um conceito que por relatos dos próprios estudantes, é um conceito que ainda não tinham o entendimento ou conseguiriam explicar o que seria conseguiram, e ainda não tinham tido a oportunidade de falar sobre os tipos de democracia.

O teórico era inédito para as turmas, então o assunto passou a ser totalmente novo para os estudantes. Começando com a democracia burguesa, um termo novo, depois a democracia como meio apenas valendo nas eleições, e como Gramsci conceituava o termo democracia.

Entre os muitos significados de democracia, parece-me que o mais realista e concreto se possa deduzir em conexão com o conceito de hegemonia. No sistema hegemônico, existe democracia entre o grupo dirigente e os grupos dirigidos na medida de que o desenvolvimento da economia e, por conseguinte, a legislação que expressa este desenvolvimento favorecem a passagem molecular dos grupos dirigidos para o grupo dirigente (GRAMSCI, 2007a, p. 287).

Gramsci via a democracia como um terreno de luta de classes, em que diferentes grupos sociais competem por influência e poder. Ele argumentava que a democracia não é um sistema neutro, mas reflete as relações de classe existentes na sociedade. Gramsci é crítico em relação à democracia formal, especialmente quando ela é percebida como neutra. Ele argumenta que, muitas vezes, as estruturas democráticas podem ser usadas para preservar desigualdades e servir aos interesses de determinadas classes.

Essa é a base sobre a qual Gramsci propõe, nos Cadernos, a passagem da 'guerra de movimento' para a 'guerra de posições', baseado: na função dos sujeitos na história. Então, percebe-se a importância da luta pela democracia, que seria o lugar onde novos sujeitos definiriam seu papel e as próprias

estratégias, organizando-se para a luta contra o capitalismo. A estratégia da guerra de posições revela uma concepção instrumental da democracia (Said, 2006, p. 66 – grifos do autor).

Como podemos verificar a democracia para Gramsci, tem uma função instrumental, é por ela que é possível o poder mudar de mãos, a participação proletária fazer diferença em todo o contexto histórico. Logo, na pergunta: Gramsci acreditava que a democracia burguesa era um instrumento neutro que poderia ser usado para a transformação social? A resposta correta é não. No geral as respostas foram que 26 (65%) dos estudantes responderam sim, errando a resposta e 14 (35%) não, acertando a questão, os resultados por turmas separadas foram: turma (A) 16 (67%) sim e 8 (33%) não, turma (B), 10 (63%) sim, e 6 (38%) não. Considera-se aqui para esse resultado não ter sido totalmente positivo em relação a assimilação do conteúdo, uma revisão do material aplicado e disponibilizado para o assunto, o tempo para se assimilar um conteúdo inédito, e o tempo de aula.

Nessa questão os alunos tiveram maior sucesso em suas respostas, mas ainda sim com um aproveitamento de apenas 55% dos participantes respondendo corretamente. A pergunta: Para Gramsci, a democracia é apenas um meio de eleger representantes políticos e não tem relação com a construção de valores e consensos na sociedade? A resposta correta é não, pois, como vimos anteriormente a democracia é um instrumento que deve ser usado na formação de uma sociedade justa e igualitária, e com o mando do poder tendo a possibilidade de ter a participação integral da sociedade

O resultado foi que, o resultado total, 22 (55%) responderam não, acertando a questão e 18 (45%) sim, errando a alternativa. Quando passamos a ver de forma de turmas individuais, a turma (A) 14 (58%) dos estudantes responderam não, um pouco mais da metade de forma assertiva e 10 (42%) responderam sim, errando a questão, e a turma (B) o aproveitamento dos estudantes foi que 8 (50%) responderam não, e 8 (50%) sim, tendo um aproveitamento de exatamente 50% da turma. Aqui podemos perceber que talvez tenha acontecido uma confusão com o que eles entendem como democracia, que seria apenas quando eles votam e elegem os representantes.

Na pergunta seguinte ainda sobre a questão da democracia na concepção gramsciana os alunos demonstraram ter entendido melhor. A pergunta: A concepção gramsciana de democracia inclui a participação ativa da sociedade civil na formação de uma vontade coletiva e na luta pela hegemonia? Todos 33 (82,5%) responderam sim, de forma correta, e 7 (17,5%) responderam não, não acertando a questão, já separadamente a turma (A) 20 (83%) responderam sim e 4 (17%) não, e turma (B) 13 (81%) sim e 3 (19%) não.

Na última questão objetiva os estudantes teriam que pensar nos três conceitos juntos e analisar como eles se correlacionam na filosofia política. A pergunta: Os conceitos de hegemonia, práxis e democracia em Gramsci são independentes entre si e não têm interconexões? No total geral de participação a maioria 25 (62.5%) respondeu não, de forma correta, pois todos esses conceitos estão interrelacionados para que aconteça a hegemonia se precisa do exercício da práxis e da democracia, e 15 (37.5%) responderam que sim, de maneira incorreta, olhando os resultados das turmas individualmente tivemos um aproveitamento semelhante entre ambas, mas a turma B se sobressaindo com uma porcentagem maior de acerto, a turma (A) 14 (58%) responderam não, e 10 (42%) sim, e turma (B) 11 (69%) responderam não e 5 (31%) sim.

E, por último, em relação a questão aberta, na qual, os estudantes deveriam descrever como foi a experiência no estudo, finalizando assim o questionário e a participação dos estudantes obtivemos 40 respostas nas quais foram mencionadas

- Achei bem interessante.
- Minha experiência foi aprofundar mais sobre esse conteúdo, mesmo que já ouvi falar, foi divertido.
- Foi boa, entendi melhor o que é cada conceito e sua diferença na nossa vida e sociedade.
- Achei interessante porque esse conteúdo me chamou muito a atenção e se puder ter mais aulas assim ia ser maravilhoso.
- Top.
- Aula bastante produtiva e bem prática.
- Foi bom a maneira que foi ministrada as aulas, o conteúdo tem uma ótima relevância, abordando temas importantes para estudantes da nossa faixa etária.
- Essa foi a primeira aula dela que eu participei, e é bem explicada!
- Foi boa, tive um conhecimento a mais de cada conceito e diferença de cada um na sociedade.
- Foi boa, fiquei mais como ouvinte e espectadora.
- Achei ótima a experiência e achei importante para a discussão de ideias
- Incrível aprender sobre política
- Achei legal, mas aprendo mais com o Guido.

- Foi muito bom contar com a presença da professora Raquel que nos passou bastante ensinamentos sobre a filosofia política.
- Achei muito interessante aprender sobre filosofia política, pois agora tenho mais conhecimento e domínio para discutir sobre o assunto.
- Foi muito bom ter aulas novamente com a professora Raquel nos ensinando um pouco de filosofia política.
- Boa.
- Foi ótima.
- Não gostei muito.
- Não fui muito participativa, porém tive mais concentração nas falas da professora por ter sua calma ao explicar o conteúdo com falas formais e compreensíveis para facilitar os alunos.
- Gostei muito, podemos participar e dar nossas opiniões, aulas muito produtivas.
- Boa. Achei interessante, diferente e inovador. Gostei muito e aprendi muito.
- Prefiro não opinar por não entender muito sobre o assunto política e não gosto muito mais para fins didáticos tenho meu dever de aprender para fazer minhas atividades escolares.
- Eu gostei do jeito q a professora explica.
- Gostei bastante, principalmente do filme.
- Boa.
- Foram boas, mas eu precisaria de mais aulas para entender mais.
- Muito boas as aulas.
- Foi boa, mas queria que se pode ter mais um pouco de aula pois sinto que preciso um pouco mais de explicação.
- Muito boa.
- Foi boa para o entendimento do assunto.
- Produtiva.
- Muito boa tinha uma pequena ideia desses conceitos, mas com as suas tive uma aprendizagem boa e que abrangeu meus conhecimentos sobre esse assunto e aulas muito interativas entre a sala e a participação social de toda a sala, enfim gostei muito das aulas.
- FOI MUITO INTERATIVA E O FILME FOI MUITO BOM.

- Gostei muito. experiencia rica.
- Muito boa 😊👍.
- Bem legal.
- Gostei muito das aulas, ouve debates e discussões sobre fatos e conhecimentos políticos, além de serem aulas bem produtivas com atividades e filmes.
- Muito boa, entendi o conteúdo e minhas dúvidas foram tiradas com clareza.
- Foi legal entendi o raciocínio muito bem especialmente sobre o filme.

Em conclusão, a aplicação de questionários que exploram os conceitos de hegemonia, práxis e democracia segundo Gramsci oferece uma oportunidade valiosa para aprofundar a compreensão desses pilares teóricos. Ao promover uma reflexão crítica e provocar análises mais profundas, esses questionários não apenas elucidam a importância desses conceitos, mas também instigam a aplicação prática de suas ideias em contextos contemporâneos.

A conscientização dos estudantes pela importância de se tratar esses conceitos reforça a necessidade do assunto na formação deles como cidadãos. E retrata a necessidade de se pensar de forma autônoma.

A aceitação de maneira positiva dos estudantes em debater a política, mesmo de forma indireta estudando seus conceitos e aplicações, também fez com que os eles tivessem um olhar diferente sobre o assunto, pensando em tudo que antecede a política em si, como as ideologias, a formação de grupos hegemônicos, a luta dos dominados pelo poder e em contrapartida a luta do grupo dominante de continuar no poder. E não só em quem exerce a política e seus partidos. Puderam perceber em quais ambientes podem ser influenciados, como o exemplo que afirma Gramsci, nas escolas, igrejas, quartéis; mas também levantaram a questão das mídias sociais, de *fake News*, dos próprios influenciadores quando fazem propaganda de políticos e os artistas de forma geral.

Ainda puderam tirar dúvidas sobre o conceito de democracia, em que avaliaram os tipos de democracia que temos disponíveis nos governos atuais, e juntar conhecimentos anteriores desde a formação da sociedade, até chegar à forma atual de política. As formas de governo, e como influencia a sociedade de maneira econômica e cultural.

A participação teve um aproveitamento significativo tanto nas respostas corretas, quanto na aprovação da didática e do conteúdo sugerido. Demonstrando um resultado de pesquisa satisfatória.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objeto a construção de um sequenciamento didático e prática pedagógica para as aulas de filosofia para os jovens do ensino médio, tendo como assunto a filosofia política, e como base o teórico Gramsci e os conceitos trabalhados por ele para a elucidação do assunto e da emancipação e autonomia política como: a sua história de vida, trajetória como filósofo, e influenciador político e a preocupação com a educação como forma de emancipação humana, e o esclarecimento dos conceitos de hegemonia, filosofia da práxis e democracia.

A aplicação da prática deu-se com estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Vespasiano Martins – Ensino Médio, no município de Campo Grande MS. A escolha pela sugestão de um seguimento no sequenciamento didático se deu devido à observação da ausência da continuidade do assunto de filosofia política, que é fundamental para a compreensão do assunto, e para diminuir o preconceito que se tem com a política e suas formas em sociedade, e a apresentação do filósofo Gramsci, apresentando os conceitos de hegemonia, filosofia da práxis e democracia.

Nesse contexto partimos do senso comum, do conhecimento que os estudantes demonstraram ter sobre o assunto, e após fazer uma análise diagnóstica da turma, se começa a aplicação das aulas a partir das dificuldades evidenciadas. Conforme o estudo aqui realizado, muitos dos estudantes se mostraram incapazes de explicar os conceitos sugeridos pelo sequenciamento didático e disseram não ter conhecimento sobre o filósofo Gramsci. O que foi possível já no primeiro momento pela avaliação diagnóstica, validar a aplicação do projeto e a sugestão desse sequenciamento didático, sendo possível evidenciar que o estudo além de inédito pelo questionário, ainda demonstrou que é essencial para a formação política dos estudantes e para o entendimento do conteúdo como um todo.

O questionário demonstrou a aceitação das turmas com a continuação do conteúdo de filosofia política e que os assuntos pertinentes do cotidiano como cidadão político ficaram mais claros na concepção dos estudantes. O resultado foi satisfatório com o resultado de que na maioria das questões, obteve-se um índice significativo de acertos, sendo que na maioria das questões o aproveitamento ficou sempre maior que 80%, e nas questões mais complexas, o aproveitamento da turma sempre foi acima de 50%, comprovando a eficácia do projeto.

Os estudantes mostraram interesse no assunto, em que puderam refletir sobre como a filosofia política é importante na sociedade e como ela interfere diretamente na vida de cada cidadão, decidindo e orientando a população pelas ideologias, pela cultura, pela religião, pelo

trabalho e por todo contexto de se viver em sociedade exige de um cidadão autônomo e consciente da sua participação na sociedade, à filosofia é utilizada, como um componente curricular no ensino médio, para se alcançar o protagonismo em aprimorar as disposições para o questionamento e a dúvida no desenvolvimento humano. Buscar explicitar como esse componente pode contribuir para despertar no estudante a disposição para a dúvida e, conseqüentemente, a disposição para buscar informações e respostas necessárias para o seu desenvolvimento.

Para tanto, abordamos inicialmente o filósofo Gramsci, em que foi apresentado tanto a sua biografia, a sua trajetória política, a prisão em que elaborou os cadernos do cárcere, desenvolvendo algumas de suas teorias, e conceituaram os termos sobre a hegemonia, a filosofia da práxis e a democracia. Salientando a importância da educação para a emancipação humana, e o valor da filosofia na formação do sujeito pensante e participativo na sociedade.

Outro aspecto desta dissertação foi a didática na aplicação do projeto em 4 aulas, em que foi possível trabalhar de várias formas o conteúdo para a participação dos estudantes fosse massiva e interativa, primeiro se abriu um lugar de fala para que os estudantes contribuíssem com o conhecimento que tinham adquirido até aquele momento pelo senso comum, ou até mesmo nas aulas de filosofia política, depois escreveram sobre os conceitos a serem trabalhados, em seguida a leitura da biografia dos filósofo Gramsci, que tínhamos como teórico para elucidar os conceitos de hegemonia, filosofia da práxis e democracia, logo após, a apresentação do filme “A Onda”, em que tiveram a oportunidade de ver pelo filme, no qual retrata como a escola é um ambiente no qual é possível se começar movimentos, formar grupos hegemônicos, se começar uma ideologia, em que pode-se tender tanto para o bem da comunidade quanto para o mau, dependendo dos intelectuais que dirigem esse grupo. Puderam observar como a teoria e a prática se unificam, demonstrando a filosofia da práxis em movimento e atuação. A democracia foi o aspecto que foi evidenciado enquanto os alunos participavam de pequenas escolhas, como nome do grupo, códigos de cumprimentos, mas a ação era ordenada sem questionamento pelo intelectual dirigente no caso o professor.

Também é importante indicar a posição sobre as novas formas de relações apontadas na obra, que fez os estudantes se questionarem se seria possível se começar uma ditadura novamente no Brasil, e se eles levariam em consideração viver em outro sistema econômico que não fosse o capitalismo, uma forma de analisar o preconceito sobre sistemas governamentais, ainda não conhecido por eles.

O exercício de pensar criticamente e analisar a influência que a política tem na vida de cada indivíduo, foi bem debatida e contemplada de forma satisfatória. É importante frisar

que a apresentação de filmes em salas de aula tem contribuído para a aprendizagem de forma lúdica, e ainda deixa o ambiente escolar um lugar onde eles têm contato com a cultura cinematográfica, diversifica a forma de aprendizagem e faz do ambiente escolar um lugar prazeroso, já que a aplicação se deu em uma escola de tempo integral e as opções de aulas em outros formatos deixam os estudos menos cansativos para os estudantes, e é uma forma de estimular o interesse e o desejo do aluno de frequentar a escola, pela sua participação ativa como protagonista, pela diversificação das aulas, evitando assim a evasão escolar que é bem relevante no Ensino Médio.

A partir da sensibilização através do filme “A Onda” (2008), os estudantes interpretaram, debateram e produziram reflexões sobre do filme. Na última etapa, os estudantes responderam os questionários pela plataforma *google forms*, em que foi possível analisar o aproveitamento dos alunos de forma qualitativa dos estudantes.

Nessas análises, os estudantes não sabiam ou não conseguiam explicar de forma clara os conceitos sugeridos — hegemonia, filosofia da práxis e democracia — demonstrando assim a necessidade e o ineditismo do material sugerido para o sequenciamento didático do assunto de filosofia política, e a apresentação do filósofo Gramsci, saindo um pouco dos filósofos clássicos que são apresentados tradicionalmente em filosofia política, levando a oportunidade de ter outro ponto de vista sobre educação política como emancipação.

Com o intuito de levar ao conhecimento esses conceitos necessários não só para um maior entendimento da participação como cidadão político na sociedade, mas também para diminuir o preconceito em se debater a política e as formas de governo. Os estudantes relataram uma boa aceitação e tiveram uma participação significativa nos debates e respondendo ao questionário; além de afirmar que o assunto apresentado deveria sim ser inserido no sequenciamento didático e o estudo do filósofo Gramsci também tem sua relevância para o entendimento de filosofia política, e descreveram que foi satisfatória a forma didática sugerida.

Dessa forma, pode-se concluir que os estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Vespasiano Martins, depois dessa experiência consideraram que o componente curricular de filosofia política com um sequenciamento sugerido, em que o assunto vai além dos teóricos tradicionais, contribui e faz toda a diferença para que se estabeleçam processos elucidando conceitos antes desconhecidos, que fazem a diferença quando os estudantes estão sendo formados para serem cidadãos participativos, com uma formação na qual eles possam participar com a sua opinião, que não é mais um senso comum,

mas sim de um estudante que teve contato com informações relevantes para entender como a política funciona em sociedade e como ela influencia todas as áreas da nossa vida.

Os estudantes puderam ter uma visão de que a política não existe apenas no período das eleições, que em todo tempo temos grupos hegemônicos articulando e tentando implementar suas ideologias pela cultura, pela religião, pela mídia, por grupos partidários, em associações, representados por intelectuais que tem essa função de manter ou lutar para ter o poder e se tornar um grupo hegemônico dominante. Também tiveram a oportunidade de debater sobre o conceito de democracia, elucidar dúvidas sobre qual é o papel da democracia no nosso cenário político atual.

Postas essas questões, é possível finalizar este estudo considerando que o uso dos conceitos trazidos pelo filósofo Gramsci, e a sua trajetória de vida, contribui para que os estudantes compreendam os processos que acontecem na política, para a continuação do aprendizado e clarificação de conceitos necessários para a formação como cidadão político. Ficou evidente o impacto das aulas que viraram assuntos nos corredores da escola e a experiência incentivou debates sobre filosofia política que antes tinha uma rejeição entre os estudantes, contribuindo assim para uma reflexão sobre a responsabilidade da sua participação em sociedade, além da importância das escolas no direcionamento da formação do cidadão de forma integral, podendo sair com um entendimento sobre todos os assuntos que refletem e interferem na sua vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ANDRADE, S. C., **Considerações sobre a questão democrática**, Voz da Unidade, 15/01 a 21/01/1982. « EDUCALINGO. **Mazziniano** [on-line]. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-it/mazziniano>>. Nov. 2022 ». Acesso em: 20 nov. 2022, 17:08.
- A ONDA**. Direção: Dennis Gansel. Produzido por: Anita Schneider, Christian Becker e Nina Maag. Alemanha. 107 minutos. Som, cor. 2008.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. [Trad. de Lucie Didio]. Brasília: Liber, 2007.
- BOGDAN, R., & BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto Editora. 1994.
- BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. [Norberto Bobbio; organizado por Michelangelo Bovero; trad. Daniela Beccacia Versiani, 20º imp.]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Hegel e a Democracia**. Conferência apresentada no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 13 de junho de 1997. Disponível em <www.iea.usp.br/artigos>, acesso: 28 jan. 2023: 17:00.
- DESACATOINFO, Filme “A Onda” (The Wave – 1981; Die Welle – 2008), 23/07/2016. <https://desacato.info/filme-a-onda-the-wave-1981-die-welle-2008/> Acesso em: 12/10/2023
- ELLIOT, John. **Pesquisa-ação para a mudança educacional**. Reino Unido: McGraw-Hill Education, 1991.
- FIORI, Giuseppe. **A Vida de Antônio Gramsci**. [Giuseppe Fiori; trad. de Sergio Lamarão] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GRAMSCI, A. **La questione meridionale, Roma, Editori Riuniti**, 1966. In: GRUPPI, L. O conceito de hegemonia em Gramsci. São Paulo: Ed. Graal, 1978.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere- Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e fordismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere – Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vl.3,2002.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere, O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália**. Cadernos do Cárcere, vol. 5. Trad. L. S. Henriques. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere A filosofia de Benedetto Croce**. Vol. 1. 3 ed. Trad. C. N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere. v. 2. Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere: Maquiavel: notas sobre o estado e a política.** 3 ed. V 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (2007a).

GRAMSCI, Antônio. (1891-1937). **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos. (1916-1935)** Org. Carlos Nelson Coutinho]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere. V. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere.** Ed. e trad. Carlos Nelson Coutinho; Coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. v. 1, 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal.1978.

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção os Economistas).

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** [Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano]. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 535.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã. Teses sobre Feuerbach** [Trad. Marcelo Backes]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 27-29.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** [Trad. Jesus Ranieri. 3. impr.]. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K. **Miséria da filosofia:** resposta à filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MONTESQUIEU. **Do Espírito das Leis.** Trad. Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).

NATOLI, Claudio. Grande guerra e renovação do socialismo nos escritos do jovem Gramsci (1914-1918). Gramsci no seu tempo. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira. In: AGGIO, Alberto; HENRIQUE, Luiz Sergio; VACCA, Giuseppe (Orgs), **Gramsci no seu tempo.** [Luiz Sergio Henriques Trad.]. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira; Coedição. Rio de Janeiro, Contraponto, 2010.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2004.

OCTAVIANI, Alessandro. **HEGEMONIA E DIREITO.** Capítulo da dissertação de Mestrado do autor, desenvolvida junto ao Departamento de Ciência Política da FFLCH – USP, sob a orientação do prof. Cícero Araújo, com o título Hegemonia e direito: uma reconstrução do conceito de Gramsci, durante os anos de 2002-5. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/274520/mod_resource/content/1/Aula%2004%20-%20Octaviani.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Org.). As Instituições: discursos, significados e significantes, buscando subsídios teóricos e metodológicos. In: OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. Diálogos em Foucault. 1. Ed. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2010c.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A pesquisa-ação como forma de investigação no âmbito da educação física escolar. **ANAIS IV SIPEQ** January 2010. Conference: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, At: Rio Claro, SP, Brazil, Volume: IV, [ISBN – 978-85-98623-04-7]. Disponível no site: <<https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/89.pdf>>

SAID, Ana Maria. **A estratégia e o conceito de democracia em Gramsci e o PCB**. 179f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP, 2006. Disponível para download: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/368508>

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **Ensino de filosofia de uma perspectiva histórico-problematizadora**. In: MARTINS, M. F. Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade? Campinas e Americana: Autores Associados/Centro Unisal, 2008.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SIMIONATTO, Ivete. **I. Marxismo gramsciano e serviço social: interlocuções mais que necessárias**. Em Pauta, Rio de Janeiro: v. 26, 2011.

SCHLESENER, A. H. **Revolução e cultura em Gramsci**. 1 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2019

SCHLESENER, A. H. **Hegemonia e cultura: Gramsci**. 3 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

UFMS. Universidade Federal de Mato grosso do Sul. **Regulamento do Mestrado Profissional e Filosofia – PROF-FILO**. Campo Grande – MS, 2023. Disponível no site: <<https://ppgproffilo.ufms.br/regulamento/>>. Acesso em: 10 out. 2023.

UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2023. **O que é um mestrado profissional**. Disponível no site: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/o-que-e-um-mestrado-profissional/>>. Acesso em: 10 out. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A**TCLE E TA**

APÊNDICE A - TCLE E TA



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Filosofia
- PROF-FILO



OFÍCIO Nº 001/2023/PROF-FILO/FACH

Campo Grande – MS, 01 de agosto de 2023.

Da: Prof. Dr. Marta Nunes da Costa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Filosofia - PROF-FILO/UFMS

Para: Hélio Queiroz Daher
Secretária de Estado de Educação

Assunto: Solicitação (faz)

Prezado Senhor,

Informamos que RAQUEL DAIANA ZIELINSKI é Mestranda do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Para a elaboração de sua Dissertação, ela desenvolve uma pesquisa intitulada “A filosofia da práxis na formação política no Ensino Médio”, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos da Silva.

Para o desenvolvimento desse projeto em sua etapa de campo, no qual ela irá analisar a sequenciamento didático e estratégias de abordagem que ofereçam alternativas aos professores que pretendam elucidar a partir do senso-comum o pensamento crítico filosófico, dos conceitos políticos sobre democracia, hegemonia e filosofia da práxis, ela necessita autorização para desenvolver seu estudo com estudantes do 2º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Vespasiano Martins, na qual já desenvolveu atividades enquanto professora convocada e observou a possibilidade de desenvolvimento desse estudo com os estudantes. Serão necessárias quatro (4) aulas de Filosofia para abordagem do assunto, desenvolvimento de atividades e aplicação de questionário.

A aplicação do questionário se dará da seguinte forma: quando obtivermos a autorização, entraremos em contato com a unidade escolar indicada para informar sobre a pesquisa e disponibilizar a direção e coordenação escolar o instrumento a ser utilizado no qual os estudantes nos fornecerão detalhes sobre a abordagem do assunto no decorrer das quatro aulas além do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de Anuência (TA). (anexo). Após o preenchimento os questionários serão devolvidos à mestranda ou na Coordenação da escola. A pesquisadora passará recolhendo o material, caso não consigam responder na finalização da aula.

Em função das questões a serem abordadas pelo instrumento de pesquisa e objetivando diminuir ao máximo possíveis resistências, será mantido o anonimato do formulário, não sendo solicitado aos estudantes que se identifiquem, portanto o questionário será entregue em mãos e os mesmo após serem respondidos deverão ser devolvidos para a pesquisadora.

É importante salientar que a utilização dos dados se dará apenas dentro dos objetivos desse projeto de pesquisa, não sendo destinados a outros fins e se compromete ainda a dar uma devolutiva dos resultados da investigação à instituição.

Sem mais despedimo-nos, colocando-nos à disposição para quaisquer informações pelo tel. (067) 98103-9309 (orientador) ou Mestranda (067) 998082109.

Prof. Dr. Marta Nunes da Costa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UFMS



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em
Filosofia - PROF-FILO



OFÍCIO Nº 001/2023/PROF-FILO/FACH

Campo Grande – MS, 01 de agosto de 2023.

Da: Prof. Dr. Marta Nunes da Costa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia -
PROF-FILO/UFMS

Para: Hélio Queiroz Daher
Secretária de Estado de Educação

Assunto: Solicitação (faz)

Prezado Senhor,

Informamos que RAQUEL DAIANA ZIELINSKI é Mestranda do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Para a elaboração de sua Dissertação, ela desenvolve uma pesquisa intitulada “A filosofia da práxis na formação política no Ensino Médio”, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos da Silva.

Para dar continuidade à pesquisa, como um dos métodos utilizado é a Pesquisa-ação para a análise qualitativa de seus estudos ao final das atividades será aplicado um questionário aos estudantes para que possam responder sobre o aproveitamento das aulas.

É importante salientar que a utilização dos dados se dará apenas dentro dos objetivos desse projeto de pesquisa, não sendo destinados a outros fins e se compromete ainda a dar uma devolutiva dos resultados da investigação à instituição.

Sem mais despedimo-nos, colocando-nos à disposição para quaisquer informações pelo tel. (067) 98103-9309 (orientador) ou Mestranda (067) 998082109.

Prof. Dr. Marta Nunes da Costa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UFMS



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Filosofia
- PROF-FILO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou realizando uma pesquisa com a finalidade de analisar o sequenciamento didático e estratégias de abordagem que ofereçam alternativas aos professores que pretendam elucidar a partir do senso-comum o pensamento crítico filosófico, dos conceitos políticos sobre democracia, hegemonia e filosofia da práxis, com estudantes do 2º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Vespasiano Martins de Campo Grande, MS.

Os estudantes serão avaliados a partir da aplicação de um questionário em que responderão sobre o entendimento que adquiriram em relação ao sequenciamento didático aplicado no decorrer das quatro aulas, nas quais, foram apresentados os conceitos de filosofia política, a partir do relato dos estudantes (senso comum), discussões, explanação de conceitos, apresentação de trecho de filme que elucidam os assuntos tratados e produção textual, e, com isto, possibilitar a produção de material de apoio para os professores utilizarem nas aulas de filosofia como sugestão para o sequenciamento didático.

Para esta pesquisa, necessitamos de informações dos estudantes, por meio do questionário, sobre esses aspectos.

O registro das informações, o nome e identidade do (s) estudante (s) serão mantidos em sigilo, sendo garantida a confidencialidade e privacidade às informações coletadas quando da publicação do relatório final da pesquisa.

Sua participação no estudo é voluntária, você pode optar em participar do mesmo ou não. Entretanto sua colaboração é muito importante para que eu possa realizar este trabalho.

Ao término do estudo será apresentado à SED/MS e a Escola estadual Vespasiano Martins, os resultados obtidos sobre o assunto abordado, entregando cópia do material produzido para apoio aos professores de filosofia objetivando a melhoria na aplicação do sequenciamento didático das aulas de filosofia.

Na certeza de poder contar com essa parceria, segue uma via assinada do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e uma via do “Termo de Anuência”.

Raquel Daiana Zielisnki



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Filosofia
- PROF-FILO



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro que li e entendi este documento de consentimento, todas as minhas dúvidas foram esclarecidas oralmente e que, participo deste estudo voluntariamente.

Nome completo do (a) voluntário (a) _____ Data
__/__/__

Professor(a) na Escola _____

Local e telefone de contato _____

Assinatura da Pesquisadora _____ Data __/__/__

Nome completo da pesquisadora: Raquel Daiana Zielinski

Telefones para contato: ou Mestranda (067) 998082109.

Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissionalizante em Filosofia: (067) 3345 7924.

Assinatura do Orientador: _____ Data: __/__/__

Nome Completo do orientador: Prof. Dr. José Carlos da Silva

Telefone para contato: Cel.: (067) 98103-9309

Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissionalizante em Filosofia: (067) 3345 7924.

APÊNDICE B

SEQUENCIAMENTO DIDÁTICO – PRODUTO

APÊNDICE B - SEQUENCIAMENTO DIDÁTICO – PRODUTO

PRODUTO 1 – VIDA E CONTRIBUIÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI

OBSERVAÇÃO: Os pré-requisitos necessários para o sequenciamento didático, são:

- Sobre a construção do estado moderno ao liberalismo. (Maquiavel e os contratualistas)
- Teorias socialista, e os conceitos sobre Comunismo e Alienação de Karl Marx,



Apresentação do teórico - Antônio Gramsci

Antônio Francesco Gramsci foi um filósofo, jornalista, historiador e político italiano. Ligado à corrente marxista. Ele nasceu em Ales, Sardenha, região sul da Itália, em 1891, no dia 22 de janeiro e faleceu em 27 de abril de 1937. Pertencente à família humilde, seus estudos só poderão ter continuidade aos 21 anos quando recebeu uma bolsa para estudar literatura na Universidade de Turim. Ainda na universidade, se interessou por filosofia, política e pelas obras dos filósofos Benedetto Croce, Nicolau Maquiavel e Karl Marx.

Em 1913, entrou para o Partido Socialista Italiano, colaborando para diversas publicações em jornais de cunho político. Estas publicações fizeram com que ele se torna-se porta-voz dos Conselhos de Fábrica, apresentando uma nova maneira de cultura e política socialista.

Naquele mesmo ano, (1913) Gramsci publicou “A Força da Revolução”, artigo em que fez uma análise sobre a maré referente a camponeses e operários organizados em Conselhos no mundo todo. Desta forma, Gramsci fazia a cultura tornar-se mais próxima da tarefa de transformação de massas, fundamentada na prática revolucionária, sendo, por consequência, o intelectual orgânico (um de seus conceitos que designa aqueles que atuam junto à sociedade para criar a consciência correspondente aos interesses da classe que representam, mas, além disso, esse intelectual é fruto do grupo de

subalternos e ajuda a formar mais intelectuais como ele para mudar a realidade de seu grupo social)

Anos mais tarde Gramsci rompe com o partido socialista, e funda o PCI, Partido Comunista Italiano, em 1921. No mesmo ano, Mussolini fundou o PNF, Partido Nacional Fascista, na Itália. No poder, fechou veículos de imprensa e destituiu todos os partidos de oposição.

Prisão e Cadernos do Cárcere

Após quatro anos, mesmo tendo imunidade parlamentar, Gramsci foi detido com outros deputados comunistas no cárcere romano de Regina Coeli, pelo governo fascista de Benito Mussolini em 1922 (*O Fascismo é uma ideologia política ultranacionalista e autoritária caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia*) No ano seguinte foi condenado a vinte anos, quatro meses e cinco dias de reclusão em Turi, pelo Tribunal Especial, passando o resto de sua vida encarcerado.

Em 1929, Gramsci teve permissão para escrever. Assim, começou redigir sua obra, “Cadernos do Cárcere”, anotações e planos de estudo sobre a história italiana do século XIX, formação e o desenvolvimento dos grupos intelectuais, a teoria e a história da historiografia, americanismo e o fordismo. Dos vinte e nove cadernos, surgiram a base teórica gramsciana e os conceitos de “Hegemonia Cultural”, “Estado Integral”, “Intelectual Orgânico”, entre outros.

PRODUTO 2 – O CONCEITO DE HEGEMONIA SEGUNDO ANTONIO GRAMSCI

OBSERVAÇÃO: Os pré-requisitos necessários para o sequenciamento didático são:

- A participação da aula anterior, onde os conceitos foram discutidos. Com a explicação da aplicação da pesquisa, e a apresentação do teórico.
- Teorias socialista, e os conceitos sobre Comunismo e Alienação de Karl Marx,

HEGEMONIA

O conceito de hegemonia, finalmente, representa talvez a contribuição mais importante de Gramsci à teoria marxista. Hegemonia é o conjunto das funções de domínio e direção exercido por uma classe social dominante, no decurso de um período, sobre outra classe social e até sobre o conjunto das classes da sociedade. A hegemonia é composta de duas funções: função de domínio e função de direção intelectual e moral, ou função própria de hegemonia [...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. (Antônio Gramsci)

Gramsci utiliza a noção de hegemonia no sentido tradicional de sistema de dominação. Ele fala de capitalismo hegemônico, de exploração hegemônica, de sistema hegemônico. Antes mesmo de sua prisão, Gramsci já se deparara com o fascismo e as mudanças ocorridas no âmbito da educação.

Segundo a ideologia fascista não deveria haver escolas para todos, só para os que dispusessem de tempo livre e estivessem despreocupados em aprender efetivamente. Disso resulta a incompatibilidade da visão marxista e gramsciana de educação e o regime fascista. Uma vez que, na perspectiva marxista

[...] a educação proposta, longe de orientar uns para uma profissão e outros para outra, deveria destinar-se a todas as crianças e jovens, indistintamente, possibilitando tanto o conhecimento da totalidade das ciências, como das capacidades práticas em todas as atividades produtivas. (LOMBARDI, 2011, p. 224)

Gramsci preocupava-se com a transformação social, por isso evidenciou

em seus escritos as classes subalternas, como deveriam receber igualmente formação pela oferta de educação para todos e conteúdos sobre a autonomia política, pertinentes para sua progressão como cidadão na tomada de decisões e a participação na formação da sociedade de forma consciente e emancipadora. Sendo assim, a elaboração de novos conceitos que favorecessem a classe operária era um dos seus propósitos, como exemplo:

Segundo a visão gramsciana, a educação ganha um duplo papel ético político. De um lado, ela é utilizada para manter a situação vigente, forjando nas massas o consenso em relação à visão de mundo de classe dominante e dirigente e adequando o comportamento dos subalternos às necessidades do grupo no poder. De outro, a educação pode também ser utilizada para disputar o poder, criando as condições subjetivas para romper com a hegemonia em vigor e, assim, possibilitar a construção de uma nova civilização. (MARTINS, 2008, p. 297)

A escola tem sua função social e deve ministrar um trabalho pedagógico comprometido com o ser humano e a sociedade que se quer. É um espaço privilegiado para trabalhar o conhecimento. Porém, não deve ter um saber fechado, —em si mesmoll, é preciso saber o que acontece fora e trazer para um real contexto escolar interno, podendo alcançar o todo. Assim, é possível lançar as —primeiras sementesll que visem minimizar a pobreza, as discrepâncias sociais, as desigualdades.

É latente a necessidade de formar cidadãos conscientes de todas as suas potencialidades, que não seja passado para trás, —compradol ou seduzido sutilmente por qualquer ideologia. É preciso um conhecimento esclarecedor que possibilite um olhar, uma leitura crítica dos fatos. Se

a ideologia cedesse lugar ao verdadeiro conhecimento, o currículo e a sociedade seriam finalmente emancipados e libertos.

Todo o conhecimento produz resultados eficazes quando não é capaz de segregar, de criar estratificação social e nem alienar os indivíduos, mas de tirá-los, aos poucos, da —caverna platônica.

O conceito de hegemonia, finalmente, representa talvez a contribuição mais importante de Gramsci à teoria marxista. Hegemonia é o conjunto das funções de domínio e direção exercido por uma classe social dominante, no decurso de um período, sobre outra classe social e até sobre o conjunto das classes da sociedade. A hegemonia é composta de duas funções: função de domínio e função de direção intelectual e moral, ou função própria de hegemonia [...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. (Antônio Gramsci)

Gramsci utiliza a noção de hegemonia no sentido tradicional de sistema de dominação. Ele fala de capitalismo hegemônico, de exploração hegemônica, de sistema hegemônico. Antes mesmo de sua prisão, Gramsci já se deparara com o fascismo e as mudanças ocorridas no âmbito da educação.

Segundo a ideologia fascista não deveria haver escolas para todos, só para os que dispusessem de tempo livre e estivessem despreocupados em aprender efetivamente. Disso resulta a incompatibilidade da visão marxista e gramsciana de educação e o regime fascista. Uma vez que, na perspectiva marxista

Gramsci preocupava-se com a transformação social, por isso evidenciou em seus escritos as classes subalternas, como deveriam receber igualmente formação pela oferta de educação para todos e conteúdos sobre a autonomia política, pertinentes para sua progressão como cidadão na tomada de decisões e a participação na formação da sociedade de forma consciente e emancipadora. Sendo assim, a elaboração de novos conceitos que favorecessem a classe operária era um dos seus propósitos, como exemplo:

A escola tem sua função social e deve ministrar um trabalho pedagógico comprometido com o ser humano e a sociedade que se quer. É um espaço privilegiado para trabalhar o conhecimento. Porém, não deve ter um saber fechado, “em si mesmo”, é preciso saber o que acontece fora e trazer para um real contexto escolar interno, podendo alcançar o todo. Assim, é possível lançar as “primeiras sementes” que visem minimizar a pobreza, as discrepâncias sociais, as desigualdades.

É latente a necessidade de formar cidadãos conscientes de todas as suas potencialidades, que não seja passado para trás, “comprado” ou seduzido sutilmente por qualquer ideologia. É preciso um conhecimento esclarecedor que possibilite um olhar, uma leitura crítica dos fatos. Se a ideologia cedesse lugar ao verdadeiro conhecimento, o currículo e a sociedade seriam finalmente emancipados e libertos.

Todo o conhecimento produz resultados eficazes quando não é capaz de segregar, de criar estratificação social e nem alienar os indivíduos, mas de tirá-los, aos poucos, da “caverna platônica”.

PRODUTO 3 – O CONCEITO DE PRÁXIS SEGUNDO ANTONIO GRAMSCI

FILOSOFIA DA PRÁXIS

O conceito da Práxis na filosofia foi encontrado primeiramente na filosofia de Aristóteles, para ele a práxis é o fundamento da teoria. Já na teoria marxista, esse conceito toma outra proporção, e é vista como viés para a transformação material da realidade. Ainda a esse conceito marxista designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, e a ação que a revolução deve exercer sobre tais relações. (ABBAGNANO, 2012).

A filosofia da práxis entendida por Gramsci, busca conduzir as massas para uma concepção onde é possível a elevação intelectual e econômica da massa proletária. Além disso, a observação da organização social faz com que Gramsci, consiga elencar interferências distintas de concepções de mundo que faz com que a sociedade continue em uma estagnação proposital no desenvolvimento humano dentro da esfera econômica. A práxis aqui não deve ser entendida como objeto de conhecimento, mas como o processo de desenvolvimento humano, que no autoconhecimento prático nos tornamos conscientes.

É importante salientar que não se trata de uma dependência entre teoria e práxis, mas um processo do tornar-se humano na história. Porém, sem consciência este processo seria impossível. A práxis não é um acontecimento do ser, mas corresponde à humanização social que surge a partir do agir. As ações que daí resulta podem ser experimentadas unicamente no processo humano do tornar-se consciente.

Gramsci vai seguir com a importância da consciência de si, mas dará ênfase a outros aspectos dessa relação mais voltados a questão do conhecimento educacional, a participação política, as ideologias, e o papel dos intelectuais.

Partindo do conceito do materialismo histórico.

Sobre a consciência de si, Gramsci, faz um relato das relações sociais e como elas determinam a forma que participamos da história. Todos nós ao nascermos fazemos parte de um grupo social, o problema que se instaura é sobre a crítica e sobre a consciência. É preferível —pensar— sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, participar de uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelo mundo exterior, por um grupo social que todos estão automaticamente envolvidos desde a sua entrada no mundo consciente? Somos homens massa ou homens coletivos?

Gramsci responde: —[...] *quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens massa, nossa própria personalidade é compósita, [...]*. (GRAMSCI, 1981, p. 12). Assim Gramsci, justifica a formação humana, com a história que rodea o indivíduo, e conhecer a sua história desde os homens da caverna, preconceitos de todas as fases históricas, é que se torna responsável pelo caminho para o —conhece-te a si mesmo. Não se separa a filosofia da história da filosofia, não se pode ser filósofo — sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato que ela está em contradição, com outras concepções de mundo. Mas também esses grupos sociais devem ser capazes de sua autonomia histórica, onde não se inspirem apenas em acontecimentos do passado ou nas tecnologias futuras que são realidades de outros grupos sociais, precisam fazer sua história enquanto fazem parte dela.

[...] Gramsci, destaca que o ponto crucial de todas as questões em torno da filosofia da práxis é a formação de sujeitos críticos, a capacidade cognitiva e o espírito de iniciativa a serem despertados naqueles que sofrem a ação dos

dominantes e a passividade frente as estruturas existentes [...] (SEMERARO, 2006, p. 34)

Outro ponto que é tratado sobre a filosofia da práxis gramsciana por Semeraro (2006), é a correlação dialética entre a necessidade e a liberdade. Uma questão que é trazida desde a discussão que Platão faz no livro VII na —Alegoria da Caverna, e que depois muitos outros filósofos debateram e debatem até a atualidade, sobre a necessidade de liberdade.

Quando esse movimento não ocorre, se mutila a liberdade, se degenera para o mecanismo fatalista e para uma política catastrófica, quando se ignora a necessidade corre-se o risco do idealismo especulativo e para políticas conciliatórias. Ou seja, quando não há uma revolução

intelectual, política e social, pequenos gestos ou ações do grupo hegemônico faz com que a classe dominada recue e volte ao mesmo patamar de estagnação.

A noção da filosofia da práxis em Gramsci está relacionada à ação transformadora, ou seja, a capacidade das pessoas de intervir ativamente em sua própria realidade para superar as contradições sociais e alcançar mudanças significativas. Isso envolve tanto a compreensão das estruturas de poder e dominação quanto a construção de alternativas para uma sociedade mais justa e igualitária.

PRODUTO 4 – O CONCEITO DE DEMOCRACIA SEGUNDO ANTONIO GRAMSCI

Na antiguidade e na idade média, a democracia era vista como uma das três formas positivas de governo, monarquia, aristocracia e democracia, quando quem governa busca o bem comum, ou de modo negativo, tirania, oligarquia e demagogia, que é quando quem governa, cuida do seu próprio interesse. Na idade moderna a democracia era vista como atitude política que se opõe ao absolutismo. Na idade contemporânea é visto como alternativa ao totalitarismo seja ideológico ou tecnológico.

A democracia sempre foi caracterizada pela criticidade (antidogmática e anticética) onde sempre se pensa em soluções para melhorá-la. Pois, a democracia não se trata de ir em direção ou agir pelo povo, mas tornar o povo protagonista. O problema não é se o povo deve governar, ou quem deve governar, o problema é saber como governar, ou seja, como o povo pode desfazer-se de um governo sem derramamento de sangue, caso esse governo lese seus direitos e deveres; mas também se a sua política for considerada ruim e equivocada. Nas palavras de Popper —temos necessidade de liberdade para evitar os abusos de poder do

Estado e temos —necessidade do Estado para evitar o abuso de liberdade, conscientes, aliás, de que —esse problema jamais será resolvido. (Abbagnano, 2012).

Segundo Bobbio (2000), —[...] por democracia os antigos entendiam a democracia direta, porque era exercida quando a população se juntava nas praças públicas ou em uma assembleia e decidiam sobre as ações que deveriam tomar pela cidade, então democracia representava literalmente poder de *démos* — lembrando que nessa época apenas algumas pessoas eram consideradas cidadãos e podiam participar das decisões na política — e não como significa hoje, poder dos representantes de *démos*. Hoje temos a democracia representativa, o voto

não é para decidir, mas para eleger quem irá decidir, o que afasta a população da política, de ter algum interesse ou de achar que a sua participação fará diferença entre os governos que adquirem poder.

Hoje ‘democracia’ é um termo que tem uma conotação fortemente positiva. Não há regime, mesmo que mais autocrático, que não goste de ser chamado de democrático. A julgar pelo modo através do qual hoje qualquer regime se autodefine, poderíamos dizer que já não existem no mundo regimes não democráticos. Se as ditaduras existem, existem apenas, como dizem os autocratas, com o objetivo de restaurar o mais rápido possível a verdadeira ‘democracia, que deverá ser, naturalmente, melhor do que a democracia suprimida pela violência. Ao contrário, no tradicional debate sobre as formas de governo, a democracia foi colocada quase em último lugar, exatamente em razão da natureza de poder dirigido ao povo ou pela massa, ao qual foram habitualmente atribuídos os piores vícios da licenciosidade do desregramento, da ignorância, da incompetência, da insensatez, da agressividade, da intolerância. A democracia nasce, segundo clássica passagem, da violência e não pode conservar-se senão através da violência.

(Bobbio, 2000, p. 375 – grifos do autor)

Bobbio (2000) lembra que, os filósofos não viam a democracia como uma boa forma de governo, que Platão no livro VIII da República diz que —da desagregação social da qual é responsável o governo popular: um modelo para tiranos de todos os tempos, cuja tarefa é restabelecer a ordem, ainda que a ferro e fogo. Aristóteles dizia que o termo —democracial serve para designar o mau governo popular. Maquiavel, no entanto, já dava ênfase a questão de quem poderia governar seguindo a ideia de Platão que, os homens deveriam ter uma preparação e ser descendente da casta ouro, pois, não é possível um operário braçal ter aptidão ao cargo de governante, deveriam ter ascendência para comandar, e estes só tinham aprendido a servir. Já Rousseau, embora fosse a favor da democracia, reconheceu que uma real democracia jamais existiu, pois, para ele, a democracia

só é possível em um Estado muito pequeno, no qual seja fácil o povo se reunir e no qual todos se conheçam.

Entre os muitos significados de democracia, parece-me que o mais realista e concreto se possa deduzir em conexão com o conceito de hegemonia. No sistema hegemônico, existe democracia entre o grupo dirigente e os grupos dirigidos na medida de que o desenvolvimento da economia e, por conseguinte, a legislação que expressa este desenvolvimento favorecem a passagem molecular dos grupos dirigidos para o grupo dirigente (Gramsci, 2007a, p. 287).

Para Gramsci, a democracia é um processo em constante evolução, não apenas uma questão de votar ou eleger representantes, mas sim um ambiente onde diferentes grupos e classes sociais podem participar ativamente das decisões políticas, sociais e econômicas que afetam suas vidas. Ele enfatizou a importância da participação popular, da conscientização e da mobilização das massas como elementos fundamentais para uma democracia genuína e transformadora.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BOBBIO, Norberto. Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos. [Norberto Bobbio; organizado por Michelangelo Bovero; trad. Daniela Beccacia Versiani, 20º imp.]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

FIORI, Giuseppe. A Vida de Antônio Gramsci. [Giuseppe Fiori; trad. de Sergio Lamarão] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, A. A Concepção Dialética da História. 4ª edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GRAMSCI, A. La questione meridionale, Roma, Editori Riuniti, 1966. In: GRUPPI, L. O conceito de hegemonia em Gramsci. São Paulo: Ed. Graal, 1978.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere- Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere: Maquiavel: notas sobre o estado e a política. 3 ed. V 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (2007a).

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere. Ed. e trad. Carlos Nelson Coutinho; Coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. v. 1, 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal.1978.

LOMBARDI, J.C. Educação e ensino na obra de Marx e Engels. São Paulo, Alínea, 2011.

SAID, Ana Maria. A estratégia e o conceito de democracia em Gramsci e o PCB. 179f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP, 2006. Disponível para download: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/368508>

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Ensino de filosofia de uma perspectiva histórico-problematizadora. In: MARTINS, M. F. Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade? Campinas e Americana: Autores Associados/Centro Unisal, 2008.

APÊNDICE C

**HEGEMONIA, PRÁXIS E DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE DO FILME "A ONDA"
À LUZ DOS CONCEITOS DE GRAMSCI**

APÊNDICE C - HEGEMONIA, PRÁXIS E DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE DO FILME "A ONDA" À LUZ DOS CONCEITOS DE GRAMSCI

O filme escolhido foi pensado pela sua relação estabelecida pelo ambiente onde se passa a história — no caso a escola — e os personagens envolvidos por serem alunos e professores também garante uma proximidade dos estudantes com a trama. A classificação indicativa do filme é de 16 anos, o que possibilita a passagem do filme para os estudantes dos 2º anos do Ensino Médio. A narrativa conta com uma linguagem simples e que se identifica com essa faixa etária, além de ser um filme dinâmico e que traz muitas das preocupações latentes dos jovens que estão na mesma situação, de querer ser aceito e fazer parte de algum grupo.

O filme "A Onda" (Die Welle), dirigido por Dennis Gansel e lançado em 2008, é uma obra cinematográfica que nos leva a refletir sobre a natureza do poder, a construção da identidade coletiva, os perigos do autoritarismo, a psicologia do grupo, a manipulação social, e a hegemonia. Ao analisar o enredo e os acontecimentos nele retratados, é possível estabelecer uma análise crítica e fazer conexões com esses conceitos trazidos por Gramsci sobre hegemonia, práxis e democracia, que serão tratados nas aulas.

Em sua teoria, Gramsci destacou a importância da hegemonia como o domínio exercido pela classe dominante sobre as demais classes através da cultura, das ideias e dos valores. No filme, observamos como um professor de história, Rainer Wenger, interpretado por Jürgen Vogel, conduz um experimento social em uma escola secundária na Alemanha, criando um movimento de identidade coletiva chamado "A Onda". O que começa como uma atividade educativa inofensiva e rapidamente se transforma em um movimento autoritário, refletindo o perigo da construção de uma hegemonia por meio do carisma e da manipulação psicológica. Nesse contexto, podemos observar a

formação de um grupo por meio da influência de um intelectual, que consegue persuadir a grande maioria e formar uma estrutura hegemônica e com princípios e valores criados a partir de conceitos, mas que passam a deturpar toda uma forma de pensar e agir, começando pela vestimenta e tomando proporções inimagináveis na relação de todo o grupo escolar.

Gramsci enfatizou o conceito da hegemonia como a dominação cultural exercida pela classe dominante sobre as demais classes. No filme, o professor assume o papel do intelectual, que conduz um experimento que revela uma fragilidade preocupante nas convicções individuais e na capacidade de resistir à manipulação ideológica. Isso levanta uma crítica ao próprio conceito de hegemonia de Gramsci, pois sugere que as massas são facilmente influenciáveis e suscetíveis a serem controladas por líderes carismáticos, sem questionar a ideologia por trás do movimento. Uma questão importante a ser levantada, pois, pode-se ter uma noção de como os estudantes veem essa situação em sociedade, da manipulação e se eles concordam com essa fragilidade, e se eles se reconhecem fazendo parte de uma classe que é manipulada pelas influências de outra dominante.

Na construção de uma hegemonia podemos perceber alguns pontos que tornam possível que ela se instaure, como por exemplo, a uniformidade, a disciplina e a submissão às normas impostas pelo grupo, que nos faz refletir sobre como ideias e crenças podem se espalhar rapidamente e se tornar dominantes, mesmo que estejam em contradição com valores democráticos o que é normal acontecer no senso comum.

Ao analisar o conceito de hegemonia de Gramsci, podemos identificar como a ideologia propagada por Wenger e sua habilidade de manipular levam os

estudantes a busca por pertencimento e identidade que os leva a se submeterem a normas impostas pelo grupo, revelando a vulnerabilidade da sociedade à dominação cultural. O filme evidencia como as ideias e valores podem se espalhar rapidamente, mesmo que sejam contraditórios aos princípios democráticos, mostrando a facilidade com que a hegemonia pode emergir.

Outra reflexão importante é sobre a relação entre a práxis e a construção do movimento "A Onda". A práxis, conceito de Gramsci que se refere à prática política que busca a transformação da sociedade, é inicialmente retratada pelos estudantes como uma tentativa de mudar a dinâmica da escola e buscar melhorias no ambiente educacional. No entanto, a práxis é deturpada ao longo do filme, levando a consequências negativas que incluem a supressão da individualidade e a emergência de um sistema totalitário.

Ao analisar o enredo e os conceitos retratados no filme, podemos estabelecer uma análise da práxis à luz das ideias de Gramsci. Para ele o conceito de práxis é uma interação dinâmica entre teoria e ação, e a práxis política é essencial para a transformação da sociedade, pois envolve a participação ativa das massas na busca por objetivos emancipatórios.

Através da análise da práxis no filme, podemos destacar algumas reflexões importantes. Em primeiro lugar, é evidente que a práxis pode ser poderosa em mobilizar as massas e unir as pessoas em torno de um objetivo comum, também que a aplicação da práxis começa com a orientação de um intelectual que percebe a fragilidade ou a necessidade do grupo em questão. No entanto, a falta de uma reflexão crítica e o mergulho cego na identidade coletiva podem levar à perda da individualidade e à supressão da autonomia. Nesse contexto, a práxis é distorcida, pois não há espaço para ação consciente e transformadora. E o conceito trazido por Gramsci, estabelece a necessidade da autonomia e de consciência

crítica sobre toda a ideologia que é formada para se estabelecer uma hegemonia duradoura.

Outra lição importante é sobre a necessidade de questionar a própria práxis em busca de seus objetivos e impactos. A prática política sem uma análise contínua pode levar a consequências não intencionais e, em alguns casos, perigosas. No filme, a falta de questionamento e a submissão aos líderes carismáticos resultam em uma trajetória sombria para o movimento "A Onda", onde a identidade coletiva se torna mais importante do que a liberdade individual.

"A Onda" oferece uma análise da práxis, ressaltando a importância da ação política consciente, da reflexão crítica e do questionamento constante. Ao refletirmos sobre a práxis apresentada no filme, somos instigados a buscar uma práxis verdadeiramente transformadora, que promova a liberdade, a igualdade e a participação ativa das massas na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A democracia é outro conceito que é abordado indiretamente no filme, e mostra como essa forma de governo pode ser frágil e facilmente corrompido quando a sociedade é levada a seguir líderes carismáticos sem questionar ou participar ativamente nas decisões políticas. A falta de uma participação genuína das massas na tomada de decisões é um fator que permite o surgimento de movimentos hegemônicos e autoritários.

Essa perspectiva é crítica em relação ao conceito de democracia de Gramsci, que enfatizava a necessidade de uma "democracia radical" e da participação ativa das massas na tomada de decisões políticas. "A Onda" retrata uma democracia superficial, onde o resultado é uma ordem autoritária que mascara sua natureza opressiva sob o manto de um ideal coletivo.

No entendimento de Gramsci a democracia é um conceito mais amplo do que simplesmente a existência de

instituições políticas formais. Em sua visão, a democracia vai além disso e implica na participação ativa das massas na tomada de decisões políticas e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O experimento do filme, entretanto, toma um rumo perigoso quando os estudantes rapidamente aderem ao movimento de identidade coletiva chamado "A Onda". À medida que o movimento ganha força, vemos os princípios democráticos sendo comprometidos em prol da coesão grupal, levando à emergência de um sistema autoritário. Onde a manipulação ideológica e a busca por identidades coletivas, acaba, colocando em segundo plano a reflexão crítica e a participação democrática na tomada de decisões.

Isso levanta a questão sobre a importância da formação de uma consciência crítica e de uma participação ativa da população para evitar a ascensão de movimentos autoritários e garantir a preservação dos princípios democráticos.

Além disso, "A Onda" mostra como a busca pela coesão grupal e pela identidade coletiva pode levar à supressão das liberdades individuais e à violação dos direitos humanos, em detrimento do bem-estar comum. Isso nos lembra da importância de uma democracia que não só respeite a vontade da maioria, mas também garanta a proteção dos direitos e liberdades fundamentais de todos os cidadãos.

O filme "A Onda", através de sua trama instigante, nos alerta sobre os perigos da manipulação ideológica, da busca acrítica por identidades coletivas e

da falta de uma participação ativa da população na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. A obra nos convida a refletir sobre a importância da formação de uma consciência crítica e da valorização das liberdades individuais como elementos fundamentais para a preservação dos princípios democráticos em nossa sociedade.

Em conclusão, o filme "A Onda" é uma produção que nos leva a refletir sobre os perigos da manipulação social e da construção de movimentos autoritários. No entanto, ao analisar o filme à luz dos conceitos de Gramsci sobre hegemonia, práxis e democracia, encontramos críticas a essas ideias. A representação de um movimento totalitário rapidamente formado nos faz questionar a capacidade das massas de resistir a líderes carismáticos e ideologias opressivas. Dessa forma, "A Onda" nos leva a questionar a natureza da sociedade e da democracia, incitando-nos a buscar uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados na construção de uma sociedade verdadeiramente livre e justa.

A obra nos faz refletir sobre como é essencial questionar ideias hegemônicas, buscar uma práxis transformadora e salvaguardar os valores democráticos em nossas vidas cotidianas. Ao nos conscientizar sobre os perigos da manipulação social e da busca por identidades coletivas acríticas, somos instigados a fortalecer nosso pensamento crítico, a questionar ideologias impostas e a promover a verdadeira participação democrática.

APÊNDICE D

PLANEJAMENTO DAS AULAS APLICADAS

APÊNDICE D - PLANEJAMENTO DAS AULAS APLICADAS

PLANEJAMENTO DA AULA 1

Aula sobre Senso Comum – Vida e Conceitos de Gramsci: Democracia, Hegemonia e Práxis
Objetivos: - Identificar o senso comum dos alunos em relação a esses conceitos. - Desenvolver habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a análise crítica, a comunicação e a reflexão sobre a realidade sociopolítica. - Introduzir os estudantes ao pensamento de Antonio Gramsci.
Duração: Aproximadamente 50 minutos.
Introdução: (10 minutos) - Inicie a aula explicando brevemente sobre o seu trabalho de pesquisa - conceitos de democracia, hegemonia e práxis de Antonio Gramsci. - Abra espaço para perguntas e reflexões iniciais dos estudantes sobre o assunto.
Desenvolvimento: (30 minutos)
1. Atividade: Pesquisa de Senso Comum: (15 minutos) Divida a turma em pequenos grupos. Peça aos grupos que realizem uma pesquisa informal com seus colegas de classe, perguntando o que eles entendem por democracia, hegemonia e práxis. Podem ser usadas pesquisas por meio de questionários, entrevistas ou discussões em sala de aula. Cada grupo deve registrar as respostas e as percepções do senso comum sobre os conceitos. Reúna a turma e peça a cada grupo para compartilhar as respostas que obtiveram. Incentive a discussão e o confronto de ideias, comparando o senso comum dos alunos.
2. Discussão em Grupo: (15 minutos) Realize uma breve apresentação do teórico reforçando suas definições e importância na análise sociopolítica.
Conclusão: (5 minutos) Conclua a aula ressaltando a importância de questionar o senso comum e buscar conhecimentos teóricos para uma compreensão mais profunda da realidade. Destaque as habilidades desenvolvidas na aula, como a análise crítica, a comunicação e a reflexão sobre a realidade sociopolítica, alinhadas com a BNCC.
Observação: O professor pode adaptar a atividade prática de acordo com o contexto da turma e as possibilidades de acesso a materiais de análise, como notícias, discursos ou campanhas de mídia. É importante fornecer referências bibliográficas ou materiais adicionais sobre os conceitos de Gramsci para aprofundamento do conhecimento dos alunos.
Referências: Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação (MEC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/

PLANEJAMENTO DA AULA 2

Aula sobre Antonio Gramsci e os Conceitos de Democracia, Hegemonia e Práxis para o Ensino Médio
Objetivos:
Explorar os conceitos de democracia, hegemonia e práxis presentes na teoria gramsciana. Desenvolver habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como análise crítica, interpretação de textos e reflexão sobre a realidade política e social.
Duração: Aproximadamente 50 minutos.
Introdução: (10 minutos)
Inicie a aula contextualizando a importância de estudar teóricos políticos e suas contribuições para a compreensão da sociedade. Apresente Antônio Gramsci, destacando sua relevância como um dos principais pensadores marxistas do século XX e sua influência na análise da política, cultura e sociedade.
Desenvolvimento: (30 minutos)
1. Teoria de Antônio Gramsci: (10 minutos)
Apresente de forma resumida a vida e a obra de Gramsci, destacando seu período de prisão e a elaboração dos "Cadernos do Cárcere". Explique que Gramsci desenvolveu conceitos fundamentais, como democracia, hegemonia e práxis, que são importantes para entender a política e a transformação social.
2. Conceitos de Democracia, Hegemonia e Filosofia da Práxis: (15 minutos)
Explique os conceitos de democracia, hegemonia e práxis conforme propostos por Gramsci. Destaque a visão ampliada de democracia como participação ativa das massas na vida política e a importância da cultura na construção da hegemonia de uma classe sobre as demais. Aborde a práxis como a prática política que busca a transformação da sociedade e a conscientização das massas.
Atividade Prática: (5 minutos)
Proponha uma atividade prática para que os alunos apliquem os conceitos aprendidos em um contexto real. Divida a turma em grupos e proponha uma atividade de reflexão sobre como os conceitos de Gramsci se aplicam em contextos contemporâneos. Por exemplo, peça aos grupos para analisarem notícias, discursos políticos ou campanhas de mídia à luz dos conceitos estudados. Eles devem identificar como os elementos de democracia, hegemonia e práxis se manifestam na situação analisada
Conclusão: (5 minutos)
Conclua a aula reforçando a importância de compreender as teorias políticas e sociais para a formação de uma cidadania ativa e crítica. Incentive os alunos a continuarem explorando o pensamento de Antonio Gramsci e a aplicarem os conceitos de democracia, hegemonia e práxis em suas análises da realidade política e social.
Observação:
O professor pode adaptar a atividade prática de acordo com o contexto da turma e os materiais disponíveis para análise. É fundamental fornecer referências bibliográficas ou materiais adicionais para aprofundamento do conhecimento dos alunos sobre Antônio Gramsci e seus conceitos.
Referências:
Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação (MEC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/

PLANEJAMENTO DA AULA 3

Aula Interdisciplinar: Filme "A Onda" e os Conceitos de Gramsci - Democracia, Hegemonia e Práxis
Objetivos:
<p>Analisar o filme "A Onda" e seus conceitos relacionados à democracia, hegemonia e práxis. Compreender a relevância dos conceitos de Gramsci para a compreensão da política e da sociedade. Desenvolver habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como análise crítica, interpretação de textos e reflexão sobre a realidade sociopolítica.</p> <p>Duração: Aproximadamente 60 minutos (partes do filme).</p>
Introdução: (5 minutos)
Inicie a aula contextualizando a importância de estudar teóricos políticos e sua contribuição para a compreensão da sociedade.
Desenvolvimento: (40 minutos)
Análise do Filme "A Onda":
<p>Assista trechos do filme "A Onda" com a turma. Ao final da exibição, promova uma breve discussão sobre as principais cenas e acontecimentos do filme, incentivando os alunos a expressarem suas opiniões e percepções.</p>
Conceitos de Gramsci e Debate:
<p>Divida a turma em grupos e proponha um debate sobre como esses conceitos se relacionam com o filme "A Onda". Incentive os alunos a fazerem conexões entre as cenas do filme e os conceitos de Gramsci, analisando como a busca por identidade coletiva, a liderança carismática e a supressão das individualidades se relacionam com a construção de hegemonia e os desafios da democracia.</p>
Conclusão: (5 minutos)
<p>Conclua a aula reforçando a importância de compreender teorias políticas e sociais para uma cidadania ativa e crítica. Incentive os estudantes a continuarem explorando os conceitos de Gramsci e a aplicarem esses conhecimentos em suas análises da política e da sociedade.</p>
Observação:
<p>O filme "A Onda" aborda temas complexos e pode ser emocionalmente impactante. Certifique-se de que os alunos estão preparados para a exibição e esteja disponível para promover a discussão e o acolhimento de possíveis reações.</p>
Referências:
<p>Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação (MEC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/.</p>

PLANEJAMENTO DA AULA 4

Aula Interdisciplinar: Os Conceitos de Gramsci e a Formação da Autonomia Política
Objetivos:
Compreender os conceitos de democracia, hegemonia e práxis propostos por Antonio Gramsci relacionando-os com o filme. Analisar a relação desses conceitos com a formação da autonomia política dos estudantes. Desenvolver habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como análise crítica, produção de texto dissertativo e reflexão sobre a participação cidadã.
Duração: Aproximadamente 50 minutos.
Introdução: (5 minutos)
Será promovido uma discussão sobre qual a relação que os estudantes fizeram sobre o conceitos conceitos de democracia, hegemonia e práxis e o filme ““A Onda”” como fundamentais para a análise política e social.
Desenvolvimento: (15 minutos)
Aula 1: Teoria de Antonio Gramsci e a Formação da Autonomia Política:
Discuta como esses conceitos estão presentes no contexto político e social atual, incentivando os alunos a fazerem reflexões e conexões com a realidade que os cercam. Promova um debate sobre a importância da autonomia política na vida dos estudantes e na construção de uma sociedade mais democrática. Incentive os alunos a compartilharem suas experiências e percepções sobre o desenvolvimento de sua autonomia política até o momento.
Atividade Prática: (15 minutos)
Divida a turma em grupos e peça aos estudantes que produzam um texto dissertativo sobre os conceitos de Gramsci (democracia, hegemonia e práxis) e sua relação com a formação de sua autonomia política. Eles devem fazer uma análise crítica sobre como a compreensão desses conceitos pode influenciar suas escolhas políticas, seu engajamento cidadão e a participação ativa na sociedade. Os grupos devem apresentar seus textos para a turma e promover um debate sobre as diferentes perspectivas e reflexões compartilhadas.
Conclusão: (5 minutos)
Conclua a aula ressaltando a importância de compreender teorias políticas e refletir sobre a formação da autonomia política como elementos essenciais para uma cidadania ativa e crítica. Incentive os alunos a continuarem explorando os conceitos de Gramsci e a aplicarem esses conhecimentos em suas análises da política e da sociedade, fortalecendo sua participação cidadã.
Aplicação do questionário (5 minutos) (anexo)
Observação:
Durante a atividade prática, circule pela sala para auxiliar os grupos e estimular a participação de todos os alunos. É fundamental fornecer referências bibliográficas ou materiais adicionais para aprofundamento do conhecimento dos alunos sobre Antonio Gramsci e seus conceitos. Caso haja a possibilidade, os textos produzidos pelos alunos podem ser compartilhados em um mural ou em um ambiente virtual, para que todos possam ler e aprender com as reflexões de seus colegas.
Referências:
Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação (MEC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ .

APÊNDICE E

MODELO DO QUESTIONÁRIO

APÊNDICE E - MODELO DO QUESTIONÁRIO

O modelo de questionário seguiu um modelo de respostas diretas SIM ou NÃO, para que fosse possível uma análise mais precisa, e por último uma questão aberta levando em consideração a opinião dos estudantes. As perguntas que antecederam o questionário foi nome e turma.

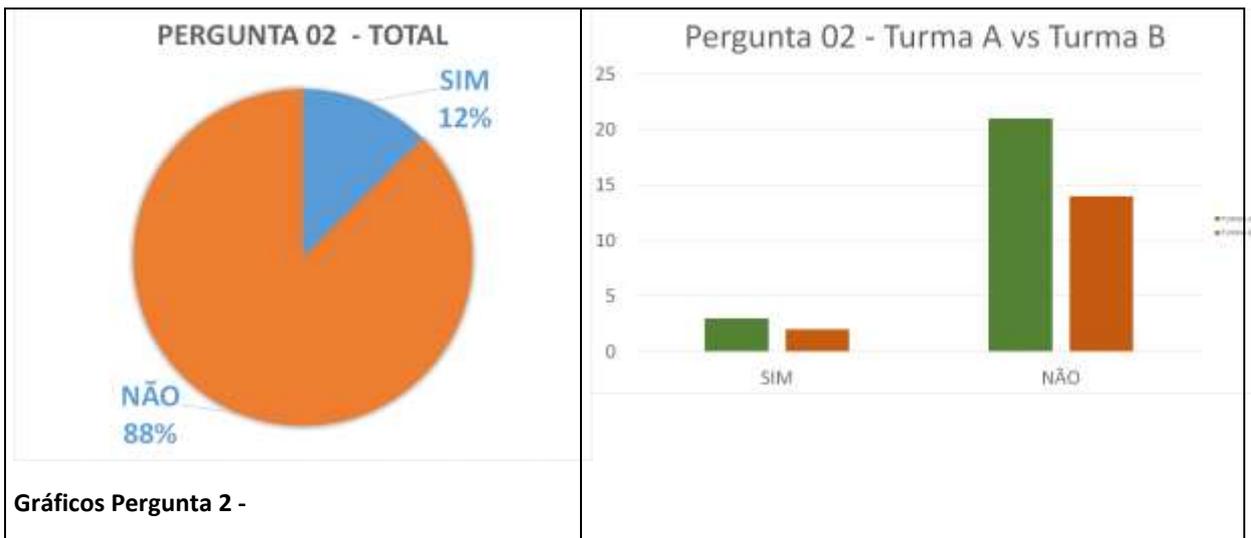
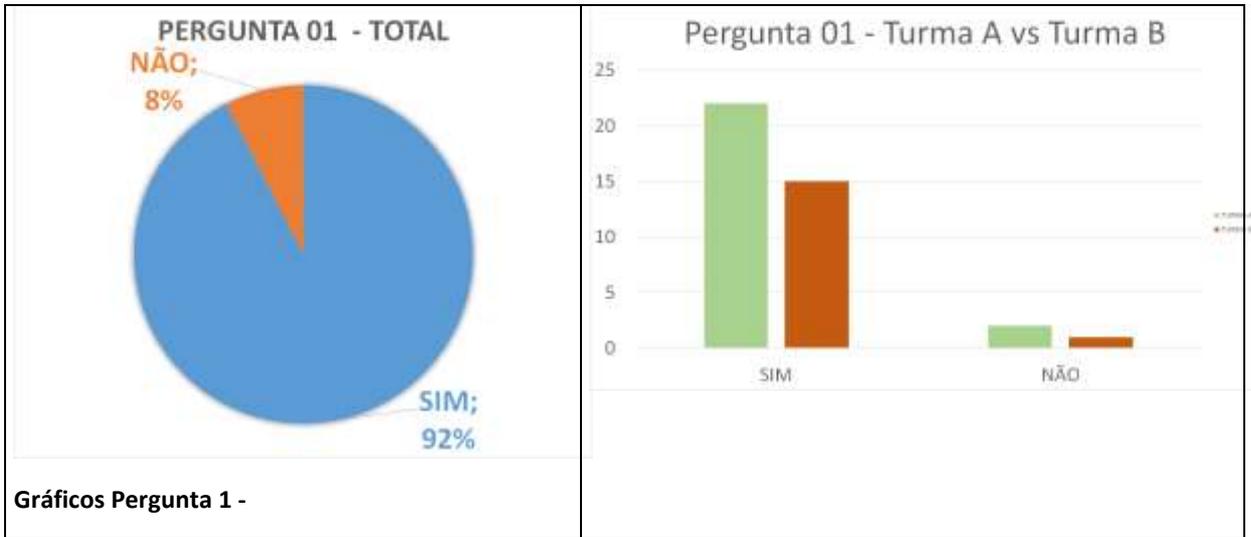
- 1) O sequenciamento sugerido sobre filosofia política, auxiliou no entendimento de como as relações políticas ocorrem na sociedade?
- 2) Antes da aplicação das aulas, você conhecia e sabia conceituar o que é hegemonia, filosofia da práxis e democracia?
- 3) Esses conceitos na sua opinião, fazem a diferença na hora de discutir, debater e participar da política como cidadão?
- 4) Na sua opinião o conhecimento do pensador Antônio Gramsci, deveria ser levado a todos os estudantes, para uma emancipação do seu pensamento político e uma visão mais ampla a partir da apresentação da sua teoria e seus conceitos?
- 5) A apresentação do filme, o material impresso, o debate e o desenvolvimento de pequenos textos, foi uma forma didática satisfatória para a apresentação do conteúdo?
- 6) Na sua experiência enquanto estudante, foi possível relacionar os conceitos e as teorias apresentadas com situações que já aconteceram e que acontecem frequentemente no cenário político nacional?
- 7) O preconceito sobre o assunto de filosofia política é comum entre os estudantes. Mesmo com a sua importância na vida do cidadão. Você acredita que a partir de aberturas para discussões sobre o assunto na escola é possível superar esse pré-conceito?
- 8) Você se considera contrário a qualquer outra forma de governo que não seja no regime capitalista?
- 9) A hegemonia é um conceito que se refere ao domínio político e econômico de uma classe sobre outras classes?
- 10) De acordo com Gramsci, a hegemonia envolve apenas o uso da coerção e da força para manter o controle sobre a sociedade?
- 11) A construção da hegemonia envolve também a conquista da "hegemonia cultural", ou seja, a dominação das ideias e valores de uma classe sobre as demais?
- 12) Práxis, segundo Gramsci, refere-se à teoria puramente abstrata e desconectada da prática concreta?
- 13) Para Gramsci, a práxis é a interação dinâmica entre a ação prática e a reflexão teórica, resultando na transformação social?
- 14) A práxis gramsciana é uma abordagem que considera a mudança social possível apenas através de revoluções violentas?
- 15) Gramsci acreditava que a democracia burguesa era um instrumento neutro que poderia ser usado para a transformação social?
- 16) Para Gramsci, a democracia é apenas um meio de eleger representantes políticos e não tem relação com a construção de valores e consensos na sociedade?
- 17) A concepção gramsciana de democracia inclui a participação ativa da sociedade civil na formação de uma vontade coletiva e na luta pela hegemonia?

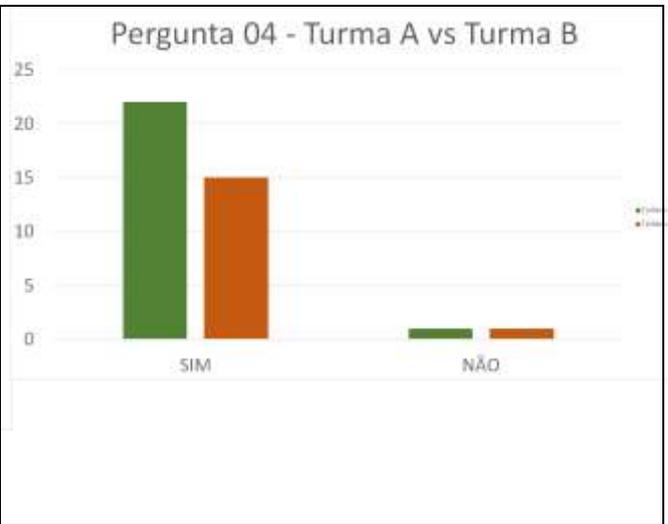
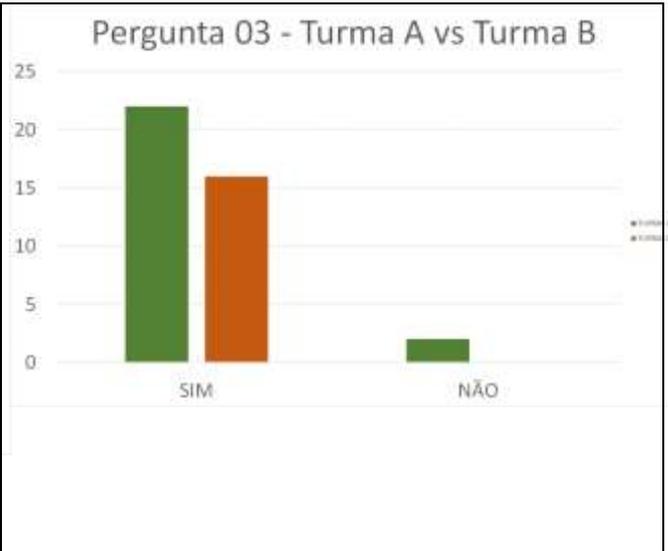
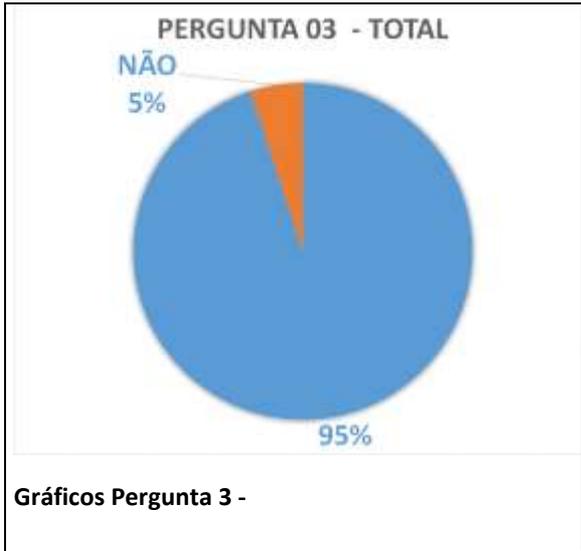
- 18) Os conceitos de hegemonia, práxis e democracia em Gramsci são independentes entre si e não têm interconexões?
- 19) Escreva como foi sua experiência na participação das aulas. (questão aberta dissertativa).

APÊNDICE F

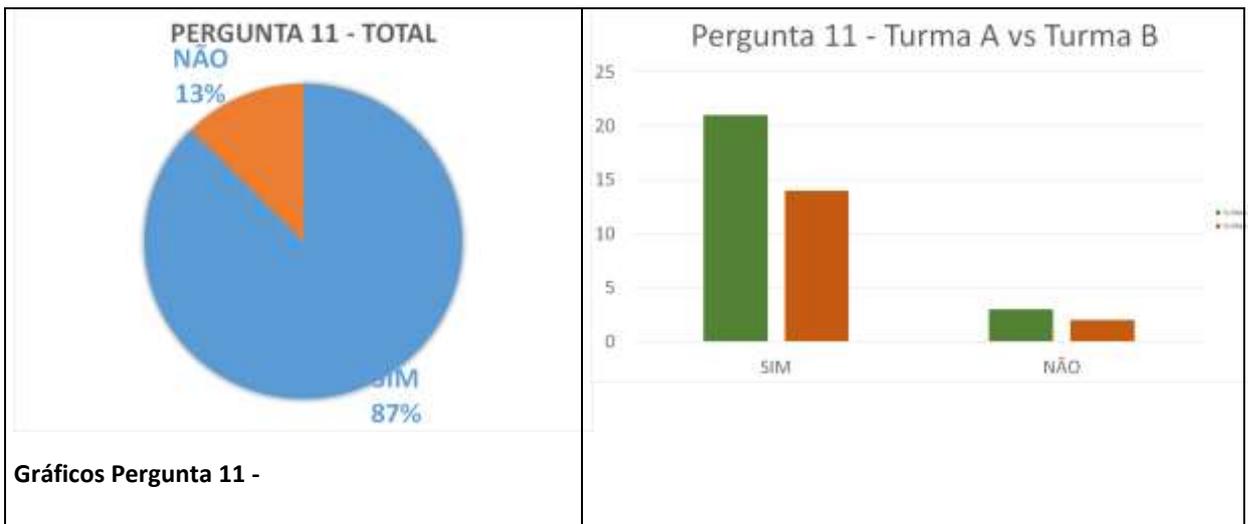
GRÁFICOS

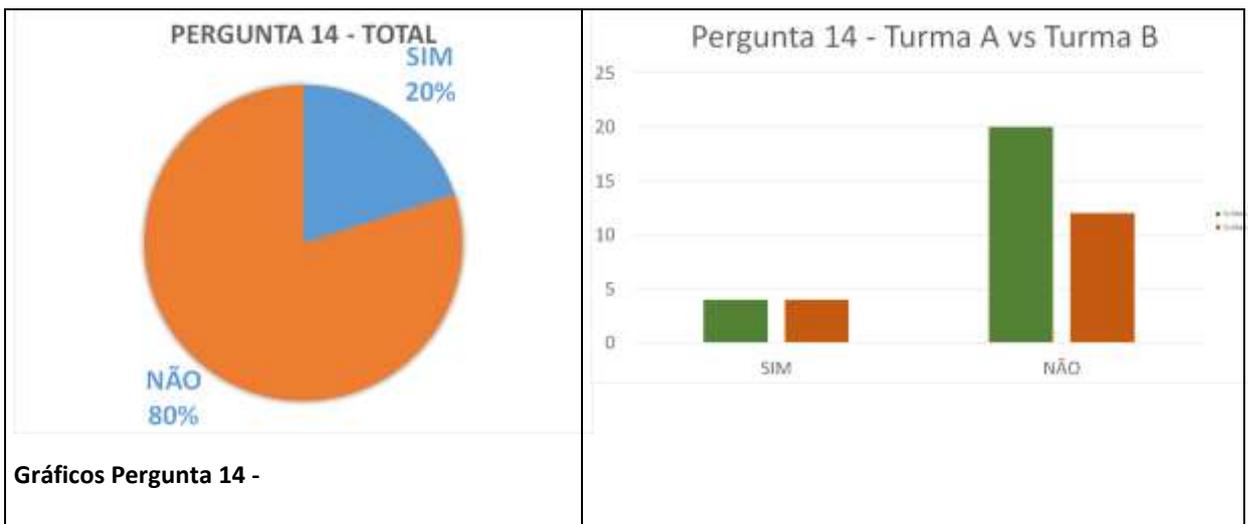
APÊNDICE E - GRÁFICOS

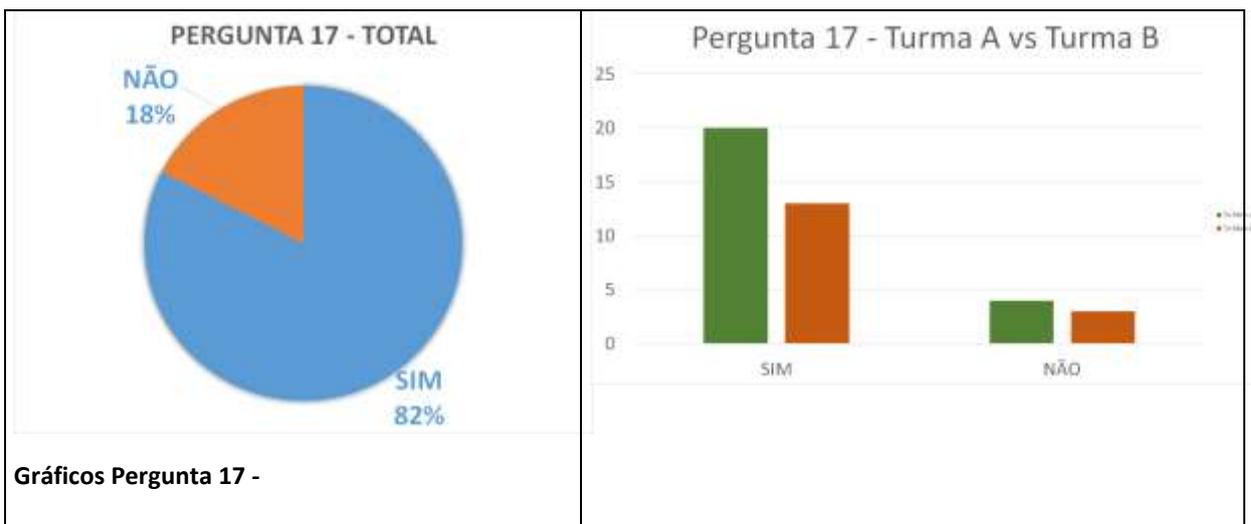














Ficha Catalográfica

ZIELINSKI, Raquel Daiana.

A filosofia da práxis na formação política no ensino médio. / Raquel Daiana Zielinski. – Campo Grande, MS, 2024.
132 f.; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos da Silva.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FACH) – Programa de Pós-graduação em Filosofia – PRO-FILO.

1. Gramsci; 2. Hegemonia; 3. Filosofia da práxis. 4. Democracia I. José Carlos da Silva. II. Título.